

A SITUAÇÃO POLÍTICA

ACTIVIDADE INTENSA EM TODAS AS FRENTE

Enquanto decorrem reuniões militares muito importantes, o Primeiro-Ministro designado, Pinheiro de Azevedo, confirmou ontem que haverá poucas alterações na constituição do actual Governo, conforme ontem tínhamos previsto. Entretanto, salientou uma única demissão — a do comandante Correia Jesuino, actual titular da pasta da Comunicação Social — omitindo outros dois pedidos de demissão que, segundo apurámos, não foram aceites: os do ministro da Coordenação Económica e Planeamento, Mário Murteira, e do ministro da Indústria e Tecnologia, com. eng. naval Quitério Brito.

Os contactos e negociações decorrerão, possivelmente, até ao fim desta semana, só então devendo ser conhecido o elenco definitivo. Entretanto, não parece estar ainda marcada a cerimónia de posse do novo Primeiro-Ministro e do chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, Vasco Gonçalves, o que talvez ocorra amanhã em Belém.

De qualquer modo, confirma-se em parte a proposta de aproximação das diversas correntes feita pelo P.C.P. dias atrás, em conferência de Imprensa. Pinheiro de Azevedo e

Costa Gomes têm mantido contactos sucessivos com o P.C.P., com o P.S. e representantes da Frente Unida Popular, além de receberem delegados das várias correntes militares — grupo dos nove e militares progressistas afectos à linha Vasco Gonçalves e Copcon. A novidade, no meio disto tudo, são os contactos com o P.P.D., não previsto na proposta P.C. por razões óbvias: todas as outras correntes afirmam negar a solução social-democrata, de que o P.P.D. é o principal representante ao nível das forças políti-

cas nacionais.

Alguns observadores entendem, apesar de tudo, que a linha seguida é a mais difícil, pois está a evitar a discussão aberta e directa proposta pelo P.C.P., protelando assim a solução da crise e dando lugar propício à especulação e intriga política.

Entretanto, ao nível militar, continua uma actividade intensa, sobretudo preparatória da Assembleia do M.F.A. que se deve realizar ainda esta semana. Parece clara a tentativa de alguns sectores para alterar a composição da A.M.F.A., dando-lhe aparentemente uma definição menos à esquerda. Confirmam-se, para já, alguns afastamentos por motivos não esclarecidos, entre os quais os de dois conhecidos e activos antifascistas e homens dos mais claramente progressistas do M.F.A.: coronel Varela Gomes e capitão Clemente, ambos ligados à 5.ª Divisão. A Assembleia do Exército, hoje reunida em Tancos, assume um significado incomum, por ser o sector das F.A. considerado mais ligado à «Linha Melo Antunes».

Durante o fim-de-semana o almirante Pinheiro de Azevedo continuou os seus contactos para a formação do novo elenco ministerial, que, como o «DL» noticiou, não sofrerá grandes alterações. Em declarações prestadas ontem à TV, Pinheiro de Azevedo afirmou que o gabinete de Vasco Gonçalves não será grandemente alterado, pois o plano

Continua na pag. 20

MORAIS E SILVA MANDADO APRESENTAR EM BELÉM

Pela Presidência da República foi distribuído, ao fim da manhã de hoje, o seguinte comunicado, assinado pelo chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, general Francisco da Costa Gomes:

«Tendo sido publicado em vários órgãos da Imprensa diária, nas suas edições de ontem e hoje, um comunicado do general José Alberto Morais e Silva, chefe do Estado-Maior da Força Aérea, e considerando o referido comunicado como susceptível de criar dificuldades à concretização das decisões já tomadas, o chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas (C. E. M. G. F. A.) ordenou a apresentação do general Morais e Silva no Gabinete Militar da Presidência da República.»

FORÇA AÉREA

Na Força Aérea, cuja assembleia tem lugar no A. B. 1, amanhã, a partir das 14 horas, causou também surpresa a directiva do chefe do Estado-Maior determinando a alteração da composição da assembleia da

Continua na pag. 20

Estranhas alterações nas assembleias militares

Tudo indica que a Assembleia do M. F. A., a realizar na próxima sexta-feira, venha a ter uma composição substancialmente diferente, de sentido menos progressista.

A confirmar tal ideia há as alterações ocorridas na composição das assembleias de delegados do Exército (cuja reunião tem hoje lugar na Escola Prática de Engenharia em Tancos) e da Força Aérea. No primeiro caso sabe-se do afastamento de oficiais revolucionários como o coronel Varela Gomes e o capitão Durand Clemente, admitindo-se ainda que numerosos oficiais da Região Militar do Norte não deverão igualmente participar no plenário de sexta-feira. Um dos pontos, aliás, a ser debatido na reunião de hoje do Exército respeitava aos problemas surgidos na Região Militar do Norte, onde a nível de comando foram levantados problemas à posição do brigadeiro Eurico Corvacho, comandante da Região.

Entretanto, a reunião de hoje da assembleia de delegados do Exército iniciou-se cerca das 10 e 30, sob a presidência do general Fabião coadjuvado pelos comandantes das regiões militares, brigadeiros Corvacho, Charais e Pizarat Correia. A abrir os trabalhos o general Fabião fez uma análise da situação político-militar, tendo exposto, nomeadamente, as últimas decisões do Presidente da República. Se-



QUATRO FERIDOS

BOMBA NO CONSULADO ESPANHOL DO PORTO

Esta manhã, cerca das 11 horas, explodiu uma bomba no interior do consulado espanhol sito na cidade do Porto.

Quatro feridos: Fernando Nunes, de 44 anos, empregado de escritório, da Rua das Oliveirinhas; Fernando Carlos Marques Caires, de 21, estudante, de Ermesinde; Maria Manuela Nogueira Pereira Gomes, funcionária pública, de Famalicão, e seu filho Alexandre Manuel, de 17 anos. Todos os feridos foram transportados para o Hospital de Santo António.

As quatro pessoas feridas encontravam-se no edifício, a primeira como funcionário e as outras três tratando de assuntos oficiais.

A bomba explodiu num cesto de papéis, danificando em parte o prédio, localizado na Rua D. João IV.

Presume-se que a bomba seja um protesto contra a condenação à morte dos dois bascos da E. T. A. Aliás, esta tarde, efectua-se no Porto uma manifestação a favor dos dois jovens.

8 Pormenor curioso: um minuto antes da explosão da bomba, um anónimo telefonou ao «Primeiro de Janeiro» anunciando a ofensiva de protesto.

ALFABETIZAÇÃO E UNIVERSIDADE ABERTA

PLANO OFICIAL DE ACÇÃO EDUCATIVA

Com o elenco ministerial completo reuniu-se ontem o Conselho de Ministros do V Governo Provisório para apreciar, fundamentalmente, problemas da Educação.

No final da sessão de trabalho foi emitido um comunicado em que o Conselho de Ministros dava conta das resoluções referentes ao Plano de Educação elaborada e apresentada pelo M. E. I. C.

e que constituirá a base de acção daquele Ministério. O Plano vai ser objecto de larga discussão aos mais diversos níveis e eventualmente sujeito às correcções que se pensem necessárias.

Assim foi aprovado um projecto acerca da criação do Instituto de Ciências Biomédicas (Faculdade de Medicina de Santana), aprovado um projecto de decreto-lei criando a Universidade Aberta (Unibe), instituição de educação e ensino de âmbito nacional que utilizará como canais de comunicação pedagógica, os sistemas multimédia de educação e ensino à distância. Recordar-se que na nossa edição do dia 29 do mês passado, damos, em primeira mão, a notícia detalhada do relatório que foi apresentado a Conselho de Ministros e dos objectivos que se pretendem com a criação da Unibe.

Foi ainda aprovado um projecto de decreto-lei, criando no âmbito do Governo e na directiva dependência do ministro da Educação e Investigação Científica, o Conselho Nacional de Alfabetização, o qual visa a institucionalização e execução de um programa nacional de alfabetização.

Quanto à criação do Instituto de Ciências Biomédicas (Faculdade de Medicina do Campo de Santana), informa o texto do Conselho de Ministros: «Es-

Continua na pag. 17

SEISCENTAS CRIANÇAS SEM ESCOLA

A escola Primária da Picheleira foi danificada à pedrada. «Ficou quase destruída» segundo nos disseram. Antes da pedrada lançada contra os vidros, os pais dos alunos resolveram suspender as aulas. E nas paredes do edifício apareceram inscrições como as que a foto exhibe (Ler na página 7)

Nacional

Começaram as paralisações na Marconi

As 10 horas desta manhã, todas as estações e todos os serviços da Marconi paralisaram, com excepção das comunicações de urgência e do tráfego de e para Luanda, Lourenço Marques e Dili.

A paralisação durou uma hora e não foi senão a primeira das paragens de actividade previstas pelo plenário daquela empresa e prontamente executadas, a partir do momento em que se concluiu que a nova resposta da administração à sua proposta de acordo colectivo de trabalho nada adiantava em relação à anterior.

A contraproposta da administração foi recebida ontem, quando os trabalhadores já se encontravam em greve de zelo, e submetida a um plenário realizado às 20 horas. Segundo um «telex» imediatamente en-

viado aos órgãos da Informação, «foi recusada (...) por ser idêntica à anterior, a qual tinha provocado o desencadear da nossa luta. E a comunicação adiantava «Deste modo, os trabalhadores da Marconi decidiram que a nossa luta continua de acordo com o plano já divulgado».

Em cumprimento dessa decisão, nova paralisação de trabalho, igualmente com a duração de uma hora, se efectuará ainda hoje, a partir das 16 horas.

Durante o dia de amanhã, a actividade sofrerá uma redução de quatro horas, em duas paralisações de duas horas: das 10 às 12 e das 16 às 18 horas. A paralisação é, portanto, progressiva, atingindo as 24 horas no próximo sábado, se até lá os trabalhadores não receberem resposta satisfatória da administração.

Trabalhadores do Metro discutem o horário

Diversas vozes discordantes se levantaram no plenário dos trabalhadores do Metropolitano de Lisboa, ao ser lida uma proposta do Governo que pretende que todos cumpram 45 horas semanais, à excepção dos que já têm horário inferior.

A Mesa rejeitou uma proposta de entrada imediata no regime das 40 horas semanais, por considerar que o plenário, no qual já não se encontravam mais de 40 pessoas, não tinha representatividade para discutir um assunto tão importante. Assim, o horário dos trabalhadores do «metro» será objecto de discussão em nova assembleia, a convocar pela Comissão Sindical.

Nessa próxima assembleia serão igualmente discutidos outros pontos da contraproposta apresentada pelo Governo, no seguimento de um projecto de A.C.T. elaborado pelos trabalhadores. Estes ainda não se pronunciaram sobre os pontos referentes às reformas por invalidez e velhice, assistência médica e idade de reforma constantes do documento que lhes foi enviado pelo Ministério dos Transportes e Comunicações.

O único ponto já aceite diz respeito aos salários. A tabela salarial proposta pelo Governo foi aceite por 367 votos a favor, 71 contra e 4 nulos.

Por que é que o P.C.P. se retirou da "frente"

«O P.C.P. considera que teria o máximo interesse a criação de uma Frente Unitária» — lê-se numa nota do Serviço de Informação e Propaganda daquele partido, ontem emitida na sequência de outra, do secretariado provisório da «plataforma de 25 de Agosto», onde se declaravam incompatíveis a proposta do P.C.P. apresentada no passado dia 29 e a sua permanência no seio daquele órgão.

Lembrando: o P.C.P. subcrevera a plataforma no dia 25, no dia 27 participou na manifestação unitária do Cais do Sodré a Belém, um dia depois em Alcântara Alvaro Cunha lia um texto do Comité Central do P.C.P. propondo um encontro de todas as forças políticas e militares empenhadas no desenvolvimento do processo revolucionário. Esta proposta dirigia-se também ao grupo dos «nove» e ao P.S., e este alargamento provocou a mais viva reacção de surpresa e descontentamento por parte de praticamente todas as organizações de esquerda que haviam entrado com o P.C.P. no que seria um projecto para a formação de uma Frente Unitária. Autonomamente, algumas organizações pronunciaram-se logo, formulando ao P.C.P. críticas severas. Depois o secretariado provisório reuniu e não chegou a um consenso sobre a posição a tomar perante o P.C.P., deixando que o P.C.P. se pronunciasse sobre as críticas que lhe fossem feitas. O P.C.P. emitiu um comunicado sustentando a validade da proposta de um encontro alargado e o secretariado, na sequência, reuniu e tornou público que considerava «incompatíveis» as duas posições assumidas pelo P.C.P., não aceitando as justificações que este dera. Parece assim ter-se consumado a saída do P.C.P. da Frente («A Frente não existe» — dizia ontem Carlos Aboim Inglês, destacado dirigente do P.C.P. à agência ANI), pelo menos do projecto que para ela aponta, pelo menos do secretariado provisório da plataforma sobre a qual esse projecto assenta.

O comunicado ontem emitido pelo S.I.P. do P.C.P. diz que a criação de uma Frente Unitária teria o máximo interesse. O sublinhado é nosso e o S.I.P. prossegue: «Logo se viu porém que alguns dos participantes no secretariado provisório antes mesmo de constituída essa Frente não tinham como objectivo uma cooperação sincera e leal, manifestando até publicamente o seu propósito de aproveitarem o acordo de 25 de Agosto e o secretariado provisório para impor concepções, pretender hegemonias e combater de forma polémica e

pública outros participantes».

Seguem-se acusações, e a revelação da declaração apresentada pelo P.C.P. na reunião de 31 de Agosto. Ali o P.C.P. reconhecia a todos os participantes no secretariado provisório o direito de terem as suas opiniões próprias e de criticarem as posições e actividades de qualquer dos outros participantes, o direito de discordarem da solução do P.C.P. defende da solução da crise; todavia, o P.C.P. declarava «não ser de aceitar que opiniões e críticas assumam forma de acusações caluniosas e injuriosas que a continuarem impediriam a cooperação e a acção comum».

Agora, «face à incapacidade de cinco organizações participantes (presume-se que o P.C.P. se refira a todas excepto o M.D.P./C.D.E.) demonstrarem em aceitar as bases mínimas de trabalho unitário propostas pelo P.C.P., os representantes deste retiraram-se da reunião do secretariado provisório, manifestando solenemente a sua

decisão de não participarem em reuniões que se transformem em armas de combate contra quaisquer das organizações e partidos signatários do acordo de 25 de Agosto, em vez de constituírem base do trabalho para desenvolver a luta contra a reacção, consolidar as conquistas revolucionárias alcançadas desde o 25 de Abril e assegurar o prosseguimento do processo revolucionário a caminho do socialismo».

Consumada a sua saída do secretariado, nem por isso o P.C.P. deixa de reafirmar «a sua determinação de tudo fazer para que se reforce a cooperação entre os partidos e as organizações de esquerda, designadamente aqueles com quem tem trabalhado para a concretização de um projecto de frente revolucionária».

A SAÍDA DO P.C.P. SEGUNDO O M.E.S.

«A saída do P.C.P. da «plataforma de 25 de Agosto» é o resultado, por um lado, do carácter reformista e concilia-

tório da tática do P.C.P., e, por outro lado, a confirmação da viabilidade de unificação dos revolucionários civis e militares em torno de uma plataforma capaz de conduzir a bom termo o processo revolucionário».

E SEGUNDO SOTTOMAYOR CARDIA

«O acontecimento não tem importância de maior no momento actual — disse Mário Sottomayor Cardia ao nosso colega «A Capital», acerca do afastamento do P.C.P. da «Plataforma de 25 de Agosto» — Mas constitui exame que será muito fundo para o P.C.P. acrescentou aquele destacado dirigente do P.S. — Deveria fazê-lo reflectir sobre a incoerência dos seus actos e ziguezagues das suas alianças (...) Na verdade, a «manada» ameaça excluir o seu elefante branco» — concluiu Cardia. Para Cardia, a proposta alargada que o P.C.P. propusera encontra-se ultrapassada pelos acontecimentos.

Dois ex-candidatos à constituinte entre os detidos de Amarante

Ainda não é possível determinar com o necessário rigor os motivos que levaram à detenção de oito conhecidos antifascistas de Amarante por forças militares do Regimento de Artilharia de Penafiel que, mais tarde, os apresentaram no Quartel-General do Porto. Presume-se, porém, que a sua detenção se deve atribuir ao facto de ter sido apreendido num dos automóveis em que se faziam transportar, uma pistola metralhadora G-3, um revólver de 9 mm, uma pistola de 6,5 mm e dois rádios transmissores receptores. Este material foi apreendido num automóvel com a matrícula BT-13-86 conduzido por José Joaquim Castelo Branco, professor do ciclo preparatório de Amarante e ex-candidato à Constituinte pelo M.D.P./C.D.E. Os restantes detidos, agora já restituídos à liberdade, são: Arnaldo Ribeiro, mecânico de automóveis, ex-candidato à Constituinte pela L.C.I.; Francisco Manuel Machado, de 18 anos de idade, estudante; José Alves de Carvalho, de 22 anos de idade, metalúrgico, presentemente a cumprir serviço militar; Silvío Gonçalves, de 26 anos de idade, radiotécnico; Carlos Alberto Gomes da Costa, de 28 anos de idade; Jorge Manuel Carvalho Cerqueira, de 18 anos de idade, metalúrgico e José António Ribeiro, de 28 anos de idade, também metalúrgico.

Todos estes indivíduos foram detidos no decorrer de uma ronda efectuada por populares empenhados em impedir o alastramento dos incêndios que ultimamente têm assolado a região, tendo o condutor da viatura acima referida respondido às perguntas que lhe eram feitas acerca da razão de ser do armamento que transportava, arrancando em alta velocidade na sua viatura em direcção a Padronela. Um outro dos detidos tentou puxar de uma pistola sem, todavia, conseguir o seu intento.

Tanto o P.S. como o M.D.P./C.D.E. se pronunciaram sobre o assunto, embora de maneiras diferentes. De acordo com o comunicado do M.D.P./C.D.E., os oito antifascistas estavam em missão de vigilância revolucionária contra os assaltantes das sedes de parti-

dos e os «bandoleiros que incendeiam casas e pinhais». De acordo com este comunicado, a única arma de defesa utilizável que eles transportavam era uma pistola devidamente registada, já que a G-3 e a pistola de alarme apreendida se encontravam inutilizadas e se destinavam unicamente a amedrontar os fascistas que o grupo viesse a encontrar. O

P.S. limita-se a comentar «que o povo não precisa de grupos armados». O facto de terem sido encontrados no automóvel dois emissores-receptores tem provocado os mais variados comentários na região, afirmando-se que o grupo vigiaria o quartel à semelhança, segundo se afirma, do que tem acontecido noutras unidades do país.

OTAEGUI E GARMENDIA SOLIDARIEDADE GENERALIZADA

O repúdio generalizado, à condenação à morte dos dois antifascistas bascos Garmendia e Otaegui, é cada dia mais forte. Vários partidos e organizações continuam a manifestar-se por intermédio de moções, telegramas e tomadas de posição públicas. Assim a Comissão de Moradores de Santo Amaro afirma «a ditadura franquista assassina não para! Ainda hoje condenou à morte os revolucionários bascos Garmendia e Otaegui. Mas a unidade revolucionária e a solidariedade internacionalista proletária mantêm-se viva». A concluir, esta moção termina com as seguintes palavras de ordem: «Pela libertação imediata de Garmendia e Otaegui! Fim à ditadura assassina de Franco! Fim ao tribunal fascista de Burgos! Espanha e Portugal, Revolução Socialista! Abaixo o Pacto Ibérico».

Por seu lado, o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica e Metal-Mecânica do distrito de Lisboa num telegrama enviado ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, à Embaixada da Espanha e a Franco, traduz assim a sua repulsa pela condenação: «Trabalhadores Carris de Ferro de Lisboa reunidos em plenário geral para aprovação de A. C. T. repudiam energicamente a condenação mediaval à morte lutadores antifascistas pelo único crime de lutarem pela libertação do seu país das garras fascistas».

O M.D.P./C.D.E., através das bases de Beato, Marvila,

Olivais, St. João, Penha de França e St.ª Engrácia, expressa o seu repúdio pela condenação que considera mais «uma violação da Carta de Direitos do Homem», e exige a «imediata libertação de todos os presos políticos espanhóis». O Secretariado do C. C. do P. C. P. num telegrama enviado ao primeiro-ministro espanhol, Arias Navarro, declara: «Indignados exigimos comutação pena de morte e libertação imediata patriotas bascos Garmendia e Otaegui».

Também o P. S. num telegrama enviado ao embaixador espanhol afirma a sua indignação da seguinte maneira: «O Governo Espanhol não tem direito executar a pena de morte em pessoas que lutam por ideias justas».

O Comité Internacional pela Libertação Imediata de Garmendia e Otaegui num comunicado enviado aos trabalhadores, soldados, marinheiros, organizações políticas da classe operária e ao povo português, afirma: «A vossa luta em Portugal para acabar com a sociedade capitalista está intimamente ligada com a luta dos trabalhadores espanhóis para acabar com o franquismo! Hoje, que os operários de Espanha se mobilizam contra a repressão fascista, o vxo apoio é de um valor incalculável para o triunfo desta luta! Para salvar a vida de Garmendia e Otaegui, para acabar com Franco, para que a Revolução triunfe em Portugal há que isolar o franquismo».

Em Cinfães

INCENDIO DESTROI UM PRÉDIO ABANDONADO PELO M.D.P./C.D.E.

CINFÃES, 2 — Foi inteiramente destruído pela chamas um prédio desta vila em que, até há dois meses se encontrava a sede do M.D.P./C.D.E., apesar dos esforços dos Bombeiros Voluntários de Cinfães e do auxílio das corporações de Castelo de Paiva, Baião e Marco de Canavezes. Sito no Largo dos Paços do Concelho, o prédio continha, ainda, uma oficina de venda e reparação de motocicletas e a mobília do carpinteiro João Vieira da Silva, refugiado de Angola, que tencionava ir viver brevemente para o andar abandonado pelo

M.D.P. Foi, certamente, devido à presença dos móveis da família Vieira da Silva e dos materiais armazenados na oficina que as labaredas se espalharam tão rapidamente e se revelaram tão difíceis de dominar. Não há, pelo menos por enquanto, quaisquer sinais de que o incêndio tenha sido provocado mas, atendendo ao clima que se vive na região e ao que tem acontecido em inúmeras localidades do norte e do centro do País, é de admitir a hipótese, tanto mais que nem todos sabiam da mudança das instalações do M.D.P.

Trabalhadores da C.M.L. acusam

FALTA DE DEMOCRATICIDADE NA CONSTITUIÇÃO DO SINDICATO

A Comissão Pró-Sindical da Câmara Municipal de Lisboa denuncia a falta de democraticidade da comissão coordenadora do Sindicato das Autarquias Locais, acusando-a de utilizar métodos desonestos

para conseguir impor o domínio de uma minoria sobre a maioria trabalhadora.

Segundo afirma numa circular, não foram realizadas em várias autarquias do País as assembleias necessárias à eleição de representantes e à expressão da vontade dos trabalhadores acerca dos estatutos do Sindicato. Acusa também a comissão coordenadora de se ter auto-eleito durante uma assembleia realizada no

Porto, em que estavam presentes 1573 trabalhadores dos 60 000 que as autarquias locais empregam.

Ao pretender denunciar esses processos na referida assembleia, o delegado da Câmara Municipal de Lisboa foi vítima de «ultraje e agressão física», segundo alega ainda a circular, cujos autores se propõem continuar «a lutar pela justiça dos assuntos dos trabalhadores».

post scriptum

Carta aberta
a Otelio Saraiva de Carvalho

Nas minhas conversas políticas, quando falava no seu nome costumava tratá-lo por camarada, mas hoje ao escrever-lhe não senti coragem para o tratar por camarada, e não mais o farei até que me dê provas que realmente é um oficial verdadeiramente progressista.

Poderá observar nos arquivos do Copcon os diversos telegramas que já lhe enviei, tanto o apoiei como o critiquei, e isto, porque anteriormente o senhor general merecia a minha confiança, a confiança dos trabalhadores revolucionários que o consideravam com certo estímulo, mas agora não...

No tempo do fascismo, salvo raras excepções, os indivíduos que faziam da tropa profissão, normalmente eram mandriões, gostavam pouco de trabalhar, oriundos de classes mais privilegiadas, pouco ou nada sabiam fazer, a não ser colaborar com as ditaduras de Salazar e Caetano, e ambiciosos por posições mais destacadas para cantarem de poleiro. Na guerra colonial deram o seu jeitinho colaborando na morte de milhares de vidas humanas, a maioria delas numa mocidade em flor, guerra tão criminosa e para outros rendimentos tão chorudo e querido. Ai guerras, ai promoções oportunistas, ai dinheiro a quanto obrigas... Sabe meu caro, foram muitos anos em que os trabalhadores, camponeses pobres, soldados e marinheiros, toda a classe explorada, foi votada ao abandono, vítimas de ferozes repressões, que mancharam com suor e sangue campos de trabalho e de luta.

Mas, numa bonita madrugada do dia 25 de Abril 74, o glorioso Movimento das Forças Armadas com início de uma revolução florida derrubou o **fascismo**... Muita coisa aconteceu, foi o oportunismo e a incapacidade de certos oficiais do MFA, as rivalidades políticas, e o senhor general melhor do que eu sabe isto e muito mais, que conduziu o nosso país à divisão e à violência reaccionária. Estão novamente a brincar com o povo português, são dirigentes de partidos políticos, são oficiais do MFA, são padres e caciques. Isto é, tal como no outro tempo, são pouco mais de meia dúzia de indivíduos menos homens, que desta vez brincam com a vida de milhões de portugueses.

Senhor general por favor diga-me urgentemente, diga aos trabalhadores, soldados e marinheiros revolucionários de que lado está. Mas de palavras, de piropos, estamos fartos, queremos é ver os homens revolucionários na prática, porque não chega vir de Cuba e falar em meter os contra-revolucionários no Campo Pequeno, isto é pouco e só significa da sua parte levandando a revolução de um sonho infantil.

Está mais do que provado que a libertação da classe trabalhadora, só pode ser obra da mesma classe trabalhadora, por isso ou os oficiais do MFA se decidem, e se deixam de truques e de acordos táticos que só os interesses da burguesia poderão servir e apoiam os trabalhadores na formação de um exército popular, ou os trabalhadores começam a decidir fazendo justiça pelas suas próprias mãos, empregando firmemente a violência revolucionária contra todos os reaccionários.

Hélio Marques Gil Salgueiro

Acuso todos os funcionários da Caixa Nacional de Pensões

Acuso todos os funcionários da Caixa Nacional de Pensões (organismo que engloba todas as Caixas de Previdência) de não parecerem seres humanos a trabalhar para outros seres humanos.

Acuso todos os funcionários da Caixa Nacional de Pensões de aprovarem tacitamente com o seu silêncio que hajam viúvas (citarei como exemplo apenas o caso das viúvas de beneficiários) à espera da sua pensão de **sobrevivência** — de que necessitam para **sobreviverem** — durante dois, três, quatro, cinco, seis, sete, etc. meses, antes dos pagamentos começarem.

Acuso todos os funcionários da Caixa Nacional de pensões de aceitarem, mantendo-se calados, que hajam esposas de beneficiários já idosas que enviavam e passam os seus últimos dias em situações angustiosas, à espera dos «benefícios por morte do beneficiário» que muitas vezes não chegam a receber, por eles tanto tardarem e entretanto elas faleceram.

Acuso todos os funcionários da Caixa Nacional de Pensões de não mostrarem compreender que o seu serviço é de **urgência**, quase como o dos bombeiros que apagam o fogo que arde, em nossa casa, ou como o serviço das forças da ordem que prendem o gatufo que quer arrombar a nossa porta.

Acuso todos os funcionários da Caixa Nacional de Pensões de actuarem, ou deixarem actuar, como se os dinheiros que saem da sua instituição fossem esmoias dadas de má vontade e não pagamentos a pessoas que têm direito a esses dinheiros e deles têm necessidade urgente.

Acuso todos os funcionários da Caixa Nacional de Pensões de não contribuírem para que Portugal melhore a sua fisionomia num sector tão importante como é o do organismo onde trabalham.

Convido todos os funcionários da Caixa Nacional de Pensões a reabilitarem-se imediatamente.

Adelaide de Jesus Dias, de 68 anos, viúva desde Janeiro deste ano, que ainda não recebeu um tostão.

APÓS AS DERROTAS NA ÁSIA DO SUDOESTE

OS AMERICANOS RETIRAM-SE PARA OS "GRANDES ARQUIPÉLAGOS DO PACÍFICO"

Por PHILIPPE PONS

O senhor Schlesinger, secretário americano da Defesa, que começou na segunda-feira, 25 de Agosto, uma viagem pelo Extremo-Oriente a partir da Coreia do Sul, depois Seul de onde sairá na quinta-feira para Tóquio. Estas visitas, as primeiras realizadas na Ásia por uma alta personalidade, depois da queda de Phnom-Penh e de Saigão, pretendem tranquilizar os dois principais aliados dos Estados Unidos na região, mas também restaurar o prestígio americano junto dos asiáticos.

Em Seul, o senhor Schlesinger, reafirmou que os Estados Unidos manteriam tropas na Coreia do Sul e que a utilização de armas nucleares não estava excluída, em caso de conflito. As conversações do secretário de estado americano da Defesa com as autoridades sul-coreanas, incidiram em particular sobre um programa de modernização do potencial militar da Coreia do Sul, cujo orçamento se poderia elevar a 3 biliões de dólares.

As questões de venda de armas americanas serão igualmente focadas quando das conversações entre o senhor Schlesinger e as autoridades japonesas. Mais uma vez, as conversações nipo-americanas deveriam consagrar o papel essencial atribuído ao Japão por Washington na sua nova estratégia na Ásia.

A queda dos regimes que sustentavam nos três países da Indochina, bem como o desejo de Bangkok de ver as forças americanas deixar o solo tailandês na próxima Primavera, conduziram os Estados Unidos a inflectir a sua estratégia na Ásia. O eixo da presença americana já não passa pelo continente asiático, mas ao largo deste. Segue a linha, quase contínua, dos grandes arquipélagos (Indonésia, Filipinas, Okinawa, Japão). O único ponto de apoio continental — e o único ferrolho setentrional do eixo — é a Coreia do Sul.

Esta retirada situa-se no prolongamento da doutrina enunciada em Gnam, em 1969, pelo presidente Nixon. O sistema militar americano no Pacífico era formado, até então, por três arcos concêntricos. O arco externo, o mais largo, o das bases avançadas no continente, cujo fulcro eram as instalações do Vietname e da Tailândia, está parcialmente desmantelado. Os Estados Unidos reforçam, em compensação, os outros dois: o arco intermédio, composto pelas bases tácticas da «grinalda do Pacífico» e o arco interno (Hawaii, Marianas e Guam) que oferece um apoio estratégico ao precedente.

«Grinalda» parece relativamente estável» diz um diplomata americano creditado em Manila, «porque ela não resulta de uma concepção vagamente idealista do papel dos Estados Unidos no mundo, mas inscreve-se no quadro de uma estratégia realista: trata-se, com efeito, da linha de protecção «natural» das costas do Pacífico dos Estados Unidos».

Este recuo, implica no plano político uma aproximação multilateral dos problemas (por outras palavras, os amigos e protegidos de Washington devem ocupar-se da sua parte no fardo da segurança na zona) e ao nível militar, uma maior mobilidade das forças. O após guerra do Vietname será a era da potência naval, como tende pro-

vá-lo o enorme orçamento — 3,9 biliões de dólares — destinados à marinha durante o ano orçamental de 1974-1975, ou seja, um aumento de 30 por cento em relação ao ano anterior.

Esta insistência no poder naval, fundamental já no arsenal estratégico de discussão, entra em linha de conta com diversos imperativos: 1) a opinião pública americana dificilmente se deixaria convencer para enviar tropas terrestres combater uma nova guerrilha na Ásia; 2) o aumento de sentimentos nacionalistas na maior parte dos jovens Estados da região, torna cada vez mais delicado manter tropas ou bases americanas no estrangeiro: as forças navais, por definição no mar, não apresentam o mesmo inconveniente; 3) finalmente, os Estados Unidos devem proteger as suas fontes de aprovisionamento em matérias-primas e em particular a liberdade de navegação no Oceano Índico, onde uma das vias de acesso é o estreito de Malaca.

A marinha permite aos Estados Unidos uma intervenção política, ao mesmo tempo que reduz o desdobramento dos

americanos», crispações nacionalistas», que não põem fundamentalmente em causa o sistema de defesa dos Estados Unidos. Washington, aliás, parece resignado a deixar desenvolver esses «nacionalismos» «afinal, compreensíveis» comentam diplomatas americanos creditados na zona, «mas que, acrescentam prontamente, não vão muito longe».

Os termos da conferência dos ministros dos negócios estrangeiros dos países da ASEAN, que teve lugar em Kuala-Lumpur, nos fins de Maio, foram aliás reconfortantes, sobre esse assunto, para Washington e em particular para o embaixador americano em Manila, senhor Sullivan. Parece estar definido hoje que um movimento de humor por parte das Filipinas ou da Tailândia (a exemplo da decisão de Ankara de tomar o controlo das bases americanas na Turquia) esteja afastado. A entrevista, em 24 de Julho de 1975, entre o presidente Marcos e o senhor Kukrit Pramot, primeiro ministro tailandês, é bastante significativa a esse respeito: os dois ho-

dermos com os Estados Unidos, mas também de encontrarmos um equilíbrio com as outras potências da região, a China e a U. R. S. S., dizia-nos recentemente o senhor Malik, ministro indonésio dos negócios estrangeiros.

Entretanto, devido aos seus problemas económicos, os países da ASEAN, dificilmente poderão fazer «forcing» com os Estados Unidos. Ir buscar a Pequim, como o fizeram o presidente Marcos e o senhor Pramot, um certificado de independência, é um viático insuficiente. O Wall Street Journal, inquieta-se, como ainda recentemente, da insegurança dos investimentos na Tailândia; os banqueiros deixam de investir na Petramina, a companhia indonésia de petróleo, ou de ajudar o presidente Marcos a preencher o défice na sua balança de pagamentos; tudo isto provoca movimentos de pânico nos meios de negócios em Djakarta, Bangkok ou em Manila e aumenta a instabilidade social. Os estímulos nacionalistas encontram os seus limites numa política paralela fundada sobre o dólar. Mesmo os mais hesitantes sobre a manutenção da presença americana na Ásia do Sudoeste, como o governo indonésio, sabem que para conter a oposição interna a ajuda americana é reciosa: quando das conversações que teve, em princípios de Julho, com o presidente Ford, o general Suharto pediu em particular um aumento da ajuda militar.

Evidentemente que é uma participação mais activa, uma verdadeira integração no dispositivo de defesa americano, que Washington tenta conseguir do Japão. Este país que concedeu aos Estados Unidos 1 por cento do seu território, ou seja, cento e cinquenta bases, que podem abrigar cento e trinta mil homens, tem na Ásia um papel análogo ao de um membro da NATO na Europa. Assim como a R. F. A. se armou sob a égide americana, vê-se hoje surgir na sombra dos Estados Unidos uma potência militar nipónica de primeira ordem. A esquadra japonesa, a terceira na Ásia, depois da dos Estados Unidos e da U. R. S. S., constitui uma contribuição não negligável para a armada americana. Além disso para Washington é essencial que os radares de Hokkaido (ilha setentrional do arquipélago nipónico) vigiem a Sibéria e que uma base como a de Mizawa, ao Norte de Tóquio possa seguir todos os movimentos da esquadra soviética no mar de Okhotsk ou no mar do Japão. Depois de 1971, os japoneses instalaram detectores submarinos, nos estreitos de Soya, Tsugara e Tsushima. Em 1976 todas as águas que cercam o Japão, ficarão cheias de «espões» electrónicos.

Por outro lado, o Japão dá a Washington uma oportunidade de se «ver livre», em parte, do problema coreano. A Coreia do Sul, onde estão trinta e oito mil soldados americanos, representa para Washington um risco de «muito empenho», e os americanos gostariam de poder passar este paiol em potência, ao seu aliado japonês. «Final, observa o professor Edwin Reischauer, antigo em-



seus efectivos sobre o solo estrangeiro. Ainda é preciso que ela tenha «home ports» para arribar. Actualmente, segundo o Pentágono, de três navios, um está operacional; os outros dois, estão atracados ou a caminho para uma operação. A fim de dar máxima eficácia à VII esquadra é necessário desenvolver esses «refúgios» na zona de acção. Dai a importância dos portos japoneses e filipinos, em particular, a gigantesca base Subic-Bay, a Oeste da ilha de Luçon.

«CRISPAÇÕES NACIONALISTAS»

Mesmo se alguns países — Indonésia, Filipinas e Tailândia — tendem para uma neutralização da Ásia do Sudoeste e um reforço da ASEAN (Associação dos países da Ásia do Sudoeste) (1), isso são somente, «segundo o ponto de vista

mens de estado, ao declararem que consideram como «temporária» a presença de bases americanas no seu território e que desejam retirar-se progressivamente da OTASE, não deixaram de sublinhar que a presença dos Estados Unidos é essencial para o equilíbrio das forças no Sudoeste Asiático, e que eles a apoiarão.

O «baixo perfil» das Filipinas e da Tailândia vivamente criticado por Hanoi, pretendia provar que se verifica uma certa harmonia entre os países da ASEAN a propósito da presença americana na zona. A Indonésia que não acolhe bases americanas, está sem dúvida mais reticente. A criação de uma «zona neutra» no Sudoeste Asiático e o reforço da ASEAN, nos planos político e militar, daria a Djakarta a possibilidade de ter um papel de primeiro plano na região. «Trata-se de nos enten-

Continua na pág. 18

Nacional

SINDICALISTAS ALEMÃES SOLIDÁRIOS COM PORTUGAL

Militantes sindicalistas da República Federal Alemã têm condenado a campanha contra os comunistas e outros progressistas portugueses, conduzida por elementos reaccionários do seu país.

«O anticomunismo do secretário-geral do P.S., Mário Soares, ameaça a aliança das forças socialistas e ajuda objectivamente todos quantos desejam desviar o caminho da História», declarou recentemente o presidente do executivo regional da Juventude da Federação do Comércio, Bancos e Seguros de Saar. Husso Knelle-Kittnam adiantava:

«Para impedir o regresso da reacção e para que Portugal possa continuar o caminho revolucionário para o socialismo, é indispensável a sólida aliança dos sindicalistas, socialistas e comunistas, e soldados progressistas».

Por seu turno, um membro do comité de empresa dos estaleiros navais de Hufwaldtsveke, em Kiel, alertava: «Os aplausos que a direcção da Democracia-Cristã e a Imprensa de Springer dão a Soares, deviam obrigar à meditação. Portugal tem necessidade da solidariedade dos trabalhadores da R.F.A., e não da ingerência de falsos conselheiros».

Os C.T.T. suspendem crédito aos jornais

As novas tarifas dos C.T.T. para distribuição dos jornais afectaram já o «Diário do Alentejo» e poderão comprometer seriamente a sobrevivência de outros periódicos.

Aquele diário, que fora obrigado a suspender a publicação em 1 de Junho, devido à entrada em vigor das novas tarifas, retomou a publicação uma semana depois atendendo à promessa de subsídio governamental para compensar o aumento de porte. Entretanto, os C.T.T. suspenderam o crédito aos jornais, sem que por outro lado se concretizasse o prometido subsídio do Governo.

O «Diário do Alentejo», primeiro jornal a ser afectado, corre o risco de suspender a publicação e lançar ao desemprego os seus trabalhadores.

CARRIS: ASSINADO O A.C.T.

Os trabalhadores da Carris, reunidos em plenário, aprovaram a última proposta de tabela salarial em discussão, tendo sido antes acordadas pelas partes as restantes reivindicações. Assim, teve lugar ontem a assinatura do acordo colectivo de trabalho entre os sindicatos outorgantes e a administração da empresa.

Esta manifestação opõe-se a todas as manobras neocolonialistas do Governo Provisório e do Movimento das Forças Armadas. Nós somos contra o embarque para as colónias porque consideramos que terá de ser o povo angolano a fazer a revolução. Esta atitude dos soldados da P.M. foi votada em plenário por unanimidade. Ahamos que os movimentos

MANIFESTAÇÃO M.R.P.P. DE APOIO A SOLDADOS DA P.M.

«Atenção, camaradas, formar em filas de oito». Foi de facto alinhando nesta disposição de corpos que partiu uma manifestação de Belém com alguns milhares de pessoas, entre as quais se via um elevado número de soldados em direcção ao Regimento da Polícia Militar, na Calçada da Ajuda.

A concentração, convocada por organismos afectos ao M.R.P.P., tinha como objectivo «o apoio à justa luta dos soldados da Polícia Militar» que se recusam a embarcar para Angola. As palavras de ordem mais gritadas na manifestação eram «Nem mais um embarque»; «Regresso dos soldados»; «Fim à guerra colonial»; «Os soldados não são carne para canhão»; e «Os soldados são filhos do povo». Os manifestantes exigiam também a libertação imediata dos delegados da P.M. detidos em Santa Margarida «quando procuravam obter a solidariedade de outras Unidades».

Na altura em que decorria a concentração em Belém, surgiu um carro negro escoltado por batedores onde vinha o general Vasco Gonçalves que foi apupado pelos manifestantes com gritos de «social-imperialista». Entretanto, ouvimos um furriel responsável por aquela movimentação de militares da P. M. que nos declarou:

«Esta manifestação opõe-se a todas as manobras neocolonialistas do Governo Provisório e do Movimento das Forças Armadas. Nós somos contra o embarque para as colónias porque consideramos que terá de ser o povo angolano a fazer a revolução. Esta atitude dos soldados da P.M. foi votada em plenário por unanimidade. Ahamos que os movimentos

de libertação devem contar com as suas próprias forças. Não aceitamos colocar-nos ao lado de quem movimento for. Ao povo angolano caberá a resolução dos seus problemas. Só ele poderá decidir qual a vanguarda que o deve conduzir.

Respondendo à pergunta que lhe fizemos sobre os princípios do internacionalismo proletário, o furriel afirmou

que «só a concretização da revolução em Portugal poderá ajudar o povo angolano a libertar-se».

A propósito do momento político actual, o militar com quem falámos declarou:

No quartel há também luta de classes. Pensamos que os soldados não se deixarão atrelar às lutas da burguesia no aparelho de Estado.

Foram lidas na manifestação

várias moções de repúdio contra a prisão dos «soldados anti-fascistas», destacando-se entre elas a da Assembleia dos Jornalistas que decidiu «apoiar a justa luta dos camaradas da P.M.». Por sua vez os moradores da zona centro de Caneças, reunidos em plenário, solidarizaram-se com a posição tomada pelos soldados da P.M. aquartelados em Lisboa.

COMUNICADO DO ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO

«O avanço correcto do processo de descolonização em curso é essencial e primordial para a Revolução Portuguesa: os dois processos estão intimamente relacionados, nomeadamente a nível político, social, económico e cultural — afirma-se num comunicado do chefe do Estado-Maior do Exército, ontem divulgado.

«A nível político, a ruptura da descolonização na linha anticolonialista e antineocolonialista que vem prosseguindo, significaria o comprometimento das relações com os novos países de língua portuguesa e com os países progressistas de África e do Terceiro Mundo em geral, que são uma das condições da independência real do nosso país.

«A nível social, agravaria o retorno em massa e, sobretudo, em condições altamente trágicas das centenas de milhares de famílias portuguesas, a maioria simples trabalhadores, radicados em Angola, onde são praticamente indispensáveis. Essas centenas de milhares de compatriotas, lançados no nosso país decerto não trariam a melhor impressão do actual regime revolucionário se este abdicasse ou se revelasse incapaz de salvaguardar as suas vidas e bens.

«Também no campo económico, cultural e outros se verificariam graves, se não irreparáveis perdas para Portugal.

«Assim, considera o CEME que qualquer atentado contra o processo de descolonização em curso deve ser considerado como uma manobra contra-revolucionária, que compromete tanto o nosso país como os territórios ainda sob a sua tutela, e as suas relações futuras como Estados soberanos e independentes.

«As recentes tentativas de impedir o embarque de tropas para Angola, onde vão substituir tropas que já cumpriram a sua missão, incluem-se dentro destas manobras contra-revolucionárias, atentórias do processo em curso e objectivamente ao serviço do imperialismo.

«O CEME agirá com a maior firmeza e serenidade revolucionária face a estas actuações, tomando em cada caso o máximo da competência disciplinar, seguida de expulsão do Exército e respectivas consequências.»

ARNALDO MATOS

"A morte ou a revolução a todo o vapor"

«As facções da burguesia temem a Revolução» — afirmou Arnaldo Matos, secretário-geral do M. R. P. P. em conferência de imprensa ontem efectuada.

Sublinhou Arnaldo Matos

que a Revolução portuguesa está num momento de viragem, podendo o seu destino «ser a morte ou o avanço a todo o vapor».

Aludindo às medidas do Presidente da República, disse que essas medidas significam que «a ditadura militar se uniu ao social-fascismo de maneira formal».

O secretário-geral do M. R. P. P. analisou a hipótese de uma frente única que poderia englobar todas as organizações que tivessem no seu programa «a luta antifascista, anti-social-fascista, anti-imperialista e anti-social-imperialista e que fossem democráticas e patriotas.» Dessa frente poderia sair «o verdadeiro Partido Comunista Português.»

Referindo-se à Reforma Agrária, Arnaldo Matos disse que ela iria permitir «a criação de uma nova burguesia liberal».

«A independência nacional — afirmou ainda — permite comerciar com todos os povos do mundo, mas sem aceitar, de modo nenhum, ingerências externas, que atinjam a soberania e a independência do nosso país.»

Sobre Angola, o dirigente do M. R. P. P. afirmou que ali «o problema era do povo angolano e que a melhor maneira de apoiar a Revolução noutros países era fazer revolução no seu próprio».

Atacou a NATO e o Pacto Ibérico — e, finalmente, interrogado sobre o possível encontro que tivera com o general Otelo Saraiva de Carvalho, salientou a possibilidade do M. R. P. P. contactar com membros do poder assim como destes contactarem com quem quiserem.

«Mas acho conveniente fazer essas perguntas ao general Otelo» — acentuou.

Estatuto do Oficial do Exército sofre alterações

Os oficiais do Exército passam, hierarquicamente, a agrupar-se nas seguintes categorias e postos: oficiais gerais: marechal, general «quatro estrelas», general «três estrelas» e brigadeiro; oficiais superiores: coronel, tenente-coronel e

major; capitães: capitão; oficiais subalternos: sargento e alferes.

Estas alterações foram introduzidas no Estatuto do Oficial do Exército por portaria do Estado Maior do Exército.

SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO SUL E ILHAS

COMUNICADO

AOS TRABALHADORES BANCÁRIOS DESLOCADOS DE ANGOLA

Dá-se conhecimento a todos os trabalhadores bancários deslocados de Angola que pretendam colocação em empresas bancárias, que deverão dirigir-se ao Serviço de Pessoal das Instituições Bancárias ligadas aos Bancos em que exerciam a sua actividade, a fim de se inscreverem.

Lisboa, 1/Setembro/1975

PELA DIRECÇÃO

SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS QUÍMICAS DO SUL

Aos Camaradas

Pinheiro de Azevedo e Vasco Gonçalves:

A Direcção do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas do Sul saúda calorosamente o General Vasco Gonçalves como Chefe do EMGFA desejando-lhe os maiores êxitos na sua nova e difícil tarefa.

Esperando que rapidamente seja instaurada a autoridade revolucionária que o Povo quer, e acabe energicamente e sem contemplações com a reacção fascista, para que a ligação POVO/MFA seja uma realidade.

Ao Almirante Pinheiro de Azevedo desejamos igualmente, e nisso temos confiança, que a sua colocação nesse importante posto, seja a continuidade do trabalho já elaborado pelo V Governo, «Defender a Revolução-Linhas de Acção Programativa e Tarefas de Transição».

Salvemos pois a Revolução, Lutando por Ela, mantendo viva a Unidade do MFA e do Povo/MFA.

UNIDOS, A CAMINHO DO SOCIALISMO

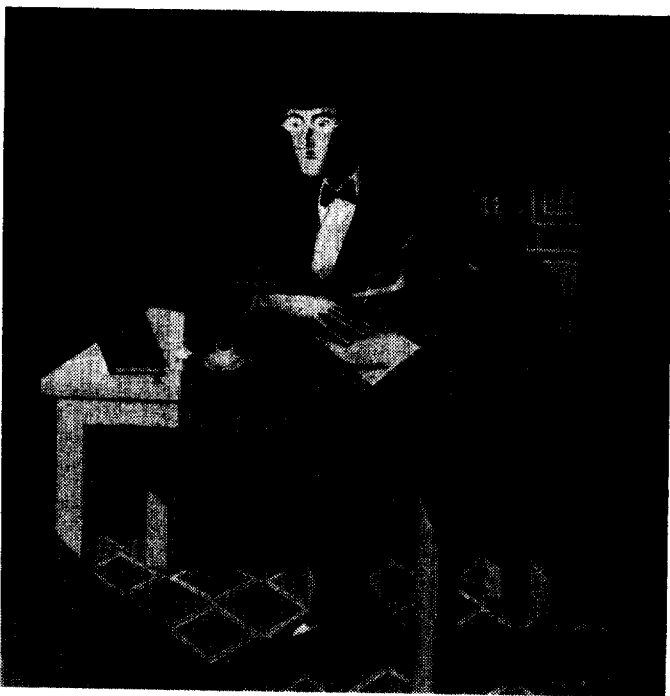
A Direcção,

Nacional

"ORPHEU" LEMBRADO NA "COLÓQUIO-LETRAS"

Passa este ano o sexagésimo aniversário do «Orpheu» e a efeméride corre o risco de passar esquecida. O último número da revista «Colóquio-Letras», o 26, referido a Julho, faz o que pode para que assim não seja e procede a um breve inquérito sobre o significado histórico da primeira manifestação do modernismo em Portugal. «A sessenta anos de distância, qual o significado histórico do «Orpheu»? Até que ponto o modernismo de 1915 lhe parece de hoje ou já de ontem, na produção literária e na concepção do fenómeno literário?» — pergunta a revista da Fundação Gulbenkian. À pergunta respondem Ana Haterly, Eduardo Lourenço, Eugénio de Andrade, Fernando Guimarães, Jorge de Sena, José Augusto França, José Blanc de Portugal e Vergílio Ferreira. O conjunto de respostas oferece uma panorâmica variada e ampla, pelas perspectivas diferentes em que os respondentes se colocam, pela valorização que eles propõem hoje do movimento que desencadearam entre outros, Mário Sá-Carneiro e Fernando Pessoa.

Abrindo com esta propos-



ta aliciante de uma discussão, hoje, do significado histórico do modernismo do «Orpheu» e sobretudo do que da sua herança nos nossos dias perdura. «Colóquio» insere ainda valiosos estudos literários assis-

nados por Luís Costa Lima, Rui Mourão, António Gedeão e Fiamma Hasse Pais Brandão. A atenção para o trabalho inesperado de Gedeão: sobre a poesia portuguesa dos cancioneros e alguns dos seus aspectos me-

nos tratados, quer-nos parecer, pelos competentes estudiosos da matéria. O texto de Fiamma Hasse Pais Brandão dedica-se à obra de Carlos de Oliveira.

A revista insere ainda ficção de Jorge Listopad, poesia de Ferreira Gullar, Arnaldo Saraiva, Jayro José Xavier, Maria Teresa Dias Furtado e António Saías, notas e comentários de maior ou menor incidência actual subscritos por Jacinto do Prado Coelho, Jorge Listopad e Fábio Lucas, notícias várias e algumas recensões críticas a obras literárias publicadas recentemente em Portugal e no Brasil.

Vai no número 26 esta revista dirigida por Jacinto do Prado Coelho que a Gulbenkian publica de dois em dois meses. Trata-se de uma revista «especializada», com um leitorado praticamente restrito a um público interessado na vida e sobretudo na problemática literária. Nem por se tratar de um produto assim deixa de merecer que se assinale a sua regularidade e a qualidade dos seus textos. É, além do mais, a única publicação literária que se faz em Portugal.

Sindicatos do Mar exigem a demissão do secretário de Estado

«Devido a especulações que os órgãos de comunicação social têm tornado públicas sobre a luta dos trabalhadores do Mar», o secretariado da Federação dos Sindicatos do Mar emitiu um comunicado onde procura esclarecer as questões, exigindo a demissão do secretário de Estado da Marinha Mercante.

As negociações do novo CCT da classe, afirma-se, estão em curso desde Junho, devendo reiniciar-se amanhã, após um período de suspensão, «por inoperância da Secretaria de Estado da Marinha Mercante e Ministério do Trabalho». Segundo o secretariado da FSM, foi acordada com as entidades patronais a retroactividade a 15 de Abril do corrente do que viesse a ser estabelecido. Entre as reivindicações contidas na proposta do Sindicato inclui-se 40 horas semanais.

Historiando as sucessivas diligências junto das entidades governamentais para impugnação do «Código Penal e Disciplinar da Marinha Mercante», revela a FSM:

«No início do IV Governo Provisório, elaborou a Secretaria de Estado da Marinha Mercante em colaboração com os

sindicatos do Mar, um projecto de decreto-lei que extingue a parte disciplinar do Código e institucionaliza os Conselhos de Disciplina a bordo, para os trabalhadores embarcados, organismos criados em Janeiro deste ano pelos sindicatos, com o absoluto apoio dos trabalhadores, e que, apesar de ainda não estarem na lei, estão em prática desde essa altura, ultrapassando o famigerado Código. Este decreto-lei, devido à demora na formação do V Governo Provisório, aguarda em Conselho de Ministros a sua assinatura e cria também uma comissão, onde se integrarão representantes sindicais, para reestruturação de toda a legalidade penal e disciplinar aplicável aos trabalhadores do Mar».

O secretariado da FSM contesta, depois, o teor de um comunicado do Ministério dos Transportes e Comunicações sobre a luta dos trabalhadores do Mar, apelando, no final, para a «consciência política do ministro», ao exigir a demissão do actual secretário de Estado da Marinha Mercante, «substituindo-o por uma pessoa identificada e interessada no processo revolucionário em curso».

Homicídio bárbaro em S. Pedro do Sul

S. PEDRO DO SUL, 2 — Cerca de 20 pessoas detiveram ontem, no lugar do Cruzeiro, uma camioneta que seguia de S. Pedro do Sul para Castro Daire e, tendo retirado dela o passageiro Amadeu de Almeida Lourenço, mataram-no à paulada em plena estrada à frente de sua mulher. De acordo com informações obtidas ao princípio da manhã, a vítima, que é natural da freguesia de Alva, e residente no lugar da Marinheira, era acusado pelos seus assas-

sinos de ter incendiado alguns pinhais da freguesia, embora não haja, por enquanto, quaisquer provas definitivas de que essa acusação tenha fundamento sabe-se, porém, que ele regressara à sua terra natal à cerca de dois anos, depois de ter cumprido 12 anos de prisão, na Penitenciária de Lisboa, por homicídio voluntário, o que poderá ter contribuído para o tornar suspeito aos olhos da gente do

concelho que vive há dias num estado de crescente tensão devido aos fogos que lavram em toda a área. A vítima, por outro lado, era mal vista na terra, sobretudo devido ao facto de ameaçar constantemente os seus conterrâneos afirmando-se capaz de pôr fogo aos pinhais da região sempre que entrava em conflito. O homicídio verificou-se poucas horas depois dos bombeiros terem posto termo a um violento in-

cêndio que lavrou na serra da Arada e que pôs em risco as vidas de muitos dos residentes da área. A este incêndio seguiu-se imediatamente outro, junto da povoação de Candal, que se presume também de origem criminosa. Ambos estes incêndios, excepcionalmente violentos, destruíram uma vasta área de mata e alarmaram as povoações de todo o concelho, obrigando os bombeiros de S. Pedro do Sul a um trabalho exaustivo.

A DERROTA DA DEMOCRACIA

«Linha de Fogo» é o título de uma coluna publicada (ao que parece) regularmente no «Diário do Ribatejo» em que o autor dispense a sua opinião. Opinião livre, agora, que não há «Censura»...

Ora bem. No passado dia 28, intitulava-se a matéria da citada coluna «Novamente Rio Maior». Referindo-se ao «clima escaldante» que se vivia (e possivelmente ainda se vive) naquela vila, o autor começava por falar do incêndio da serra dos Candeeiros e escrevia sobre o dito «clima»: «Escaldante pela suposição de fogos ostensivos, atribuindo-os como não podia deixar de ser, a forças extremistas que desejam terra queimada. Essas forças tanto podem ser de polo esquerdo, como de polo direito. Mas seja como for, Rio Maior, e não só, prepara-se para fazer o seu veredicto e executar a sentença pelos seus próprios meios (pelo menos é essa a predisposição) na altura em que conseguirem identificar o possível e monstruoso bicho incendiário».

Esta fracção de texto merece um comentário. As tais

forças que «desejam terra queimada» são necessariamente do pólo direito. As forças verdadeiramente de esquerda não pretendem terra queimada, estéril, mas terra produtiva, fértil em pão para todos e não para uma minoria. Por isso se chamam forças de esquerda. Nada de confusões.

Escreve depois o autor que Rio Maior está disposta a executar a sentença por seus próprios meios logo que identifique o «possível e monstruoso bicho incendiário». Óptimo. A Revolução Portuguesa só tem a ganhar se as populações trabalhadoras se aperceberem urgentemente de que lado está o seu verdadeiro inimigo e se pelos seus próprios meios o liquidarem tão definitivamente quanto possível.

Depois de mencionar a boa qualidade do povo de Rio Maior, de que não duvidamos, o autor refere a intercepção, por esse mesmo povo, de carros ocupados por militantes comunistas, que se dirigiam para Leiria armados. Sugere o texto, que o povo de Rio Maior mostrava assim estar dis-

posto a agir pelos seus próprios meios contra o tal «bicho incendiário».

Pois bem. Sem querermos transformar os militantes comunistas em vítimas, quer-nos parecer que eles nada fizeram que pudesse «atear o fogo em Rio Maior». Como se sabe, vários centros de trabalho do Partido Comunista espalhados pelo País têm sido assaltados e destruídos sem que as forças da ordem tenham agido de modo a impedir o (salvo raras excepções). Também é público que o Partido Comunista saiu da clandestinidade depois do derrube do Governo de Caetano e que fez parte de sucessivos Governos Provisórios.

Deduz-se, portanto, que tendo a sua existência legalizada, nada o deverá impedir de exprimir as suas ideias com liberdade, ter os seus centros de trabalho, a sua propaganda. Os militantes que seguiam para Leiria maos não iam fazer que, pelos seus próprios meios, defendessem aquilo que era seu, aquilo em que acreditavam e aquilo por que lutam. Alguém largou fogo ao res-

toilho em Leiria e depois em Rio Maior, mas não o Partido Comunista.

Esperemos pois que o bom povo trabalhador de Rio Maior saiba identificar o monstro incendiário e dê o exemplo, eliminando-o pelos seus próprios meios. Esperemos então que os seus colonistas tenham pena fluente e altissonante para divulgar o feito, a bem da Revolução.

Por enquanto, indivíduos de Rio Maior, não o povo, transformaram os militantes comunistas em «bicho acosado». No mesmo exemplar do «Diário do Ribatejo», uma desenvolvida notícia intitulada «Interceptada uma caravana de automóveis», termina do seguinte modo:

«Na fachada de um dos prédios situados na Praça da República encontra-se colocado, desde há dias, um grande dístico em que se lê «A todos os comunistas de Rio Maior: o povo exige a sua retirada até ao dia 30 do corrente».

Isto é uma vergonha que o povo não deve consentir, porque é a derrota da democracia.

CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO VERTICAL DO COMÉRCIO RETALHISTA CONVOCATÓRIA

Em conformidade com a decisão tomada no plenário realizado no passado dia 28/8/75, vimos convocar nova assembleia de trabalhadores para o próximo dia 3 de Setembro, às 21,30 horas, no salão nobre do Instituto Superior Técnico, com a seguinte ordem de trabalhos:

— Continuação da discussão e aprovação do Projecto do Contrato Colectivo.

Apelamos para a presença de todos os trabalhadores do ramo, independentemente da sua profissão, pois o Contrato é Vertical.

Lisboa, 1 de Setembro de 1975

Os Sindicatos Signatários

AOS COMERCIANTES E PARTICULARES

MOBILIÁRIO E ADORNOS

MOBÍLIAS COMPLETAS E MÓVEIS SOLTOS MODERNOS E DE ESTILO, ANTIGUIDADES, VELHARIAS, QUADROS, PRATAS, CURIOSIDADES, COFRE, LOIÇAS, CRISTAIS, MARFINS, UTILIDADES DOMÉSTICAS E APARELHAGEM DE BOA RESIDÊNCIA

LEILÃO

Por motivo de retirada, será vendido pela maior oferta

AMANHÃ, 4.ª-FEIRA, E SEQUINTE, AS 15 E 21 H.

no nosso salão refrigerado da

AVENIDA CASAL RIBEIRO, 17 — LISBOA

EM EXPOSIÇÃO AMANHÃ, DAS 10 AS 13 H.



SOC. DE LEILÕES
AV. DUQUE DE LOULÉ, Nº 1
Telfs. P.P.C. (9 Linhas)
532929-51478-47018/9

AFRAFILHOS, Lda

Nacional



O reporter de serviço

Eduardo Lobo

OS TRUQUES E AS TRICAS

Quando me dá de assistir a tricas, logo penso nos truques que por trás delas se escondem.

Quero deixar claro, aliás, que não tenho em vista quaisquer guerras de comadres, até porque, nestes últimos tempos, se apaziguaram totalmente. Dir-se-ia mesmo: as comadres nunca foram tão amigas. E vê-las, de pantufas umas, de alpargatas outras, palmilhando-se mutuamente as alcatifas, debicando a última intriga, murmurando pelos cantos. Ao chá, põem em comum os bolinhos, de confiança mútua. No entanto, andam longe da colectivização, e guardam a bom recato o pudim que cozinham, o bolo bávaro que mão amiga lhes manda. Apesar da hipocrisia, dão-se soberbamente, as comadres. E quando toca à missa, é ouvi-las, a entoarem o coro, muito certinhas, mão na mão, olhos no lema sagrado: «Deus, Pátria, Família».

Quando falo de tricas tenho em vista outra coisa. Lembro-me de gente amiga, amiga de amizade gratuita, de raízes sólidas como imbondeiro. Lembro camaras de trabalho, gente de bem, suando ombro a ombro, dia a dia. Lembro os companheiros de armas, fortes de muitas guerras, conscientes do que muito viram. Lembro, para todos eles, a comunhão de objectivos e de condição. Entre eles, nasceram as tricas. Desentendimentos aqui, mal-entendido acolá — ei-los que deixam de falar a mesma língua e de puxar para o mesmo lado. Birras.

É então que me ocorre lembrar os truques. Desavenças assim, entre amigos de peito, é coisa de estranhar. Das duas uma: ou andavam enganados uns com os outros, ou então houve ali gato.

Desenganos, sabêmo-lo,

todos os têm: novos e velhos. Normalmente, é a brutal constatação de uma realidade, que por aí andava encapotada no tal manto diáfano da fantasia. O mal, nesse caso, é de quem confundiu a realidade com a sua capa. O mal é de quem cuida poder, assim do pé para a mão, fazer tábua rasa das origens, dos reais interesses, dos objectivos recônditos: é de quem só vê o empenho, as proclamações de fé, a estrada antes da encruzilhada. Adiante.

Os truques. Mão hábil que joga na sombra, no momento exacto, a carta viciada; intriguistas de palácio, afeitos a manigâncias soezes; técnicos na divisão e na calúnia; mulheres de levar e trazer, alcoviteiras por conta de quem mais lhes deitar no regaço; e toda a cáfila de vendilhões, mestres da vigarice, conspiradores de ruela, e o que mais se verá. A palmada nas costas, acompanham-na da ferroadada do lacrau. As cartas na mesa, trazem o jogo viciado. A coscuvilhice de corredor e café encarrega-se do resto.

É assim que os truques dão nas tricas, e estas na zanga e no irreparável.

Com uma agravante: é que, nestas coisas, normalmente está em jogo muito mais do que a amizade. É, quando esta se esboroa, os prejuízos sociais multiplicam-se, como círculos de água em charco onde caiu pedrada. Porque a zanga é instintiva, comunica-se, amplia-se disformemente. Altura surge em que amigos, camaradas de trabalho, companheiros de armas, se não entendem, viram costas, não se falam, pegam-se diariamente, alimentam disputazinhas. Num movimento suicida, que os inimigos observam, incitam, promovem. E depois avançam. Com lucros. Prejuízo de quem?

Timor

FUTURO INCERTO

CAMBERRA, 2 — (Do enviado da Reuter — Ronald Batchelor) — A sorte do Timor português, onde se regista luta acesa e um malogro administrativo total, parece hoje incerto, não havendo indícios de acção internacional concreta para restaurar a lei e a ordem.

O emissário especial de Portugal, dr. António de Almeida Santos, seguiu de avião para a pequena ilha de Atauro, a 30 quilómetros de Dili, para onde se mudaram, na semana passada, os restos do Governo colonial.

O dr. Almeida Santos, que travou, sem qualquer resultado, conversações em Cambera com o primeiro-ministro australiano Gough Whitlam, du-

rante o dia de ontem, conferenciou na ilha com o governador do Timor português, coronel Lemos Pires, e espera-se que regresse à Austrália nas próximas 24 horas.

Whitlam afirmou que a Austrália não enviaria uma força militar para a manutenção de paz para o Timor Oriental, mesmo de acordo com a Indonésia ou outras nações.

Funcionários da Cruz Vermelha Internacional, que seguiram de avião para Darwin, após uma ponte aérea de socorro a Dili, confirmaram que a capital da colónia se acha agora em poder das forças da Fretilin e que a luta cessaria na cidade, só se registando disparos esporádicos de franco-atiradores.

A GREVE DO MAR

Ao primeiro minuto de sexta-feira os navios abandonarão Angola

Ao primeiro minuto da próxima sexta-feira, dia 5, todos os navios da CNN surtos no porto de Luanda (em número de cinco) abandonarão Angola. Trata-se de um procedimento que contraria o Código Comercial e colide com o Direito Internacional Marítimo. A partir daqui, a greve desencadeada pelos trabalhadores da CNN — sector mar, assume aspectos de extrema gravidade com consequências de todo imprevisíveis.

Informações confiadas esta manhã ao «D. L.» por um membro da Comissão de Trabalhadores da empresa fazem crer na aderência à greve de todos os navios da CNN cujas tripulações foram contactadas. De fora, estão neste momento apenas seis navios e, ao que parece, só porque ainda não foi possível estabelecer contacto. Três destes navios encontram-se no Lobito, um viaja para o Brasil e dois rumam para a Rússia.

Outro caso apontado foi o do «Químico Lisboa» cuja tripulação, por motivos especiais, não adere à greve embora a apoie: o navio encontra-se em Lisboa embandeirado em panamiano e sujeito ao capital alemão.

Por seu turno, o «Frigoártico» que não havia paralisado nas operações de descarga (um carregamento de bananas procedentes de Angola) deverá terminar hoje esse trabalho, participando definitivamente na greve.

O GOVERNO NÃO FALA

A julgar, ainda, pelas declarações de um porta-voz dos trabalhadores, afigura-se extremamente grave que o Governo não haja tentado, até ao momento, qualquer tipo de aproximação, qualquer contacto que permita negociações. «A única comunicação, telefónica, que recebemos, foi da Presidência da República. Era o comandante Sabino Guerreiro, que nos colocava o problema do «Niassa».

Recorda-se que o «Niassa» deve transportar para Lisboa 1.200 soldados que se encontram em Angola. Relativamente a este assunto, mantem-se a posição assumida pelos trabalhadores: assegurar o regresso dos soldados e civis desalojados.

MANIFESTAÇÃO DE PROTESTO

Entretanto, está prevista para amanhã, pelas 9.30 uma manifestação dos trabalhadores do mar como nova forma de protesto. A manif. deverá sair do Cais da Fundação, contando-se entre as palavras de ordem: «Igualdade de direitos terra-mar»; «Quem não teme o mar não teme os patrões»; «Abolição imediata do Código — Vivam as comissões dos trabalhadores»; «Ministro para o mar para saber analisar»; «Horário de trabalho — 40 horas»;

«Descolonizar Marinha Mercante».

A manifestação dirigirá-se ao Ministério dos Transportes e Comunicações, ao Terreiro do Paço.

O PORQUÊ DA GREVE

Conforme tem sido largamente noticiado, a greve do pessoal da CNN-sector Mar teve origem na falta de satisfação por parte do Governo (a companhia está nacionalizada) de três reivindicações principais: gratificação de balanço; abolição do Código Penal e Disciplinar, que data do século passado, e horário de 40 horas semanais. Quanto à gratificação de balanço, importa referir que os trabalhadores estão dispostos a prescindir da mesma se também os seus camaradas do sector Terra a dispensarem. O que já não se aceita, porém, é a «lei de funil».

Um plenário recentemente efectuado pelos trabalhadores dos navios da CNN surtos em portos de Angola, levou à aceitação de uma proposta apresentada pela comissão administrativa.

Assim, foi decidido aceitar um seguro de vida de 1.000 contos (em substituição do seguro de mil contos diários inicialmente reivindicado) e um subsídio diário de 100 escudos (invés da redução para 60 dias

das viagens prolongadas). Resta assentar, apenas, a data do início, na prática, destas novas condições.

A solução encontrada não altera, no entanto, a decisão de fazer regressar os navios a Lisboa, já que tal iniciativa se insere no movimento solidário de greve.

Outra informação confiada ao «DL» por representantes dos trabalhadores, prende-se com o subsídio de guerra: «É falso o que diz a Federação dos Sindicatos do Mar. Nós nunca reivindicamos subsídios de guerra, embora seja mais que evidente que há guerra em Angola».

Esta informação vem pôr em causa pelo menos um parágrafo de um comunicado da Federação onde se diz, textualmente: «O subsídio de guerra de 100 por cento do vencimento não é reivindicação nova, pois até já existe há alguns anos no contrato colectivo de trabalho dos trabalhadores do mar.»

"PIDE" DETIDO

O «pide» «Simão», que informava a ex-PIDE/DGS sobre o meio goês radicado em Lisboa, foi detido pelas autoridades. Este pseudónimo encobria o informador José de Almeida, de 47 anos, empregado na doca de pesca de Pedrouços.

LISTA VENCEDORA DOS ESCRITÓRIOS CONTRA A MILITARIZAÇÃO DO SINDICATO

«Tudo o que esta direcção pretende é trabalhar a sério e não burlar os trabalhadores, como fazia a anterior», afirmaram-nos esta manhã elementos da lista B para os corpos gerentes do Sindicato dos Escritórios de Lisboa, vencedora nas eleições, por larga maioria de votos.

Convocados para uma conferência de Imprensa destinada à «análise da actual situação do Sindicato», os jornalistas tiveram oportunidade de analisar por si próprios que essa situação não é brilhante: as instalações do Sindicato, encerradas desde domingo, na sequência do que foi designado como «tentativa de assalto de elementos da lista B para desalojar a direcção», mantêm-se fechadas aos sócios e aos próprios corpos gerentes vencedores, e poderosamente guardada por numerosa força do Copcon.

Esta situação provoca nos elementos da lista B e em quem os apoia grande indignação, a qual, durante o encontro com os jornalistas realizado numa galeria do «Franginhas» (uma vez que também não tivemos acesso nem sequer ao átrio, que dá para as instalações do Sindicato) foi expressa através de ataques à direcção cessante.

Tendo-lhes sido comunicado, pelo Ministério do Trabalho, que não poderiam tomar posse enquanto não decorresse o prazo de três dias estabelecido para a impugnação das eleições (que termina amã-

nhã), os elementos da lista B vêem nessa demora um pretexto «para a direcção social-fascista ganhar tempo para um golpe».

Que golpe? O objectivo da direcção cessante, segundo os mesmos, é «encerrar o Sindicato indefinidamente», para assim «anular os resultados das eleições» que lhe foram desfavoráveis e que, segundo já teria revelado nem sequer pretende impugnar. Para a lista vencedora, esta atitude traduz «o desespero do social-fascismo».

Assim explicam a militarização do Sindicato, cuja responsabilidade atribuem à direcção cessante. Uma vez que a nova direcção pretende começar a trabalhar quanto antes e as tropas a impedem de entrar, seria fácil provocar um conflito entre ambas as partes que levasse ao agravamento da situação e ao prolongamento do encerramento do Sindicato.

No entanto, os elementos da lista B afirmam que os soldados estão com eles e que, inclusivamente, «apreciaram profundamente a nossa paciência para lhes expormos estas questões».

Terá sido por isso que ontem alguns elementos da direcção eleita conseguiram penetrar no Sindicato? Segundo foi dito, essa «vitória» deve-se a um estratagemas. Mas reconhece-se que a vitória é muito curta pois «não ocupamos o Sindicato, estamos reduzidos a uma sala».



RETORNADOS E AUTOCARROS

Os retornados de Angola, depois do «assalto» ao Banco do mesmo nome, durante a manhã e a tarde de ontem, aposaram-se ao começo da noite de seis autocarros da Carris, que fizeram seguir para a Caparica, a fim de trazerem para Lisboa os angolanos que já há algum tempo se encontram instalados nas proximidades da Praia de Santo António (INATEL). Quando os retornados regressavam, já altas horas da noite, tiveram de enfrentar a P. M. na Ponte 25 de Abril. Houve confrontos físicos — e, uma vez vazios os autocarros, os retornados regressaram a pé a Lisboa.

LADRÕES DE RELÓGIOS

Cerca de 1200 relógios foram roubados dos escritórios da Sociedade Comercial de Relojoaria Sandro, à Rua da Madalena, 214-4.3, em Lisboa. Supõe-se que o assalto se verificou durante o dia de domingo. O único rasto deixado pelos ladrões, a título de gozo, foi o cheiro a whisky. Durante a «operação», os assaltantes foram-se servindo.

Até a um buraco que fizeram numa das portas, os

ladrões conseguiram retirar a fechadura e desmontar todo o complexo sistema de segurança. O valor do furto ascende a cerca de 800 contos.

Os relógios foram transportados em duas malas especiais, com segredo, que se encontravam no sítio. Trata-se de malas próprias para o acondicionamento de relógios e muito raras em Portugal. Apenas três empresas as possuem.

PODE ACONTECER NA PICHELEIRA

Cerca de 600 crianças sem aulas porque a escola não tem condições

«É perfeitamente absurdo pensarmos que a estrutura desta escola se transforme sem a intervenção das autoridades e, como justificação, sem que a Câmara Municipal de Lisboa, através dos seus serviços competentes, aja de acordo com as tentativas nesse sentido feitas pelos pais dos alunos, membros da comissão formada e este ano empenhados em que este estabelecimento readquirira a imagem que já conheceu». Quem assim fala está ao corrente dos problemas que ressaltam: da Escola Primária 28-40, no Bairro da Picheleira,

MAIS DOIS METROS DE MURO

Maria Ferreira afirmou ainda conhecer muitas das caras que

lam-se por passar para o espaço das segundas e estas, muitas vezes, também gostam de conviver com os moços) bastaria derrubar um outro muro que divide os dois recreios

Texto JÚLIO RODRIGUES
Fotos RUI PACHECO

frequentaram a escola nos cursos ao ar livre ou abertos. Apontou alunos do Liceu António Arroios, «que passaram aqui na primária», e da Ardina, bairro que fica ali para os la-

e fazer uma arcada». «A alteração», disse-nos ainda, «não ficaria cara: mão-de-obra para dois homens em dois ou três dias de trabalho». E Francisca Fitas, porque os «assaltantes»

franca actividade durante três turnos, assim repartidos: das 9 às 12 horas; das 12 às 15 e das 15 às 18. Se as quatro salas do 1.º piso não tivessem os vidros partidos, as cadeiras danificadas e não lhes faltassem caixas de ar — para evitar, repetimos, o amontoamento de humidade —, os mesmos professores leccionariam mais horas e com mais possibilidades de aproveitamento.

Mas não é só de falta de caixas de ar no 1.º piso que a escola se ressent. Ginásio é coisa que ali, apesar do estabelecimento ter cerca de 600 inscrições entre alunos da 1.ª à 4.ª classe, também não existe, bem como sanitários em condições para as raparigas, cabos de ligação à terra dos dois para-raios que aí se encontram e posto clínico. «Talvez seja pedir muito», referiu-nos Celso Tavares, secretário da Comissão de Pais e Alunos da escola, «mas se não o fazemos agora nunca mais teremos o estabelecimento em ordem». Celso Tavares e os restantes membros da comissão têm travado luta constante e muitas vezes se dirigiram à C. M. L. para concretizar as aspirações da população daquele bairro onde abundam barracas e as crianças, sobretudo no Verão, vestem como quando mexiam no ventre das suas mães: mais nuas que a pele. Aconteceu uma vez que a comissão, indo aos serviços competentes da municipalidade, encontraram um engenheiro que visitou a escola e lhe prometeu fazer um projecto para a reparação dos sectores atingidos. No entanto, dias depois a versão alterou-se e, «por falta de dinheiro», ruia a intenção. «Nós não acreditamos», adiantou-nos aquele elemento, «que não haja dinheiro da C. M. L. para a reparação que se impõe». Aliás, prosse-



A escola apedrejada: vidros partidos, carteiras abandonadas

guiu, «quando aí fomos, falamos ao eng. Abreu Nunes do subsídio concedido pela Fundação Calouste Gulbenkian, que foi publicado na Imprensa diária, na ordem dos 50 mil contos para construção e conservação de escolas. Não acreditamos que um bocadinho, pelo menos metade do que foi gasto o ano passado (42 mil escudos), não estivesse reservado para a escola da Picheleira, se nós já nos tínhamos candidatado a isso e até já tínhamos sido avisados auspiciosamente. Mas as coisas complicaram-se, deram o dito pelo não dito e, à última hora, que é o mesmo que dizer da última visita que fizemos à C. M. L., foi o que já lhe disse: que não, que não tinham dinheiro, que não podia ser nada. E enquanto a comissão se esforça por ver os seus designios materializados, a directora afirma que já não é a primeira vez que uma sala alberga 30 alunos, quando a lei não prevê mais que 20. Urgente se torna, portanto, encarar o problema a sério e sem rodeios, dotando as salas do 1.º piso, onde não se pode estar, do mínimo de

conforto que, neste caso, se circunscreve à colocação de caixas de ar e vidros por forma a evitar a acumulação de águas e humidade nas paredes. Se tal não se verificar e de acordo com a decisão tomada em reunião de pais dos alunos que preparam agora um plenário, não haverá aulas a partir de 1 de Outubro. As professoras estão ao corrente da medida e solidarizaram-se, já, com a posição assumida pelos pais de 600 alunos, que podem muito bem prolongar as suas «férias». E, no Bairro da Picheleira, há muitas crianças de 12 e 13 anos que vivem em barracas e estão na 2.ª classe que querem aprender a ler. Como há quem tenha inscrito no muro circundante à escola, que fica defronte do campo do Vitoria de Lisboa, quadros como este: «Não queremos polícias/nem chefes/nem directores — queremos o impossível!». E há, também, quem ameace de não haver aulas se o restauro da escola não for feito. A população, conforme no-lo disse Celso Tavares, está com a Comissão dos Pais dos Alunos.



e falou ontem a uma equipa de reportagem do «DL». Trata-se da directora desse estabelecimento de ensino, Francisca Fitas, mulher que noutro instante considerou muitos dos marginalizados daquele bairro, de predominância cigana, com direito ao acesso às primeiras e subsequentes letras, «porque à sociedade», assestou, «cabe inteira culpa do seu afastamento». Francisca Fitas, que nos ciceroneou na visita às várias dependências da escola e aos «antros» do 1.º piso (quatro salas praticamente votadas ao abandono por falta de caixas de ar que no Inverno muito bem poderiam mitigar a humidade que nelas se faz sentir), realçou a preocupação dos pais dos seus alunos em dignificar aquele estabelecimento, lutando contra a maré e promessas feitas em tempos pela edilidade de Lisboa que hoje se recusa a cumpri-las, alegando falta de dinheiro que muita gente, pelo menos naquele populoso bairro, não percebe bem.

«Já antes das férias», contou-nos Maria Ferreira, senhora que se encarrega, com outra camarada e vizinha, da limpeza, «as salas se encontravam em estado deplorável. Hoje, passados poucos dias, estão mais que isso: estão lastimáveis». E deu-nos a explicação de tão súbita alteração, sem que necessário fosse por-lhe a questão: «Sabe, a escola serviu para as aulas abertas que decorreram noutros estabelecimentos de ensino com o patrocínio, se não estou em erro, do M. E. I. C. e dos sindicatos. Mas os miúdos que para aqui vieram preocuparam-se mais em causar estragos e fazer inscrições na parede — até nos apontou algumas retintamente radicais e esquerdistas — que em aproveitar estas aulas de Verão. E nós, lançou com raiva, «é que nos temos de amolar a limpar toda esta porcaria».

dos da Rua Barão Sabrosa, além de outros que lhe pareceram da Escola Técnica e do Cesário Verde. «Os filhos da mãe», salientou, «não queriam estudar. Deviam era ir trabalhar. Ora admite-se lá que tenham danificado todo este material — e apontou para algum literalmente devastado — que nós agora temos de recuperar?». A actuação dos referidos alunos, no fundo, veio pôr mais claramente as obras de restauro que o estabelecimento «mendiga» há muitos anos, sem que através dos tempos nada se tenha feito nesse sentido. Em tempos ainda houve ali um guarda, que muito do tempo passava dentro de uma «guarita», mas, mesmo assim, por forma a infundir respeito. Com a saída do guarda foi-se o respeito pela escola, pelos alunos — rapazes e raparigas — e pelas professoras. «Já não é a primeira vez que estamos aqui muito sossegados», assim nos fala a directora da escola, «e há mandrinhos, muitos com mais de 14 anos, que tentam penetrar nas instalações, têm gestos obscenos e nos ofendem. Já recorremos à P. S. P., mas foi-nos dito que um guarda de serviço nos ficava cara». Francisca Fitas deu-nos conta do pormenor e referiu que, se não estava em erro, lhes pediram 170 escudos por dia. «Aonde vamos nós buscar o dinheiro?», inquiriu sem nos dar resposta.

No entender da directora, para já, não seria muito difícil, nem muito dispendioso para a Câmara Municipal de Lisboa, agir de forma a evitar atitudes tais. De acordo com as suas ideias, levantar dois metros num comprimento extremamente pequeno do muro que protege a escola seria panaceia provisória, mas de qualquer forma razoável. «Como o estabelecimento agora é misto, para um contacto mais directo entre rapazes e raparigas (porque os primeiros esfo-

da escola já desceram ao desplane de «visitar» o 2.º piso (onde as aulas decorrem normalmente como noutra escola qualquer), lembrou como recurso a colocação de um armado para impedir que a miudagem já crescida de 14 e 15 anos, que num bairro pobre não tem ocupação permanente e certa, perturbasse quando menos se esperava a ordem no estabelecimento. «Porque», referiu ainda, «se há um polícia que vem aqui fazer serviço um ou dois dias, não há problemas. Mas quando o agente se vai, a questão repete-se». E a Câmara Municipal de Lisboa, alegando falta de verbas, não se presta para zelar pelo «decoro» da escola nem, o que todos ali consideram mais grave, levar a cabo as obras de restauro que o estabelecimento há muitos anos precisa.

4 SALAS ABANDONADAS

No primeiro piso, onde ficam quatro salas que durante o ano lectivo praticamente não têm uso — a equipa do «DL» viu muitas manchas no chão, cadeiras e vidros partidos —, o aspecto é de todo em todo miserável. Salas votadas ao abandono, como no-lo referiu a directora, porque de Novembro a Junho o frio que nelas entra é inclemente e o chão miúdo não perdona a saúde de ninguém. «Houve um ano», lembrou-nos Francisca Fitas, «em que dei aulas numa das salas durante quase todo o ano lectivo. Mas jurei para nunca mais, porque isso seria atentar contra a saúde dos alunos e contra a minha». Assim, os alunos que este ano calculam os que sejam em número muito próximo dos 600 — levando em conta as transferências e os filhos dos retornados de Angola que já se inscreveram — obrigam, como estava previsto, a que os 24 professores se desdobrem diariamente em

OBRAS CLANDESTINAS DESPACHOS DE DEMOLIÇÃO NÃO PASSAM DE PAPEIS?

Num prédio, sito na Rua da Fé em Lisboa, foram levadas a cabo obras clandestinas, as quais culminaram na construção de um 3.º andar.

As alterações feitas então no 1.º andar e a carga do 3.º desequilibraram de tal modo o edifício que os soalhos do 2.º andar apresentam fortes desníveis e estremeçam à passada.

As obras tiveram início em 1971 e foram suspensas por embargo da Câmara Municipal de Lisboa em Abril de 1973.

No entanto, as condições criadas de instabilidade e insegurança mantêm-se.

Caso curioso, o processo já teve dois despachos de demolição das obras clandestinas, um deles anterior até ao 25 de Abril. Entretanto, a Câmara, (ou quem quer que seja por ela) optou por outra via: em vez de demolir o terceiro andar e de proceder às obras que garantam a segurança do prédio, tentou, isso sim, reboçar as lesões e fendas do 2.º andar.

O locatário deste, depois de muitas diligências, lá conseguiu que um técnico visitasse o prédio. O trabalho de tapa buracos foi mandado suspender, tendo sido criada uma comissão, que elaborou um rela-

tório, com base no qual saiu novo despacho «urgente» de demolição. Este despacho data de Outubro de 1974 e, como os serviços não passassem das promessas, dizendo que começavam hoje, amanhã, não se sabia quando, voltou o locatário a dirigir-se à Câmara. Ouviu simpática resposta: que era inacreditável tal desleixo, que descansasse, pois iriam ser tomadas medidas imediatas...

Efectivamente, no dia seguinte começaram a pôr andaimes nos prédios. Mas assim como os puseram, assim os tiraram. Estiveram os andaimes montados desde Dezembro até Março, para nada. Obras, nicles!

Parace uma história de humor negro, mas não é... E isto não fica por aqui, há mais! O «bondoso» do senhorio moveu entretanto ao inquilino daquele azarento segundo andar uma acção de despejo, ainda por cima ganhando à primeira, embora perdendo à segunda, subido o caso à Relação. E há mais ainda! Há que as obras do 3.º andar clandestino foram feitas e orientadas por um funcionário do Serviço de Obras... da própria Câmara! Ora digam lá se não é caso para o mais.

paciente dos cidadãos perder a paciência!

A terminar o desabafo que teve com o jornalista, afirmava o locatário daquele segundo andar, daquele n.º 48, daquela Rua da Fé:

«Não compreendo como esse mesmo funcionário continua ao Serviço, e não tenha sido responsabilizado, mas não esqueçamos que na Câmara Municipal de Lisboa tudo continua como antes do 25 de Abril de 1974, os directores, chefes de Divisão e de Repartição e de mais técnicos são os mesmos e se estas e outras coisas se faziam, com certeza que não são os mesmos senhores que se vão descobrir e desmascarar. O saneamento e o chamar à responsabilidade é que já há muito deveria ter sido feito. Não compreendo porque é que não foi. Chego à conclusão que isto é uma xaxada, mas o que é certo é que eu e minha família estamos sujeitos a ficar esmagados, tendo toda a mobília e mais haveres estragados, a saúde arruinada, o desgaste psico-moral é grande, e de medidas concretas nada vejo, é só palavras e papéis, antes e depois do 25 de Abril, tudo é igual, continuo a bradar no deserto.»

Nacional

Empresas de transportes nacionalizadas

Através de um decreto do Ministério dos Transportes e Comunicações o Governo decidiu nacionalizar a Camionagem Esteves, grupo de 38 empresas de transporte de mercadorias, cujo cliente fundamental é o Estado.

Esta medida, que produz efeitos a partir de 10 de Julho de 1975, insere-se na política de «controlo dos sectores básicos da economia pelo Estado, no sentido de prosseguir uma política colocada ao serviço das classes trabalhadoras».

O Estado indemnizará as entidades privadas titulares de acções ou quotas representativas do capital social das empresas nacionalizadas, em condições a definir, quanto ao montante, prazo e forma de pagamento até 31 de Dezembro de 1975.

As empresas nacionalizadas são as seguintes: Transportes, Alvor, Lda.; Transportes Estrela do Cais de Santarém, Lda.; Fernando do Carmo Esteves; Transportes Abel Ribeiro Rodrigues, Lda.; Transportes Centrais do Campo das Cebolas, Lda.; Transportes Teixeira e Silva, Lda.; Camionagem Fração, Lda.; Transportadora a Central da Ribeira Velha, Lda.;

António Vieira Carvalho, Lda.; Diamantino Rodrigues de Almeida, Lda.; Diamantino Rodrigues de Almeida e Filho, Lda.; Sociedades de Transportes Centrais Sobreirense, Lda.; Empresa de Transportes Braga, Lda.; Transportes António Cotrim Baptista, Lda.; Transportes Vasco e Galvão, Lda.; Auto Transportes Peroenses, Lda.; Manuel Guilherme Diniz e Filhos, Lda.; Transportes Emanuel de Castro, Lda.; Transportes Figueiredo e Filhos, Lda.; A Transportadora Central de Imanique, Lda.; Transportadora Auto-Rápida Madre de Deus, Lda.; Martins e Cubelas, Lda.; Camionagem Central de Paço

de Arcos, Lda.; Transportes Centrais da Rua Soares dos Reis, Lda.; Transportes Manuel e Artur Castanheira, Lda.; Transportadora Central da Avenida de Roma, Lda.; Transportes Auto-Rápidos do Bairro Azul, Lda.; Transportes de Santa Iria, Lda.; Viegas e Bica; Lda.; Martins e Irmão, Lda.; José Martiniano da Avó, Lda.; Manuel da Purificação Mariano, Lda.; Fernando Ferreira Ramalho, Lda.; Transportes Alfredo Marques Madeira, Lda.; Transportes Praia da Claridade, Lda.; Auto Transportadora Central de S. Brás, Lda.; Bastos e Silva, Lda.; Movareias, S. A. R. L.

Inventos portugueses em Nuremberga

Os inventores portugueses poderão participar na exposição internacional que se realiza em Nuremberga, devendo inscrever-se até final deste mês.

A 27.ª Exposição Internacional de Inventores e de Novos Produtos decorre naquela cidade da República Federal da

Alemanha, de 5 a 9 de Novembro próximo. Há sete anos que inventores portugueses participam no certame, tendo obtido diversos prémios e contratos vantajosos.

Em Portugal, a organização é representada por Artur Furtado, Rua da Madalena, 214, Lisboa.

Tiros em vez de eleição

A eleição de uma comissão de moradores, em Estela, Póvoa de Varzim, deu origem a tiros de que resultaram ferimentos em duas pessoas. O caso ocorreu quando um indivíduo se recusou a abrir a porta duma cantina escolar onde deveria decorrer a eleição. O implicado, presidente da Junta de Freguesia de Estela, Joaquim Ariaga de Almeida, após ter recusado a entrega da chave das instalações, puxou de uma pistola e atingiu Cipriano e Manuel Coelho da Cruz, que foram hospitalizados. A G. N. R. da Póvoa, que deteve o agressor, procede a averiguações.

Brigadas estudantis para o Alentejo

Estão abertas as inscrições para as duas brigadas estudantis de trabalho voluntário que, por períodos de 15 dias, darão o seu contributo, durante o mês de Setembro, às tarefas que nos campos do Alentejo estão a ser exigidas pela Reforma Agrária.

A organização das brigadas está a cargo da Comissão Pró-U. N. E. P., a pedido de comissões de trabalhadores de herdades alentejanas ocupadas. As despesas de alimentação serão custeadas pelo Fundo de Apoio às Organizações da Juventude.

Recorde-se que, no mês findo, cerca de 150 estudantes haviam já participado nos trabalhos agrícolas em curso nas cooperativas Pedro Soares e Germano Vidigal.

ROSA COUTINHO AMANHÃ EM LISBOA

Procedente do Panamá, chega amanhã, às 10 horas, ao Aeroporto da Portela, o almirante Rosa Coutinho, que representou Portugal na Conferência dos Países Não-Alinhados.



Ora diga-nos

CONCORDA COM A PENA DE MORTE?



Dois jovens militantes bascos — António Garmendia e Angel Otaegui — foram condenados à morte pelo Conselho de Guerra de Burgos. Caso os movimentos de solidariedade nacionais e internacionais não façam mossa ao regime franquista, caso os recursos dos advogados dos réus não colham êxito, os dois militantes abandonarão esta vida pelo garrote, isto é, através de um meio de execução que lhes acarretará não só sofrimento psíquico como físico. Será que a pena de morte pode ainda ter lugar hoje em dia?

«Não concebo a pena de morte», respondeu Carlos Silva, electricista, de 36 anos. Que se castigue as pessoas pelo mal que fazem, estou de acordo, mas dar-lhes como castigo a morte, isso nunca. É a única coisa que todos temos como certa. Aceitá-la, sim, mas quando natural.

Isabel de Oliveira, doméstica, de 30 anos, respondeu:

Nunca concordei com a pena de morte. Acho que as pessoas devem ser castigadas, mas não dessa maneira.

ra. O que me impressiona é a pessoa saber que vai morrer em dada altura. Mau será que isso venha a acontecer no nosso país...

Não estou de acordo com a pena de morte e ainda menos neste caso — foi a resposta de uma estudante de Economia, de 21 anos, Ana Mafalda. — Sou contra as prisões políticas, entendo que o pensamento é livre. Ainda por cima, a causa pela qual morrerão os dois militantes bascos é uma causa inteiramente justa.»

Spínola ameaça desembarcar em Portugal

RIO DE JANEIRO, 2 — (ANI) — Em entrevista a Carlos Lacerda, publicada na revista francesa «Paris-Match», o ex-general Spínola disse que o Presidente Costa Gomes «é um patético oportunista que tenta conseguir crédito em países ocidentais, pretendendo fazer com que se acredite que dirige um Governo de estilo moderado».

Declarou ainda Spínola que «nada resiste ao fracasso deste Governo preloso e paralisado, do qual Costa Gomes é representante: a hora de libertação aproxima-se».

Sobre o general Otelo Saraiva de Carvalho, Spínola disse que é «um general destes que se fabricam em 24 horas».

«Os novos dirigentes portugueses — acrescenta Spínola — têm feito de tudo, menos governar. O povo, cansado desta situação e do comunis-

mo, está pronto para reagir e revelar-se-á em breve». Segundo Spínola a «rebelião» surgirá do Norte de Portugal.

Perguntado por Lacerda sobre a data de desembarque, respondeu o ex-general que isso ainda «é um segredo, ou melhor ainda, não se fixou data precisa».

Noutra entrevista, esta concedida à B.B.C., no Rio de Janeiro, Spínola referiu-se à situação «verdadeiramente caótica» que se vive em Portugal e deixou claro que mantém contactos com organizações políticas portuguesas, recusando-se a dizer com quais. O ex-general acusou «os oficiais marxistas» de quererem estabelecer uma «ditadura comunista no País» e lembrou a sua adesão ao Movimento Democrático para a Libertação de Portugal.

SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO DISTRITO DE LISBOA

Avenida D. Carlos I, 42 - 2.º — Telef. 60 70 51/5 — LISBOA

OPERÁRIOS, TRABALHADORES:

Pelas 5 horas da madrugada do dia 31 de Agosto um numeroso grupo de marginais e jovens não identificados, munidos de barras de ferro, matracas e pedras, tentou, sem êxito, assaltar as instalações do Sindicato dos Empregados de Escritório, na Rua Braancamp.

Os candidatos da Lista B sob a pavorosa ordem «social-fascistas fora dos Sindicatos» incitaram os assaltantes a passar à acção. Enquanto decorreu o acto eleitoral nunca ocultaram esta intenção, revelando claramente que era uma acção planeada.

Dentro das instalações do Sindicato encontravam-se elementos da Direcção em exercício e um grupo de cerca de 50 sócios que, mantendo a habitual vigilância revolucionária praticada por aquele Sindicato, não cederam às ameaças do grupo arruaceiro e solicitaram a Intervenção das Forças Armadas, que compareceram no local.

As provocações mantiveram-se durante toda a madrugada e o dia, com diversas tentativas de agressão (chegou a ser sequestrado um elemento da Direcção) até que cerca das 20,30 horas foi estabelecido um acordo, entre a Direcção e os elementos das Forças Armadas, para a selagem das instalações e a saúde, em condições de segurança, dos sócios que lá se encontravam.

Os candidatos da Lisboa B, juntamente com elementos de um conhecido agrupamento dito político, participaram activamente em todos os acontecimentos. De salientar que alguns elementos da Lisboa B, participantes neste golpe reaccionário é o terceiro Sindicato que tentam assaltar, no curto espaço de sete meses, revelando claramente ou, uma torpeza política ou, uma evidente inclinação para acções golpistas.

Este assalto ao Sindicato dos Empregados de Escritório não acontece por acaso. Insere-se na onda de assaltos a Sindicatos e Unões no Norte e ao Mercado do Povo de Braga. É uma acção coordenada com a ofensiva contra-revolucionária que tem assolado o País.

Dois interrogações fazemos já a todos os trabalhadores: são os trabalhadores quem assaltam e destroem os seus Sindicatos? Estes «revolucionários» assaltaram algum Sindicato antes de 25 de Abril quando estavam na mão de fascistas e da PIDE?

Não! Nessa altura nunca se preocuparam com o movimento sindical e com a luta que nele se travava contra o fascismo. Hoje debaixo de um vocabulário insultuoso praticam actos contra-revolucionários que os identificam com as pontas de lança do fascismo.

De imediato levanta-se uma questão de fundo que os trabalhadores não podem ignorar: qual é a legitimidade de «eleições» que elegem semelhante gente?

É uma lição para os trabalhadores de escritório que, mal informados e esclarecidos, se deixaram arrastar por uma campanha demagógica onde abundou uma linguagem carregada de ódio.

Os trabalhadores de escritório não podem esquecer a unidade que devem estabelecer dentro das empresas com os operários e outros trabalhadores. Essa unidade fundamental para o êxito da luta revolucionária está comprometida com a «Direcção» eleita no dia 31 de Agosto, cujo acto imediatamente a seguir à contagem dos votos, é assaltar o próprio Sindicato.

Lisboa, 1 de Setembro de 1975

Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica de Lisboa

Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa

Sindicato dos Transportes Rodoviários

Sindicato dos Trabalhadores Ind. Química

Sindicato dos Trabalhadores Construção Civil

Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Panificação e Produtos Alimentares afins do D. de Lisboa

Sindicato dos Profissionais das Telecomunicações e Radiodifusão

Sindicato dos Electricistas de Lisboa

Sindicato das Celuloses, Papéis e Cartões - Zona Sul

Sindicato dos Trabalhadores Gráficos do Sul e Ilhas Adjacentes

O DESAFORO DOS FOROS

Os foros foram extintos! Após longos anos de uma luta intensa e durante tanto tempo inglória, os agricultores vêem realizada uma velha aspiração: a extinção dos foros. A partir deste ano, já os agricultores não terão de pagar o foro dos prédios rústicos pelo S. Miguel.

Efectivamente, o V Governo Provisório aprovou já o decreto-lei que liberta os agricultores desta forma de exploração que sobre eles pesava havia já tantos anos.

Assim, «o Movimento para a Extinção dos Foros tem a grande alegria de comunicar a todos os agricultores esta grande vitória, fazendo-lhes notar que ela foi possível porque demos as mãos uns aos outros para a conquista dos nossos direitos».

Outras aspirações dos

agricultores «têm que ser conquistadas e para tal se apela para a grande unidade que deve existir entre nós todos, pois só assim a vitória será possível!».

E o Movimento recomenda: «As Comissões de Foreiros que entretanto se formaram para se integrarem no Movimento para a Extinção dos Foros não devem por isso desaparecer, mas sim constituir a base da organização dos agricultores para a resolução de outros problemas que grandemente nos afectam. Correspondendo a esta necessidade de organização para a defesa dos nossos interesses começam já a surgir, em vários locais Ligas de Pequenos e Médios Agricultores que, sem dúvida, virão a constituir o grande movimento unitário de agricultores do Norte».

Moçambique e a Inglaterra estabelecem relações

LONDRES, 1 (R.) — Moçambique e a Grã-Bretanha estabeleceram relações diplomáticas, anunciou o Foreign Office nesta cidade.

O comunicado foi emitido após uma reunião em Londres, entre Joaquim Chissano, ministro dos Negócios Estrangeiros de Moçambique, e o vice-ministro dos Negócios Estrangeiros britânico, David Ennals.

No texto do comunicado recorda-se que os dois ministros tinham numa troca de cartas, concordado já em estabelecer relações diplomáticas a nível

de embaixada, a partir de 22 de Agosto.

Chissano chegou a Londres ontem, ido de Lima de regresso ao seu país, depois de assistir à Conferência de Ministros dos Negócios Estrangeiros dos países não-alinhados.

Ennals e Chissano, durante uma reunião de uma hora, trocaram pontos de vista sobre a situação na África Austral.

Ennals representou a Grã-Bretanha nas celebrações da independência de Moçambique, em Junho passado.

BANCO DE ANGOLA OCUPADO POR RETORNADOS OS OCUPANTES EXIGEM A CONVERTIBILIDADE DO ANGOLAR

«Queremos pão e que nos dêem trabalho», gritaram muitas centenas de refugiados (ou retornados) de Angola quando ontem se concentraram junto às instalações do Banco de Angola, na Rua do Comércio, que mais tarde ocupariam como protesto contra o facto daquele estabelecimento bancário não reverter o angolano (o escudo de Angola), parece-nos que cumprindo nesse sentido instruções do Governo como instituição nacionalizada que é.

«Perdemos tudo e estamos dispostos a tudo», afirmaram mais alguns inelinados no 1.º andar do edifício, enquanto uma enorme multidão se aglomerava na rua, originando o corte do trânsito a cargo de forças da P.S.P. que aí afluíram sem intervir.

A ocupação parece ter-se verificado cerca das 9 horas da manhã de ontem, depois de ter sido solicitada a comparencia do vice-governador do Banco, dr. António de Almeida, que, falando aos ocupantes, afirmou ser um simples empregado daquela instituição bancária e, como tal, nada poder fazer. Prometeu aos ocupantes, quando muito e na tentativa de resolver o problema, de apresentar as reivindicações dos retornados ao Ministério das Finanças e, provavelmente, de levar o assunto ao Governo — o que aconteceu ainda ontem. Para facilitar a operação, os refugiados constituíram uma comissão «ad hoc» destinada a avisar-se com o ministro das Finanças, acompanhados pelo vice-governador. Como o caso não fosse imediatamente resolvido, então aí optaram pela ocupação das instalações. Um cartaz colado na esquina de



uma das paredes do edificio dizia: «O Banco de Angola deve converter a moeda de que é emissor». E muitos dos refugiados, que uma hora depois eram substancialmente reforçados gritaram que queriam que lhes aceitassem o seu dinheiro «ganho honradamente». «Nem nos trocam dinheiro nem nos deixam comer com o dinheiro que trouxemos», salientaram outros, enquanto muitos dos funcionários aderiam à ocupação e no interior do banco se esforçavam por regularizar o expediente. Outros, ainda, formaram piquetes de vigilância nos vários (cinco) pisos do edificio, e, à porta, identificavam os clientes que ali chegavam para tratar de assuntos pendentes e desconheciam o que, na verdade, se passava.

O MEMORIAL REIVINDICATIVO

Contra o que muitos dos curiosos admitiam não se verificavam incidentes. Uma ou outra voz discordante, que não dos interessados, era posta ao corrente do sucedido e se recalcitrava corria o risco de ser esmurrada se não se afastasse. Duas senhoras subiram céleres e perseguidas a Rua da Prata e um homem vimos ser ligeiramente espancado já da parte da tarde. «A manifestação», acentuou um dos elementos da ocupação, «é ordeira e apolítica», enquanto outros afirmavam ter a solidariedade dos trabalhadores do Banco e de outros designadamente o B. N. U. que lhes trouxeram alimentos. Garantiram à multidão e a muitos retornados presentes na rua que dali não saiam até que o problema não fosse resolvido, o que pediam com imediatéz. E outra voz se fez ouvir: «Desde o dia 31 de Março que o Banco deixou de receber ordens para aceitar o dinheiro de Angola», para outros dizerem que não saiam daquele local mesmo que «venham os chaimites».

Entretanto, dentro do edificio a comissão «ad hoc» reuniu com a comissão sindical para lhe apresentar o memorial entregue ao ministro das Finanças e que ontem mesmo terá sido levado ao seu titular.

Eis o seu teor: Exigimos a troca imediata, repetimos, ime-

diata, da moeda de Angola e de outras províncias ultramarinas pela moeda portuguesa emitida pelo Governo português; essa troca imediata limita-se por pessoa adulta até um montante de escudos 300.000.000, contra a apresentação do bilhete de passagem ou documento comprovativo da mesma e, bem assim, documento comprovativo da respectiva identificação; o excedente a este montante será transferido ou trocado consoante as necessidades e prova da existência dos fundos depositados em qualquer banco do Ultramar; exigimos igualmente que os bens que eventualmente possam ficar depositados nos Bancos do Ultramar, sejam devidamente acautelados sob a responsabilidade do Governo Português; e o Banco de Angola e respectivos departamentos encontram-se ocupados por deslocados do Ultramar, e essa ocupação só será levantada logo que de imediato esta justa reclamação seja atendida».

CONTACTOS COM O MINISTRO DAS FINANÇAS

Entretanto, os refugiados que se encontravam fora do edificio foram informados, ao fim da tarde, das diligências levadas a cabo pela comissão formada. Na hipótese das suas reivindicações não serem atendidas num prazo imediato, que não foi estipulado mas muitos pediram que não transpusesse

as 24 horas, o facto seria transmitido a todas as dependências daquele Banco para que as diversas comissões de delegados apoiassem a resolução tomada pelos funcionários de Lisboa. Numa etapa posterior e ainda não determinada os desalojados e trabalhadores daquele Banco contactarão as comissões de trabalhadores e de delegados de outros Bancos a fim de obterem o seu apoio e solidariedade, «independentemente de outras medidas julgadas adequadas», referiu um outro elemento da comissão «ad-hoc», «que entendamos futuramente tomar».

Durante a madrugada o movimento exterior ao edificio foi escasso e praticamente operado por outros retornados, enquanto no seu interior o piquete de vigilância, englobando muitas mulheres, permanecia atento e decidido. Começava a segunda fase do processo de luta e alguns dos ocupantes tinham descido para procurar alimentos, sem que ninguém soubesse, na altura, se o Governo se tinha debruçado sobre a questão, para a qual terá sido convidado a pronunciar-se por intermédio do ministro das Finanças.

Esta manhã a afluência dos retornados que não penetraram, ontem, no edificio — que ainda hoje mantinha o mesmo aspecto e a mesma expectativa das primeiras horas da madrugada — cresceu, à medida que a impaciência sobe e os ânimos se exaltam.

PELO REPATRIAMENTO DOS PORTUGUESES PRESOS NO BRASIL

Promovida pela Associação de Ex-Presos Políticos Antifascistas (A.E.P.P.A.), está em curso uma campanha para repatriamento de dois portugueses presos políticos da ditadura fascista brasileira: José Duarte, ferroviário, de 72 anos, preso no Ceará; e Alípio de Freitas, ex-padre, de 51 anos.

Em comunicado emitido a propósito, a A.E.P.P.A. diz, nomeadamente:

«A A.E.P.P.A. apela para que todas as forças verdadeiramente antifascistas se mobilizem para alcançar este objectivo. Apela para que as comissões de trabalhadores e de motado-

res, as assembleias populares, as ADU e, enfim, os antifascistas consequentes façam aprovar moções e/ou enviem telegramas exigindo que o Governo português comece já a desenvolver todos os esforços para fazer retornar à Pátria estes dois valiosos filhos do nosso povo».

Informa também a A.E.P.P.A. que um elemento da direcção e outro da comissão jurídica foram recebidos pelo chefe do Gabinete do ministro dos Negócios Estrangeiros, a quem entregaram uma carta que frisa a urgência de José Duarte, gravemente doente.

Direcção dos Escritórios censura assaltantes

Os incidentes ocorridos este domingo no Sindicato dos Trabalhadores de Escritório de Lisboa, quando elementos recém-eleitos para os corpos gerentes procuraram assaltar as instalações daquele organismo, levaram a direcção cessante a tomar posição, em comunicado onde «chama a atenção dos trabalhadores conscientes para as graves consequências da actuação irresponsável de quem, arrogando-se intransigentemente defensor dos interesses dos trabalhadores, atenta tão gravemente contra esses mesmos interesses».

Narrando detalhadamente os acontecimentos, a direcção do Sindicato dos Escritórios afirma:

«A lista B, depois de uma campanha eleitoral conduzida no melhor estilo MRPP (tendência aliás predominante na lista), em que o esclarecimento aos trabalhadores sobre o seu programa foi preterido pelo permanente recurso à calúnia de forças e elementos progressistas, veio esclarecer definitivamente o que se pode esperar da sua acção no Sindicato».

Nas imediações do local onde se realizava o acto eleitoral, conhecidos elementos não pertencentes a este Sindicato, fomentavam agitação e realizavam comícios que, à mistura com provocações, foram criando o ambiente propício aos

acontecimentos posteriores. Já nessa altura a palavra de ordem era o assalto ao Sindicato «nem que para isso fosse preciso fazer sangue».

A histeria foi crescendo à medida que os resultados iam sendo conhecidos e atingiu o seu auge com o anúncio da contagem final.

Assim, e no seguimento do estado emocional criado, não se estranhou que este grupo de agitadores conseguisse, iludindo a boa-fé de alguns trabalhadores menos esclarecidos, arrastá-los até às instalações do Sindicato para uma tentativa de assalto.

Pretendiam, passando por cima das regras mais elementares da transmissão democrática de poderes, constantes, aliás, dos Estatutos e da própria Acta da Assembleia Eleitoral que momentos antes haviam aprovado por unanimidade, impor pela força uma imediata tomada de posse.

Essa tentativa foi contudo, frustrada devido à presença de trabalhadores de escritório, que conscientes da gravidade da situação política de há muito que vêm mantendo nas instalações do Sindicato piquetes de vigilância revolucionária.

O aumento crescente da tensão, bem como os mais sujos insultos levaram os trabalhadores sitiados a pedir a comparencia das forças militares pa-

ra protecção não so das instalações como das suas próprias vidas.

Não foi sem estranheza que se observou todo o tipo de pressões desses indivíduos sobre elementos das forças militares, ao mesmo tempo que se assistia a tentativas de agressão e às mais baixas provocações a elementos da direcção que se encontravam no exterior do edificio.

A situação arrastar-se-ia e só cerca das 19 horas se verificou a saída dos sitiados. Uma tentativa para lhes serem fornecidos alimentos, efectuada anteriormente, não surtiu efeito, devido à oposição dos provocadores e à pouca firmeza dos elementos militares a quem fora solicitada uma intervenção nesse sentido.

Não obstante todas as atoardas propagadas junto das Forças Armadas, quanto à existência de armas nas instalações para justificar uma atitude de força da parte destas, verificaram os militares a falsidade de tais boatos.

O Sindicato viria a ficar confiado à guarda de forças militares, até posterior resolução da lamentável situação criada pelos responsáveis da lista B.

E, a terminar, a direcção interroga: «A quem serve um Sindicato encerrado? Aos trabalhadores ou ao patronato? Os trabalhadores o julgarão!».

Geral

30.º aniversário do fim da II Guerra Mundial

A guerra está em

No dia 2 de Setembro de 1945, a bordo do Missouri, ancorado nas águas japonesas de Yokoama, era assinada a acta de rendição do Japão, que punha termo à Segunda Guerra Mundial em todas as frentes. O documento histórico foi assinado por Arthur MacArthur, em nome do Supremo Comando dos Aliados, pelos japoneses Shigemitsu e Umez, pelo norte-americano, Chester Nimitz, o chinês, Hsu Yung, Chang, o britânico, Bruce Fraser, o australiano, Thomas Blamey, o canadiano, Moore Cosgrave, o francês, Leclerc, o holandês, Helfrich e o neozelandês, Leonard Isitt. Uma explosão de alegria deflagrou pelo Mundo inteiro: acabara o maior pesadelo que a humanidade até então tinha vivido. Mas convém não esquecer que, antes do final da guerra, a humanidade saltara uma barreira: a das armas nucleares. A alegria do fim da hecatombe somava-se a angústia perante a nova ameaça que doravante ficou a pairar sobre a Terra. Ameaçados de aniquilação total, os homens de hoje não podem permitir que novo conflito venha a ocorrer no Mundo. Para quem viveu a guerra, este anseio de paz, este pavor da bomba atómica constitui uma espécie de segunda natureza. Vladimir Lomeiko, membro do Conselho de Administração da agência soviética Novosti, fala-nos em artigo que a seguir transcrevemos dos sofrimentos do povo soviético durante a guerra, e explica-nos as razões por que a paz e a cooperação internacionais são dois temas constantes da política externa da U.R.S.S.

É doloroso para um russo recordar a guerra. Mas é preciso lembrarmo-nos. Não para ajustarmos contas com o inimigo, mas para lembrar o passado, que ainda hoje, vive em nós. Também, porque da compreensão justa desse passado dependem em muito, a paz e a segurança da nossa época.

Nós, não nos lembramos da guerra, somente das grandes datas. A guerra salta aos olhos, bate no nosso coração e entra de repente na nossa casa a cada dia. Por vezes, isto faz-se bruscamente, como a sequência de um filme, quando se veem os imensos ouriços (barreiras) anticarro mesmo às portas de Moscovo. Em memória dos que em 1941 pararam as divisões blindadas. Como uma participação de falecimento chegada 30 anos depois, de uma longínqua aldeia de Bielo Rússia onde os alunos procuraram e encontraram o túmulo de um soldado desconhecido e arrancaram ao esquecimento o nome e o local onde repousam as cinzas do desaparecido. Ele entra numa família silenciosa, em volta da mesa de festa, onde a velha mãe limpa uma lágrima, ao olhar a fotografia de um jovem soldado.

JÁ PASSARAM 30 ANOS

Já passaram 30 anos, mas ainda hoje se estabelece subitamente o estado de emergência na cidade de X. No centro de um bairro com uma densa população, durante a construção de uma escola ou um hospital, a pá de uma escavadora levanta, de repente, um velho obus de um depósito de artilharia camuflado. Para não se arriscar a vida das pessoas, procede-se a uma evacuação em massa das ruas vizinhas, depois os sapadores irão voluntariamente desenterrar a morte enferrujada, e das suas mãos, sairão, como crianças adormecidas, os obuses dos seus ninhos...

Estuda-se a guerra nas escolas. Os netos daqueles que, em Maio de 1945, se taceavam dizendo: «É verdade que isto já acabou e que eu passei por todo este inferno?» dizem, nas

aulas de História, ao professor primário, o que a guerra custou ao nosso país. Eis os números. Nem todos. Os principais somente. A guerra tirou a vida a mais de 20 milhões de cidadãos soviéticos. No território da URSS ocupada, os fascistas exterminaram e torturaram 6 milhões de pacíficos habitantes. Mais de 4 milhões de cidadãos soviéticos foram deportados para trabalhos forçados na Alemanha.

1710 vilas e cidades industriais, mais de 70 000 aldeias e povoações foram destruídas, 6 milhões de edifícios arrasados. 25 milhões de pessoas ficaram sem casa.

Durante a ocupação destruíram 32 000 empresas industriais, 65 000 quilómetros de via férrea, 4100 estações ferroviárias, cerca de 14 000 pontes ferroviárias e outras obras, destruíram e levaram 16 000 locomotivas e 428 000 vagões.

Destruíram 40 000 hospitais, 84 000 escolas, colégios e institutos. Causaram prejuízos consideráveis na agricultura. Destruíram-se 98 000 colchozes, 1876 sovkhoses, 2890 estações de máquinas e tractores.

Levaram das regiões ocupadas imensas quantidades de trigo, (impossíveis de calcular), 7 milhões de cavalos, 17 milhões de cabeças de gado bovino, 20 milhões de porcos, 27 milhões de ovelhas e cabras, 110 milhões de aves de criação.

Segundo as estatísticas, os prejuízos sofridos pela União Soviética durante a guerra elevam-se a 679 biliões de rublos, ou seja um terço das riquezas nacionais.

Ainda há outros números. Se tomarmos em linha de conta as despesas ocasionadas pela condução da guerra, a reorganização da economia em tempo de guerra, bem como as perdas sofridas pelo facto de que imensos territórios foram ocupados e que o país não recebeu os valores materiais que aí tinham sido produzidos, então as perdas sobem a cerca de 2600 biliões de rublos (1).

Os números não faltam. São mesmo muito numerosos para podermos citá-los todos. Mas

na memória do povo, não há número mais pesado do que os 20 milhões de desaparecidos. Porque entre eles, estão parentes de cada um de nós.

Os números têm real valor

quando o teu próprio destino está ligado a eles...

UMA MESA VAZIA

...Estamos sentados em volta de uma imensa mesa vazia: a minha mãe o meu irmão de dois anos e eu próprio. Do outro lado da janela, está o Inverno de Leninegrado de 1941. Sobre a mesa coberta de uma toalha branca, estão três minúsculos pedaços de pão que nós olhamos em silêncio. A minha mãe põe diante de cada um de nós um desses minúsculos pedaços de pão. Com muita prudência, para não deixar cair a mínima migalha, ela põe o seu bocado na palma transparente da mão do meu irmão. Na cara, só, se lhe veem os olhos. Em silêncio, ele repõe o pão diante da mãe.

Ninguém diz palavra. É preciso economizar as forças porque do jantar até à ceia vai uma eternidade. Esta noite teremos ainda pão, mas ainda mais fino e um copinho de água quente. Depois, iremos todos deitar-nos muito cedo. O

sono é o nosso aliado contra a fome. Depois será a noite e a seguir a manhã. Ainda a mesa coberta por uma toalha branca imaculada na qual nunca há a mínima migalha de pão...

900 dias todos iguais: de 8 de Setembro de 1941 até 18 de Janeiro de 1943. Durante o bloqueio de Leninegrado, 17 000 pessoas morreram das bombas e dos obuses na cidade cercada pelas tropas fascistas, e 632 253 morreram de fome (2). Quando o bloqueio acabou, Leninegrado contava cerca de 600 000 sobreviventes (3).

Se algum dia tiver ocasião de escrever a propósito desses dias darei como título ao meu trabalho: «Notas de um sobrevivente por acaso». Até hoje, ainda não consegui compreender como sobrevivi.

Eis os dados imparciais da alimentação durante o bloqueio: (4)

As pessoas a cargo da cidade, que constituíam um terço da população, tinham como ração diária: 125 gramas de pão, 6,6 gramas de gorduras, 13,2 gramas de carne, 26,6 gramas de açúcar, 20 gramas de flocos de aveia ou de massa, num total de 466 calorias.

As crianças (até 12 anos) tinham 125 gramas de pão, 16,6 gramas de gorduras, 13,2 gramas de carne, 40 gramas de açúcar, 40 gramas de flocos de aveia ou sejam 684 calorias.

Mas a maioria das vezes estas normas ficavam no papel. Havia meses em que não se distribuía um só grama de gorduras ou de carne. Os homens inchavam e morriam de fome. Mesmo assim, a cidade resistiu e não se rendeu.

Muito mais tarde soube que a exterminação da população pacífica era a política premeditada dos ocupantes. Uma directiva do chefe do Estado-Maior da direcção da guerra naval da Alemanha, estando junto do grupo de Exércitos «Norte» dizia a respeito de Leninegrado: «Pela nossa parte, nesta guerra de morte, não estamos interessados em conservar nem sequer uma parte da população desta grande cidade» (5).

Sobrevivente por acaso, eu testemunho: para mim, em Dezembro de 1941 não havia diferenças entre os alemães e os fascistas. Eram «inimigos» que queriam exterminar-nos pela fome. Se alguém me tivesse dito então, que alguns anos mais tarde eu começaria a estudar alemão na escola, a aprender de cor Heine, Goethe, Schiller, isso ter-me-ia parecido incrível e antinatural, como a própria ideia de que existem outros alemães e de que existe uma grande cultura alemã pela qual Leninegrado cercada lutou igualmente.

NÃO TEMOS ÓDIO

Não temos ódio para com os alemães. Por vezes, temos somente um sentimento de amargura e de pena, quando estamos em presença de alguém a quem a guerra nada mais en-

sinou senão a maldade, ou quando um outro, por detrás das árvores do seu jardim perdido, não vê a floresta de cruces de madeira de bétula.

Por vezes, até temos um sentimento de vergonha por um alemão que ultrapassando todas as medidas e esquecendo todo o tacto, escreve com uma ponta de ironia a propósito das nossas más estradas, do nosso mau serviço, das nossas casas rurais estragadas, esquecendo que talvez, que o seu pai passou com um carro de assalto por essas estradas nos dois sentidos, ida e volta...

Aquele que não compreendeu o que a guerra custou em vítimas e sofrimento à União Soviética, esse, nunca compreenderá verdadeiramente a abnegação dos milhões de soviéticos durante o período de restabelecimento que se seguiu. A guerra imposta pelo fascismo foi uma das mais cruéis provas jamais suportadas pelo nosso povo. Recebemos o golpe mais terrível do fascismo e suportámos o essencial do fardo da guerra.

As provas continuaram após a guerra. Imensos Territórios — do Volga às fronteiras ocidentais — estavam em ruínas. A situação económica não podia estar mais precária.

A falta de homens, sobretudo, fazia-se sentir. Em relação a 1940 o número de operários e de empregados diminuiu de quase 4 milhões (6). A produção de artigos de consumo atingia somente 59 por cento do nível de antes da guerra (7).

Aprovou-se em Março de 1946, o quarto plano quinquenal de restabelecimento e desenvolvimento da economia nacional. Começou-se a incrementar e desenvolver a indústria pesada e os transportes. Durante o quinquênio propunha-se investir 250,3 biliões de rublos, dos quais mais de 40 por cento para restabelecer as regiões que sofreram a ocupação (8).

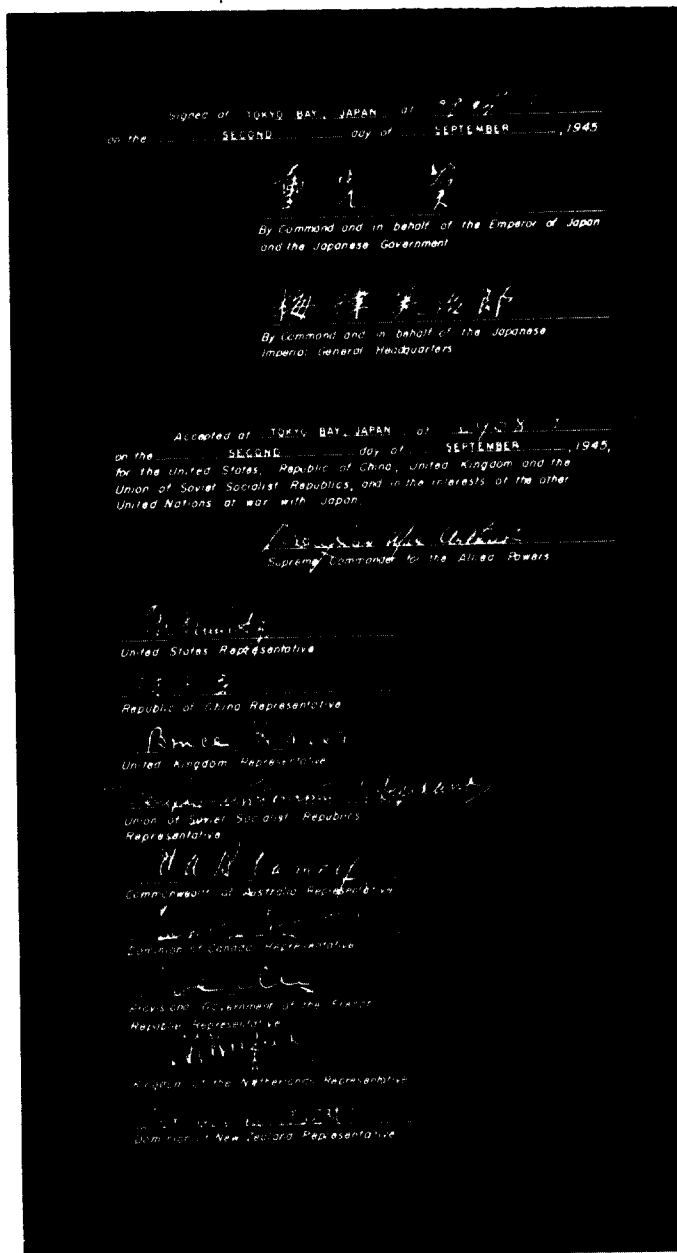
Já em fins de 1948, duas mil empresas do país tinham realizado o seu plano quinquenal antes do termo, no entanto o restabelecimento de alguns ramos da indústria era feito irregularmente. A extracção do carvão atingiu o nível de antes da guerra em 1947, a produção de aço e de cimento em 1948, a produção de ferro fundido e a extracção de petróleo em 1949 e a produção de calçado de couro e de lona somente em 1951 (9).

Na agricultura para as superfícies semeadas, o nível de antes da guerra só foi atingida em 1952 (10).

Graças ao trabalho cheio de abnegação de milhões de soviéticos, o nível da produção industrial atingiu o de antes da guerra em três anos (11).

Os soviéticos restabeleceram o seu país como tinham combatido, sem poupar as suas forças, o seu tempo e a sua energia. Somente graças a isto foi possível levantar a economia nacional das suas ruínas durante o primeiro quinquênio do após guerra.

O plano estipulava ultrapas-



Fotocópia das assinaturas da acta de rendição do Japão, firmada em 2 de Setembro de 1945 a bordo do «Missouri», nas águas de Yokoama. Com a derrota do Japão liquidou-se o último foco da Segunda Guerra Mundial no Extremo Oriente

cada um de nós

Por Vladimir Lomeiko Exclusivo "Novosti" - DL

sar de 38 por cento, no fim do quinquénio, o nível do rendimento nacional do antes da guerra. Com efeito, em 1950 o rendimento nacional ultrapassou de 64 por cento o nível de 1940 (12).

Nas cidades, reparou-se e construíram-se casas numa superfície total de 102,8 milhões de metros quadrados. 2 700 000 casas de habitação foram construídas no campo (13)

UM CÁLCULO IMPOSSÍVEL

Os números falam por si próprios. E mesmo assim, perguntem-me quando é que nós vamos definitivamente as feridas da guerra e eu não poderei responder a esta pergunta. É tão difícil como contar todos os prejuízos causados ao nosso país pela invasão fascista.

Poder-se-á calcular o que a guerra foi para o povo?

A guerra não é somente mortos e estropiados, cidades destruídas, uma economia pilhada. Não é somente o desaparecimento da juventude de numerosos povos e nações do nosso país (operários altamente qualificados, camponeses de pai para filho, artesãos exímios) é ainda a experiência das gerações que desapareceu com eles sem ser transmitida aos filhos e aos aprendizes. Não é somente a parte destruída da nossa arte e da nossa cultura, os escritores, os pintores, os compositores mortos, é ainda os livros, as telas, a música que nunca viram o dia. É também toda uma camada do povo exterminada pela guerra. É uma camada da cultura arrancada à civilização humana.

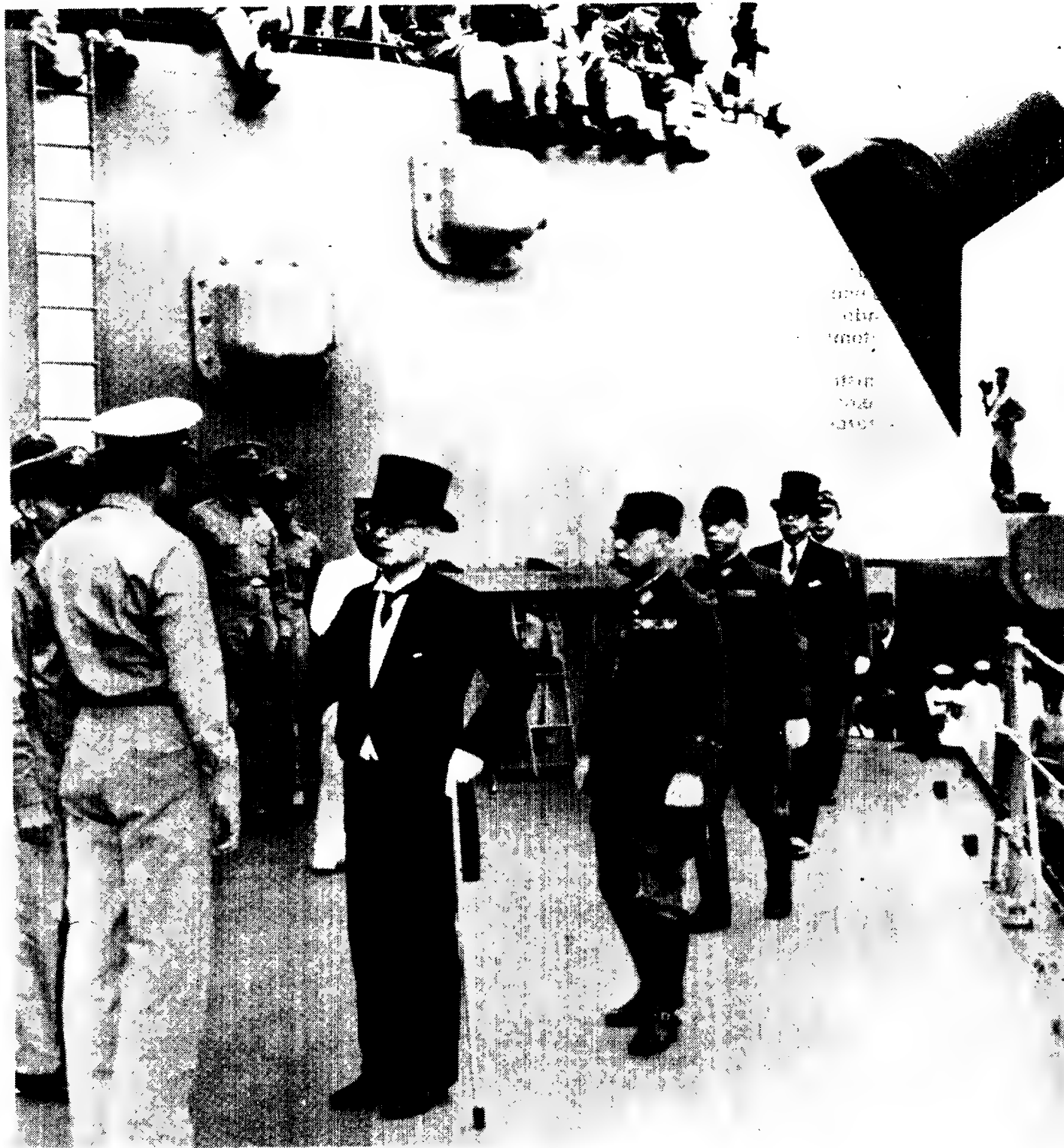
A guerra causou prejuízos materiais irreparáveis. Mas também um profundo prejuízo psicológico ao povo. São milhares de mães sózinhas que não viram regressar os seus maridos, é todo um país de noivas que ficaram viúvas antes do casamento.

É também toda uma geração privada de infância e de adolescência, uma geração de homens que nasceram adultos. Hoje eles são menos numerosos: o tempo leva imperdoavelmente os milhares de inválidos de guerra. Quantos anos a Rússia amputada deambulou através das cidades e das aldeias sobre os seus cotos colocados em estrados em vez de rodas! Eles estão mortos, mas os seus filhos ficaram, crianças que na idade de seis anos eram mais altos que os seus pais...

Será possível medir o prejuízo psicológico da guerra?

Até hoje, ainda há pessoas que se assustam quando ouvem falar alemão, eu próprio vi um pai colérico bater no seu filho que quisera assustá-lo ao gritar em alemão «mãos no ar».

«Nunca mais brinques assim», disse ele ao rapaz surpreendido. Como poderia ele explicar-lhe que, durante a ocupação, para muitas pessoas na Rússia, esta ordem em



A delegação japonesa chega a bordo do «Missonri», onde vai assinar a acta da rendição nipónica. Terminava, deste modo, a guerra mais criminosa da História da Humanidade

alemão significava o adeus à liberdade e por vezes o adeus à vida. Mesmo os alemães da velha geração nunca conheceram a verdadeira dimensão do que o fascismo trouxe ao povo soviético. Aprenderam-no mais tarde, através dos relatos e documentos. Nós tivemos de sentir tudo isso na nossa própria pele.

O CORAÇÃO CHEIO DE ÓDIO

Quando o exército soviético se aproximou das fronteiras do Reich, com o coração cheio de ódio, cada um de nós teve dificuldades em se dominar. Sim, foi difícil aprender a distinguir o alemão do fascista. Porque

não nos distinguiram a nós, perseguiam-nos em massa em Babi Yar, nos campos de concentração e de trabalhos forçados, dando uma última preferência aos que eram mais novos e de melhor saúde!

Mas nós soubemos dominar-nos e dissemos austera e mente uns para os outros: «Olho por olho, dente por dente» não é a nossa divisa.

Soubemos separar o povo alemão da nata do nazismo.

A guerra entrou na história do nosso povo, como o tempo dos grandes sacrifícios. As suas glórias, viverão na memória de numerosas gerações.

A guerra provou a vitalidade do Estado soviético e do regime socialista. Não foram somente duas estratégias e duas

táticas que se defrontaram no campo de batalha, não só «tígras» contra «KV», mas duas concepções do mundo, dois sistemas opostos. Desde os primeiros dias a guerra foi para nós uma guerra patriótica, a guerra de todo um povo contra os ocupantes. Isso apareceu no heroísmo maciço manifestado na frente e na retaguarda. Isso reflectiu-se no movimento dos «partisans» (só na Bielorrússia havia mais de 370 mil «partisans», e mais de 70 000 membros dos grupos clandestinos)...

O papel que o Partido Comunista teve como força mobilizadora e dirigente da sociedade soviética cresceu e consolidou-se durante a guerra. É significativo, que durante as horas mais difíceis da guerra no

Outono de 1941-Inverno de 1942, quando quase todos no Ocidente, estavam certos da derrota iminente da Rússia, dezenas de milhares de homens aderiram ao Partido Comunista. Eram os dias em que se aplicava largamente a ordem da S.S.: «Fuzilar os comissários e os comunistas!»

A guerra provou a possibilidade e a necessidade de aliança de todas as forças antifascistas contra a agressão. Os povos e os exércitos dos países da coligação anti-hitleriana trouxeram uma grande contribuição à vitória comum. Provou-se na prática, a eficácia da cooperação política e militar de Estados pertencentes a regimes sociais diferentes.

O ataque surpresa da Alemanha

nha fascista contra a União Soviética foi uma rude lição para nós. A guerra mostrou a todo o povo a necessidade de reforçar a vigilância e o potencial defensivo do país. Não o esqueceremos ao aplicar uma política de paz consequente. Não há contradição entre estas tarefas. Nós lutamos pela redução dos armamentos e das forças armadas, pela limitação das armas estratégicas, mas não queremos mais uma vez ser vítimas de uma pérfida agressão.

A GUERRA É UMA DOR

Até ao dia de hoje, a guerra está em cada um de nós. Está presente na dor das perdas, nas doenças precoces e na velhice prematura, nas crianças que não nasceram e nas esperanças que não se tornaram realidade. A guerra é uma dor gravada no nosso coração. Dor que não desaparece com a morte dos mais velhos. Mesmo as crianças que nasceram depois da guerra, a ressentem, talvez não tão fortemente, mas no entanto ressentem-na.

Penso que a recordação desta guerra ainda vai estar presente durante muitos anos e em várias gerações do nosso povo. Como toda a desgraça que caiu sobre o país e os seus habitantes, que custou inúmeras vítimas e que transformou o destino de cada um.

Mas devo dizer também que esta guerra deixou em cada um de nós uma marca indelével: um ódio físico e espiritual contra a guerra e contra a violência. Evidentemente, os estrangeiros que às vezes ainda perguntam pouco convictos: «É verdade que os russos não querem a guerra?», não o podem compreender. Eu compreendo os meus compatriotas que, em vez de uma resposta baseada em argumentos, se contentam somente em encolher os ombros. Para eles, para cada um de nós, a guerra não é uma teoria, não é uma abstracção, é uma dor profunda, vivida, dor que não se deseja ao seu inimigo.

Por esta mesma razão, entre nós, ninguém pode ficar indiferente quando ouve apelos à guerra donde quer que eles venham, de Oeste ou de Leste. Ninguém pode ouvir indiferente as «argumentações históricas» da guerra e os raciocínios sobre a morte de milhões de homens por uma civilização mais justa.

Quando vemos como na China são recebidos com honras e simpatia os que ganharam uma triste celebridade ao proferir ameaças contra nós, o homem da rua pergunta: «Porquê? Por que é que se oferecem rosas chinesas aos veteranos das guerras quente e fria contra a União Soviética? Não será porque o ódio comum contra os russos, produz não a aliança do amor, mas a do ódio?»

Posso falar em meu nome

Estrangeiro

SEGUNDO GERALD FORD

O ACORDO ISRAELO-EGÍPCIO REDUZ O RISCO DE GUERRA

JERUSALEM, 2 — (A. N. I.) — Israel e o Egipto não se encontrarão frente a frente para aprovarem o novo acordo do Sinai mas assiná-lo-ão em cerimónias separadas nas respectivas capitais — anunciou hoje um funcionário israelita.

Não foi dada qualquer explicação para esta alteração de planos.

Uma delegação diplomática dos Estados Unidos conduzirá as cerimónias de assinatura.

Ambas as partes deveriam assinar o acordo em Genebra, provavelmente depois de amanhã, segundo notícias anteriores.

Esperava-se agora que o encontro frente a frente se realizasse a 11 de Setembro em Genebra, quando as delegações militares conjuntas debatessem os pormenores do acordo.

O acordo elaborado pelo secretário de Estado Henry Kissinger, foi rubricado em cerimónias separadas em Jerusalém e Alexandria, ontem à noite.

PORMENORES DO ACORDO

Foram divulgados os seguintes excertos do acordo interino

de paz israelo-egípcio:

O Governo da República Árabe do Egipto e do Governo israelita concordam que:

Artigo 1:

O conflito entre os dois Estados no Médio Oriente não será resolvido pelo recurso à força, mas por via pacífica.

O acordo concluído pelas duas partes em 18 de Janeiro de 1974, no quadro da conferência de paz de Genebra, constitui o primeiro passo com vista à obtenção de uma paz justa e duradoura, de acordo com a resolução 338 do Conselho de Segurança das Nações Unidas de 22 de Outubro de 1973.

As duas partes estão determinadas a alcançar um acordo de paz justo e definitivo através de negociações, em conformidade com a resolução 338 do Conselho de Segurança.

Artigo 2:

As duas partes comprometem-se a não proceder a ameaças nem a fazer uso da força ou de bloqueio militar entre si.

Artigo 3:

1 — As duas partes continuarão a observar rigorosamente o cessar-fogo em Terra, Mar e Ar, e a pedir todas

as acções militares e para-militares entre si.

2 — As duas partes confirmam igualmente as obrigações, que constam no anexo do acordo e que, quando concluído o protocolo passará a fazer parte integrante deste acordo.

Artigo 4:

Nos pormenores que se referem às novas linhas de separação de forças e à disposição de forças militares, nestas à limitação de armamento e de forças ao reconhecimento aéreo, à vigilância de instalações e à utilização de estradas, às funções das Nações Unidas, outras disposições serão tomadas de acordo com o instituído no anexo que faz parte integrante do acordo e do protocolo resultante das negociações.

Artigo 5:

A força de emergência das Nações Unidas é essencial e continuará a desempenhar as suas funções específicas e o seu mandato será prorrogado anualmente.

Artigo 6:

As duas partes estabelecem durante a duração do presente acordo uma comissão conjunta, que funcionará só a égide

do coordenador-chefe das forças de manutenção da paz das Nações Unidas no Médio Oriente, ao qual competirá resolver qualquer problema resultante deste acordo e assistir as forças de emergência das Nações Unidas na execução do seu mandato.

A comissão conjunta funcionará de acordo com as disposições explicitadas no protocolo.

Artigo 7:

As cargas não militares, com destino e provenientes de Israel, serão autorizadas a transitar pelo Canal do Suez.

Artigo 8:

1 — Este acordo é visto pelas duas partes como um passo significativo para uma paz justa e duradoura. Não é, porém, um acordo final, de paz.

2 — As duas partes continuarão os seus esforços para a negociação de um acordo de paz definitivo, no quadro da Conferência de Paz de Genebra e do acordo com a resolução 338 do Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Artigo 9:

Este acordo entrará em vigor após a assinatura do respectivo protocolo e vigorará até à feitura de novo acordo.



Um motorista revistado durante os recentes incidentes na Córsega (Foto Keystone)

NA CÔRSEGA

BASTIA, 2 — (A. N. I. e R.) — Explodiram ontem à noite, três bombas na cidade de Corte, ao sul de Bastia, quando os corsos se preparavam para regressar ao trabalho, após uma greve de protesto de 24 horas contra repressão da Polícia.

As primeiras notícias indicam que ninguém ficou ferido em consequência dos atentados bombistas contra o posto central dos correios, as instalações do Ministério das Obras Públicas e um depósito militar de munições, nos arrabaldes de Corte.

A greve de ontem paralisou a ilha quase totalmente e impediu que 50.000 turistas que vieram dos Corcos de regressar aos lares, após as férias.

Embora a greve tenha sido pacífica, as cenas de tiroteio entre a Polícia francesa e militantes emancipacionistas corsos, que decorreram o mês passado, faziam prever o pior, pelo que foram tomadas rigorosas medidas de segurança em toda a ilha.

A greve coincidiu também com o envio de uma carta recebida por uma estação emissora parisiense, assinada em nome do agrupamento político ilegal, conhecido pelo nome de "Jalacção para a renascença da Córsega", na qual se ameaçava de morte um alto funcionário francês, cujo nome não foi indicado, se o dirigente do grupo emancipacionista, que se encontra detido pelas autoridades francesas, for condenado à morte.

AQUISIÇÕES DE CEREALIS PELA UNIÃO SOVIÉTICA

MOSCOVO, 2 — (Por António Lazerges da FP) — A U.R.S.S. negocia novas aquisições maciças de cereais no estrangeiro, o que elevará a importação cerealífera soviética a cerca de 22 milhões de toneladas desde Julho último — soube-se em Moscovo de diversas fontes diplomáticas.

A União Soviética — dizem as mesmas fontes — comprou ou vai comprar mais cinco milhões de toneladas de cereais aos EUA, um milhão de toneladas ao Canadá e outro milhão à Alemanha Democrática daqui até ao fim deste mês. Estas aquisições adicionadas aos 15 milhões de toneladas compradas em Julho e Agosto últimos aos Estados Unidos, Canadá e Austrália elevam, pelo menos, a 22 milhões de toneladas o défice cerealífero soviético.

Segundo as previsões so-

viéticas do novo plano quinquenal (1971-1975), a U.R.S.S. devia produzir uma média anual de 195 milhões de toneladas de cereais para os cinco anos do plano, o que se julga já não ser possível atingir, na opinião de peritos ocidentais.

Apesar das declarações «optimistas» das entidades soviéticas, o estado actual das colheitas permanece rodeado de mistério.

Assim, em 24 de Julho, o ministro soviético do Melhoramento das Terras, Evgueniy Alexeevski, declarou numa conferência de imprensa que a colheita de 1975 seria melhor que a de 1974 (seis milhões de toneladas em 1975). Todavia recorda-se que já nessa altura a União Soviética importara 12 milhões de toneladas de cereais aos Estados Unidos e Canadá.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL DO DISTRITO DE LISBOA

SEDE: PRAÇA D. LUIS, 17-1.º, DT. — TELEF. 66 11 02/3 — LISBOA 2

—COMUNICADO— SOBRE A SINDICÂNCIA

Informam-se todos os trabalhadores da Construção Civil que o resultado da sindicância, pedida pela Comissão Ad Hoc, em Dezembro de 1974, é o seguinte:

1. Segundo o Inspector adjunto do Ministério do Trabalho, Sr. Dr. Henrique Fernando Alves Diniz, a escrita era feita até 31 de Julho de 1974, em moldes correctos, como indica o despacho superior de 9 de Dezembro de 1943

2. A partir de Agosto de 1974 a escrita foi alterada, passando a ser feita por decalque, por fichas, fazendo passar pelas fichas de Caixa os cheques e depósitos, usando três tipos de fichas:

- a) Fichas de conta-corrente: funcionavam como livros auxiliares;
- b) Fichas do Razão: funcionavam como livro Razão;
- c) Fichas de Diário: que davam os elementos por Diário (Caixa, Fornecedores, etc.).

O Inspector do Ministério do Trabalho encontrou grande dificuldade em ligar estes dois tipos de escrita para conferência. nistério do Trabalho, no dia 24 de Junho de 1975, os seguintes documentos:

3. A actual Direcção encontrou e entregou ao Inspector do Mi-

a) Documento comprovativo de que o Sr. José Joaquim Rosa Fortunato recebeu a quantia de 40 000\$00 referente ao ordenado do mês de Outubro e regalias sociais de Junho a Outubro de 1974; assinado por ele próprio, pois era o Tesoureiro.

b) Documento comprovativo de que o Sr. Victor Jorge Parente recebeu a importância de 10 000\$00, referente ao mês de Outubro e mais 32 000\$00 de regalias sociais de Junho a Outubro, que totaliza 35 000\$00. É de notar que a soma de 32 000\$00 com 10 000\$00 em vez de 42 000\$00 é de 35 000\$00.

c) Recibo de 500\$00 de um Sr. José Carlos Jesus Bento, datado de Loures, de 18 de Novembro de 1974. Não sabemos quem é este senhor.

4. Também foram encontrados os seguintes Vales de Caixa:

— Adelino Amândio Duarte (6.500\$+2.500\$) =	9.000\$00
— Eusebio Vitorino	2.000\$00
— Victor Parente (3.000\$00+3.000\$00) =	6.000\$00
— José Piedade Brígido (2.026\$60+5.000\$00+1.000\$00+1.000\$00) =	9.026\$60
— Feliciano Greve	500\$00
— Fortunato	3.000\$00

— Seios postais	4.500\$00
— Sinal renda Delegação Vile Franca	3.000\$00
Total	37.026\$60

5. Foram entregues à Comissão Ad Hoc as seguintes verbas:

— Na Caixa Geral de Depósitos	
Conta N.º 244016-5	317.680\$80
Conta N.º 045750-0	39.037\$40
— Na Pancada & Moreis	122.893\$00
Total	479.611\$20

6. Resumo da situação financeira em 31/12/74:	
— Saldo em 31/7/74	1.534.198\$20
— Receita até 2/12/74	2.157.653\$00

	3.691.851\$20
— Despesa até 2/12/74	2.661.412\$90
Saldo em 2/12/74	1.030.438\$30

— Depósitos na C.G.D.	317.680\$80
— Depósitos na C.G.D.	39.037\$40
— Depósitos na Pancada & Moreis...	122.893\$00
Dinheiro em 31/12/74	164.077\$80
	643.689\$00

7. Existe, nestas condições, uma diferença de 349.722\$70 (Trezentos e Quarenta e Nove Mil Setecentos e Vinte e Dois Escudos e Setenta Centavos) que não está justificada por documentos.

— Diferença:	1.030.438\$30
	— 643.689\$00
	386.749\$30
Vales diversos	37.026\$60
(ver ponto 4)	349.722\$70

O inspector que fez a sindicância acrescentou que não vê motivo para haver falta de tanto dinheiro.

Mais informa esta Direcção que vai enviar o resultado da sindicância para a Polícia Judiciária para instrução do respectivo processo.

A DIRECÇÃO

Em FARO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na PAPE-LARIA FARRACHA

Estrangeiro

DERROTADA NO EQUADOR A INTENTONA "ANTIPOPULAR"

QUITO, 2 — (A. N. I.) — Os rebeldes que tentaram o golpe de Estado no Equador sob a chefia do general Raul Gonzalez Alvear, chefe do Estado-Maior conjunto das Forças Armadas, foram derrotados com o contributo das grandes unidades do Exército, Força Aérea e Marinha, que pouco depois de conhecida a intenção declararam o seu apoio ao presidente Rodriguez Lara.

Também o governador de Guayaquil, general Eduardo Semblantes, em representação das forças do Exército ali aquarteladas, da primeira zona naval e da segunda zona aérea iroclamou o seu apoio incondicional a Rodriguez Lara.

Por seu turno, o Partido Comunista do Equador (PCE) emitiu também uma declaração de apoio ao presidente qualificando a intentona de «antipopular e antinacional».

Ao mesmo tempo dirigiu um apelo aos trabalhadores, a todos os patriotas e democratas, civis e militares e ao povo em geral, para «redobrar a luta e fazer avançar o processo de transformação revolucionária do país».

Também exortou «à vigilância das manobras reaccionárias das oligarquias crioulas dirigidas pelo imperialismo norte-americano».

Segundo observadores a sublevação terá sido dirigida por direitistas descontentes com o Governo do general Rodriguez Lara.

No decurso da última semana o Governo equatoriano ditou importantes medidas nacio-

nalistas, entre as quais um decreto que reduziu em cerca de 60 por cento as importações de artigos não essenciais e onerou cerca de 700 produtos entre outras medidas destinadas a fazer frente à inflação.

A pretexto de incomformidade com essas medidas, criou-se um movimento intitulado «Junta Cívica de Restauração Institucional» composto por figuras vinculadas aos partidos políticos tradicionais.

Os militares sublevados pareceram actuar de acordo com essa junta, já que proclamaram a «sua intenção de lutar por um retorno ao regime civil».

Um comunicado assinado por Gonzalez Alvear assegurava:

«O actual movimento entregará quanto antes o poder aos civis».

RECOLHER OBRIGATÓRIO

O comando conjunto das Forças Armadas do Equador decretou o recolher obrigatório a partir das 21 horas locais (2 TMG) — informou a Rádio de Quito.

Locutores da Emissora asseguraram que a tranquilidade voltou a grande parte da cidade, enquanto elevado número de veículos particulares e dos transportes colectivos começaram a circular pelas principais artérias de Quito.

Forças policiais mantêm cordões de segurança em redor da Praça da Independência, para impedir o acesso ao Palácio do Governo, pois centenas de pessoas desejam ver

o estado em que ficou a sede governamental após o combate de mais de 12 horas.

Informações da Rádio calculavam ontem à tarde em 20 o número de mortos, durante os confrontos entre as tropas leais e rebeldes e um «número muito superior» de feridos. Não há até ao momento informação oficial a esse respeito.

DECLARAÇÕES DO PRESIDENTE

O presidente Rodriguez Lara afirmou que todo o rigor da lei cairá sobre os «políticos sem escrúpulos e soldados traidores», que ontem tentaram derrubá-lo.

«O povo equatoriano tem razão em exigir o maior rigor contra os culpados, para que uma acção como esta não se repita» — declarou o general ao falar do Palácio Presidencial pouco depois de regressar a Quito.

«Não tem limites a ambição desenfreada dos políticos que querem fazer prevalecer a sua vontade, como fizeram no passado» — sublinhou acrescentando que não se referia a todos os políticos mas aos políticos sem escrúpulos e ambiciosos, que desde a eclosão da intentona confessaram o seu comprometimento nela.

O general Rodriguez Lara qualificou de acção de «lesa cultura» o ataque ao Palácio Presidencial — «uma casa cheia de história e respeito» — com a destruição dos livros

históricos que existiam na sua biblioteca.

Louvou depois a guarda presidencial, que defendeu com honra a residência presidencial e «protegeu a vida da minha esposa e filhos como se fossem as suas próprias famílias».

Na sua alocução, de cerca de 20 minutos, o presidente equatoriano elogiou o apoio que recebeu das Forças Armadas e do povo equatoriano.

Também qualificou a proclamação dos militares insurreccionados de «documento que não resiste à menor análise e que cai em manifestas contradições».

CUBA OFERECE PROFESSORES

HAVANA, 2 — (ANI) — O primeiro-ministro cubano Fidel Castro colocou à disposição dos países que os solicitarem professores cubanos de instrução primária, para colaborar nas campanhas contra o analfabetismo e a ignorância.

Castro considerou a América Latina como uma zona que carece de educadores e pediu aos professores cubanos que se disponham a partir para outros países, caso isso lhes seja pedido.

Falando na cidade de Pinar del Rey, na região ocidental de Cuba, por ocasião da inauguração oficial do ano escolar na ilha, Fidel Castro fez um balanço da educação em Cuba, destacando que dos 811 300

estudantes existentes no país em 1959, ano da revolução, se passou a mais de três milhões, número de matrículas existente este ano.

O novo ano inaugurado por Fidel Castro inclui maior número de cadeiras e de horas de aula, com o objectivo de obter uma maior preparação técnica, moral e ideológica dos alunos.

O plano de ensino cubano é constituído por um curso pré-escolar para crianças de 5 anos, seis anos de ensino primário divididos em dois ciclos, três anos de ensino médio e outros três pré-universitários. Concluída esta fase, os alunos terão acesso a qualquer faculdade, sem necessidade de exame.



Um «sacerdote» arranjado à pressa presidiu com a roupa com que veio ao mundo a uma cerimónia de «casamento» de um par de 22 anos que se conheceu durante o festival «pop» de Watchfield, no Oxfordshire. Eis o casal no momento em que dava o «sagrado» nó (Foto Keystone)

MANIFESTAÇÃO ANTIFRANQUISTA NA CAPITAL FRANCESA

PARIS, 2 — (F.P.) — Provocou alguns incidentes com as forças da ordem uma manifestação organizada na segunda-feira à noite em Paris, por movimentos da extrema-esquerda para protestar contra a condenação à morte dos dois militantes bascos Garmendia e Otaegui.

A demonstração, que reuniu duas mil pessoas segundo a polícia e oito mil segundo os seus promotores, iniciou-se calmamente. Os incidentes deram-se depois de ter sido dada a ordem de dispersar, quando começaram a ser lançados contra as forças da ordem diversos projecteis.

Viam-se emblemas de organizações clandestinas espanholas entre eles o da F.R.A.P., e a multidão gritava «Abaixo a ditadura franquista».

Em Toulouse reuniu um milhar de pessoas uma manifestação de apoio aos dois condenados à morte de Burgos, a qual se dirigiu primeiro à prefeitura da polícia e depois ao consulado de Espanha. Não se registaram incidentes.

PRISÕES EM MADRID

MADRID, 2 — (R.) — A Polícia informou ontem à noite ter prendido três jovens a seguir à morte em Madrid, no mês passado, de um tenente da guarda civil.

Um comunicado da Polícia diz que os três presos confessaram ter planeado e cometido o assassinio do tenente António Pose Rodriguez, terceiro polícia morto em Madrid, em seis semanas.

As autoridades revelaram que os homens pertenciam à Frente Revolucionária Antifas-

cista Patriótica (F.R.A.P.), que assumiu a responsabilidade pelos assassinios.

A comunicação acrescentava que as mortes foram ordenadas pelo Partido Comunista Marxista-Leninista Espanhol, uma ramificação do principal P. C., que oficialmente repudia a violência.

Entretanto, a agência noticiosa espanhola, Cifra, informou que a Frente Polisário, apoiada pela Argélia e que pretende a independência do Sahara espanhol, matou 11 soldados marroquinos em emboscadas dentro do território de Marrocos.

As forças americanas na Coreia do Sul prontas a combater

WASHINGTON, 2 — (ANI) — O secretário norte-americano da Defesa, James Schlesinger, afirmou ter encontrado em boa forma as forças dos Estados Unidos estacionadas na Coreia do Sul, «que estão prontas a combater e responder a um ataque da Coreia do Norte com poder de fogo convencional maciço».

Schlesinger avaliou em 400 milhões de dólares as necessidades de Seul, em armas e créditos, para os próximos dois anos, com o intuito de restaurar o equilíbrio com o poderio militar da Coreia do Norte.

Regressado de uma viagem de dez dias pelo Japão e pela Coreia do Sul, o secretário norte-americano da Defesa considerou que os 42 mil soldados norte-americanos estaciona-

dos dentro do território de Marrocos.

Num telegrama de El Aaiun, a capital do Sahara espanhol a Cifra citava fontes não oficiais como afirmando que a Frente Polisário aprisionara também seis soldados marroquinos.

A agência disse que a Frente, que antes travou escaramuças com tropas espanholas e tem prisioneiros na Argélia alguns soldados espanhóis, não tem desencadeado, nos últimos dois meses, qualquer operação contra forças espanholas.

na Coreia do Sul deverão aí permanecer pelo menos durante mais cinco anos.

Schlesinger declarou ainda ter encontrado as relações entre os Estados Unidos e o Japão em melhor situação que nunca.

ARRASTÃO ATACADO

TOQUIO, 2 — (R) — Morreram dois pescadores e mais dois ficaram feridos quando um arrastão japonês foi atacado pelo que se afirmou ser um barco de patrulha norte-coreano no Mar Amarelo — anunciou a Agência de Segurança Marítima.

O ataque ocorreu hoje e a agência disse que o «Shosei Maru», de 50 toneladas, informou depois que estava a ser levado a reboque pela vedeta.

TRIGÉSIMO ANIVERSÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO VIETNAME DO NORTE

HONG KONG, 2 — (R) — Dirigentes indochineses têm hoje a oportunidade rara de discussões a alto nível em Hanoi quando o Vietname do Norte comemora o trigésimo aniversário da independência.

Chefes de delegações reunidos naquela capital incluem o príncipe Norodom Sihanouk do Camboja e o dirigente khmer vermelho Khieu Samphan, o príncipe Souphanouvong do Pathet Lao, o membro do politburo do Vietcong, Phan Hung, e o presidente Huynh Tan Phat do Governo provisório revolucionário do Vietname do Sul.

A agência noticiosa oficial norte-vietnamita anunciou já uma série de encontros entre as várias representações, alguns dos quais serviram como ocasião para se conhecerem a dirigentes comunistas da Indochina desde as suas vitórias, no princípio do ano.

Esta reunião rara terá, sem dúvida influência considerável na futura política desses dirigentes quanto a outros países do Sueste da Ásia opinaram observadores de Hong Kong.

As comemorações do aniversário forneceram ainda a oportunidade de delegações rivais da União Soviética e da China efectuarem conversações privadas com os norte-vietnamitas.

O enviado soviético, Mikhail Xolomentsev, candidato a membro do politburo, chegou com novas promessas de auxiliar o Vietname do Norte na sua reabilitação após a guerra.

O «Diário do Povo», órgão oficial de Pequim, reafirmou hoje num editorial o apoio da China e manifesta esperança de fortalecer as relações com Hanoi, a fim de contrariar a crescente influência soviética na área.

A delegação chinesa, chefiada pelo vice-primeiro-ministro Chen Hsi-lien, travou já conversações com dirigentes norte-vietnamitas que se julga terem focado um aumento de auxílio.

Chefes comunistas da Europa Oriental e de Cuba assistirão também hoje à parada do Dia da Independência, que desfilará junto ao mausoléu erigido em memória do falecido presidente Ho Chi-minh do Vietname do Norte.

Segundo a rádio de Hanoi, o primeiro-ministro do Vietname do Norte, Pham Van Dong, afirmou hoje que o seu país estava disposto a estabelecer relações normais com os Estados Unidos.

O chefe do Governo, num discurso assinalando o aniversário da independência disse que o seu gabinete estava a

desenvolver laços económicos, culturais, científicos e técnicos com todos os países com base no respeito pela independência de cada um, na não intervenção nos assuntos internos, igualdade e interesses mútuos.

«Dentro desse espírito, a República Democrática do Vietname está disposta a estabelecer relações normais com os Estados Unidos, com base no acordo de Paris».

Nos termos do pacto tripartido de cessar-fogo, firmado em Paris, em Janeiro de 1973, os Estados Unidos comprometeram-se a não continuar o seu envolvimento militar ou a interferir nas questões internas do Vietname do Sul.

No seu discurso, que foi transmitido em directo pela rádio, Pham Van Dong disse ainda que a ocupação do Vietname do Sul pelas forças revolucionárias, no princípio deste ano, derrotara completamente a guerra de agressão dos Estados Unidos.

Após o discurso do primeiro-ministro, o ministro da Defesa leu uma ordem do dia pedindo às Forças Armadas para permanecerem vigilantes e «prontas a frustrar todas as conjuras agressivas do imperialismo, dirigido pelos imperialistas norte-americanos e os seus lacaios».

Espectáculos

Crítica de Teatro

CARLOS PORTO

DE LORCA A FIAMA: O VOO PRESO

«**MARIANA PINEDA**», de Federico Garcia Lorca. Tradução e encenação: Fiamma Hasse Pais Brandão. Colaboração Plástica: Manuel Batista. Música: Jorge Peixinho, pelo Grupo de Música Contemporânea de Lisboa. Luminotécnico: Afonso Prata. Sonoplastia: Vítor Oliveira. Intérpretes: Marta Isabel, Paula Oliveira, Josefina Silva, Ana Paula, Maria Emilia Correia, Leonor Poira, Elisa Lisboa, Carlos Fernando, José Manuel, Batista Fernandes, Júlio Cleto, Nuno Carinhas, José Tavares, Rui Furtado. Grupo Teatro Hoje. Teatro de Bolso da Sociedade Portuguesa de Autores. 25/8/75.

Ao terminar o espectáculo de estreia, e depois de alguns momentos de aplausos de circunstância (que se destinavam sobretudo a recompensar o esforço dos actores), uma espectadora reclamava, alto e bom som, a presença dos principais responsáveis por esta encenação de «Mariana Pineda», a quem pretendia pedir contas. A indignação da espectadora tinha um motivo muito concreto: o facto de, na sua opinião, o espectáculo de estreia do Grupo Teatro Hoje não se inserir, *de maneira nenhuma*, no nosso processo revolucionário. Esta posição radical da espectadora de «Mariana Pineda» levanta um velho problema que não foi nem será, tão cedo, resolvido: o que é arte revolucionária? Como integrar a actividade estética num processo revolucionário? O teatro, neste caso, só é revolucionário se for directamente político, isto é, se levantar, em termos específicos, conflitos e situações que digam directamente respeito aos problemas das classes trabalhadoras?

Ou, pelo contrário, o teatro revolucionário deverá passar por uma transformação profunda das estruturas dramáticas e dos processos estéticos? Não serão as formas tradicionais do teatro o reflexo da dominação cultural exercida pela burguesia?

Não temos respostas para estas perguntas, e devemos dizer que não nos parece possível colher qualquer hipótese de resposta no espectáculo que marcou a estreia de Fiamma Hasse Pais Brandão como encenadora, por razões implícitas nas notas que se seguem, o que, de certo modo, justificam a reacção da espectadora.

«Mariana Pineda» representa um ponto importante na obra de Lorca; digamos que representa como que um esboço de obras mais importantes que viria a escrever posteriormente. Nesta peça surgem, demasiado visíveis, aspectos melodramáticos que nas peças seguintes serão neutralizados pelo total domínio da linguagem poética e dramática. Aqui, além disso, há uma sobreposição da palavra (normalmente, muito bela), em relação às situações, às personagens e aos conflitos, que devem fazer um todo com os significantes verbais.

«Mariana Pineda» é uma história de amor — mas é também uma reflexão, talvez ingénua, sobre a liberdade. Mariana, viúva com dois filhos, ama Pedro, chefe de um movimento revolucionário (a acção da peça decorre em 1831, durante o reinado de Fernando VII). Dois homens a amam: Pedrosa, o esbirro que persegue os revoltosos, e Fernando, jovem



«Elisa Lisboa consegue a criação da personagem que a encenação pedia»

que a conhece desde criança. Pedro ama sobretudo a liberdade, ou o sonho da liberdade. Por isso, Mariana transforma-se, camoneamente, na coisa amada: ela quer assumir-se como liberdade, ser a sua projecção humana. O aspecto primordial da peça, sob o ponto de vista político, reside no facto desse projecto idealista se concretizar em termos materialistas: Mariana transforma-se, ela própria, numa conspiradora, não apenas através do acto de bordar a bandeira dos revoltosos (gesto que vale mais como símbolo do que pela sua carga política), mas sobretudo pela forma como resiste ao cerco policial (que é ao mesmo tempo corte amoroso) de Pedrosa; resistência que a leva à morte. Mas essa morte não é apenas um gesto político — é também a confissão que Mariana se dá da absoluta impossibilidade do seu amor, e ao mesmo tempo do absoluto desse amor.

A encenação de Fiamma Hasse Pais Brandão parte deste princípio: *Neste teatro decide: nenhuma metáfora pode ser lançada aos ouvidos que não os trespassse até aos olhos* (maiúsculas da encenadora). Esta decisão acarretou um risco talvez corajoso mas inconsequente: o de criar uma escrita cénica pleonástica sem conseguir o objectivo pretendido. Por vezes muito bela, essa visualização chega, no entanto, a ser ridícula, o que é lamentável. Fiamma não estudou, ou desprezou, a carga cénica/poética dos signos recitados os quais não conseguem o procurado reforço da palavra, não transformam esta no estilete que deveria atingir os olhos do espectador. Por outras palavras, poderemos dizer que a transformação da metáfora em signo nela directamente inspirada falha a dois níveis: porque não consegue transformar a metáfora no grito que deverá trespassar os ouvidos e transmutar-se em «grito visual»; porque não consegue, de uma maneira geral, assumir uma real presença de signo. Seria, aliás, interessante analisar por que, em termos dramáticos, o signo, para o ser, não pode limitar-se a transpor a palavra para o gesto ou para o objecto cénico, mas devia

aparecer como autêntica invenção de linguagem.

A encenadora serviu-se de elementos vários para traduzir o tecido metafórico do texto em matéria cénica: objectos, sons, movimentos, gestos. Exemplifiquemos: quando Lorca escreve: «...Disse que em teus olhos/havia uma constante desfilar de pássaros...» a personagem que pronuncia estas palavras faz um gesto lento em que a mão procura imitar o voo do pássaro junto dos olhos da personagem visada. Ora, o prolongamento da metáfora pelo gesto é impossível: o gesto é um desdobramento empobrecido da palavra. Quando Lorca fala num *peixe de prata* (que *finje um vermelho sonho*) — a personagem tira de uma saca um objecto brilhante em forma de peixe (como que uma jóia) o que dá uma ideia da incapacidade da encenadora em criar os seus próprios signos, preferindo o risco mortal de materializar em termos pouco convincentes a poética original. Um outro exemplo: Mariana exclama: *Se toda a tarde foral como um grande pássaro, quantas/duras flechas lançaria para as asas lhe cerrar!* — surge nas suas mãos uma flecha que ela espeta na parede. E outro: quando uma personagem diz — *Agora os rios de Espanha se vem de ser rios são/largos correntes de água*, a personagem puxa por uma corrente com que se prende a ela e a Mariana. Acontece, contudo, que, além do que há de óbvio e de elementar nesse símbolo, torna-se incoerente na medida em que, tratando-se no texto de uma metáfora política, envolve uma personagem que está fora do conflito político da peça. Um último exemplo: quando uma personagem fala em coração, abre a roupa e mostra o peito nu (cena que, aliás, se repete), aqui o público ri-se, de tal forma é primária e, na verdade, ridícula, a solução escolhida.

Claro que nem tudo, na leitura de Fiamma, é assim óbvio e elementar. Queremos lembrar um gesto que Elisa Lisboa (Mariana) repete várias vezes: o gesto de passar a mão no seu longo pescoço — gesto que sinaliza a memória... *Pedrosa buscará sua garganta! Pedrosa conhece o sítio onde a*

veia é mais larga/onde brota o sangue mais quente e vermelho.

Consideremos, sobretudo, a forma como a encenadora traduziu a situação da principal personagem. Para isso, utilizou imagens de clausura que, se nem sempre são originais, não deixam de ser correctas: *as três dimensões das paredes, seu limite corporal e visual* (Fiamma), paredes que Mariana percorre com o seu corpo como que a procurar a matéria e a impossibilidade de a ultrapassar; limites que são (com as janelas invisíveis) o emparelhamento historicamente invencível da personagem. As pombas presas numa grande rodoma transparente, pombas sempre presas — e quando uma delas é retirada continua presa, ou por um pano (de acordo, uma vez mais, com as palavras de Lorca: *Um pássaro sem ar como pode voar?*), ou nas mãos de algumas personagens, incluindo Mariana. A pomba tem assim um duplo significado: o do voo (liberdade) em potência/o da irremediável impossibilidade dele. No final, é o filho de Mariana que surge na rodoma como a querer significar que essa ausência de liberdade continuará. Cite-se ainda a utilização de um pano o qual cinge por vezes os corpos das personagens como que a retê-las, a prendê-las. No final, esse mesmo tecido pode ser o sinal da fronteira entre Mariana (a liberdade) e Pedrosa (a tirania). Refiramos, ainda, como símbolo da sujeição de Mariana (e não só) a um espaço prisional, a corda que marca os limites do espaço conventual, na última cena.

No campo simbólico, como vimos directamente inspirado no próprio texto, citemos ainda o pássaro embalsamado que aparece como imagem do próprio Pedrosa, contrapondo-se assim como imagem da morte às pombas, imagens vivas, embora mutiladas.

Fiamma jogou ainda com um «tecido sonoro» muito rico (o trabalho de Peixinho é talvez o elemento mais forte do espectáculo), o qual não se compõe apenas de música mas também da reprodução de ruídos (por vezes naturalistas: patas de cavalo, sinos, etc.) —

a sonoplastia é um aspecto importante na arquitectura do espectáculo, em termos de ilustração, de prolongamento, ou de contraponto (por exemplo, por vezes quando se ouve a palavra silêncio, a música constitui uma zona contrapontística da palavra). Os elementos concebidos por Manuel Batista realizam perfeitamente, pareceu-nos, as intenções da encenadora. Um dos aspectos frágeis do espectáculo consiste, a nosso ver, no facto de Fiamma ter imaginado um determinado esquema sem ter em conta a incapacidade do instrumento de que dispunha para o realizar (referimo-nos especialmente aos intérpretes).

A lentidão do movimento que assume, por vezes, uma função ritualista; a sobrecarga do gesto e do elemento material que, como vimos, na maioria das vezes são mero desdobramento ou ilustração da palavra; o que há de obscuro em certas imagens (*vício* de poeta que parece ignorar que o teatro não é o livro cujas páginas menos claras podem ser relidas), as fraquezas de alguns intérpretes ou de algumas passagens da interpretação (as quais ressaltam mais pelo facto do espectáculo ser algo de muito rígido que não admite fissuras ou desafinações) — tudo isto faz de «Mariana Pineda» um espectáculo, afinal, menos coerente do que parece: por vezes muito belo (chamativo); por vezes, insuportável (inútil).

Do trabalho dos intérpretes, muito rigidamente marcados e denunciando-o, Elisa Lisboa consegue a criação da personagem que a encenação pedia. Sublinhemos ainda o trabalho de Maria Emilia Correia e de José Tavares — que nos pareceram mais próximos do exigido. No entanto, Fiamma não conseguiu dar a necessária homogeneidade de estilo ao trabalho dos intérpretes, o que como já dissemos prejudica seriamente a unidade do espectáculo.

Este trabalho parece-nos importante como experimentação de formas para a criação (aqui falhada) de uma linguagem. Importante, sobretudo, para a sua encenadora. E assim voltamos ao início desta crónica e à indignação da espectadora.

CASINO ESTORIL

SLUOT MACHINES ACCESSO LIVRE A TODAS AS SALAS DE JOGOS

DA POLONIA

ELZBIETA ŻAKOWICZ

FAMOSA VEGETA DA CANÇÃO

BOB ARNO * MARIEMA

BLUEBELL GIRLS SHOW

FERRER TRINDADE e sua orquestra

"NUEVOS AMIGOS." e THO BANDEIRA and his group with J.M. CONCHA

LES BIS Sono Wonder Bar

SALA RESTAURANTE - às 25,30 (não aconselhável, m. 13)

WONDER BAR - a 1,00 (interdito, m. 18)

CONSUMO MINIMO (Tudo incluído)

Sábados 140,00. Restantes dias 120,00

COCINHA REGIONAL PORTUGUESA

EMENTA SEMANAL - JANTAR 150,00 (taxa de limpeza incluída)



FUNERAL DO PATRÃO? HÁ QUEM DIGA QUE NÃO

O *Funeral do Patrão* é teatro intervencionista. Não vamos pôr-nos para aqui a levantar a questão do maior ou menor intervencionismo de toda a arte, da sua vocação ou antivocação intervencionista. Nem medir sua grandeza pelo seu grau de intervencionismo. Não sei que quando é panfleto, não sei que quando não é panfleto e medir-lhe a brevidade ou longevidade consoante o é muito ou é pouco. Daqui, para já uma recusa quanto ao prognóstico da perenidade de uma obra como este *Funeral*, certo de que o principal problema não está aí, quando uma obra se diz de intervenção política imediata, aplicada, para mais, ao momento que se vive em Portugal. O quotidiano é o *self-service* da História. Nesse equilíbrio instável nos jogamos todos. Todos, incluindo o *Funeral do Patrão*.

Damos de frente, nesta peça de Dario Fo, com uma sátira ao capitalismo, à moral burguesa em período de decadência, às diversas forças que o apoiam. Encaramos a necessidade da abolição do capitalismo se pretendemos, de facto, eliminar a desumanização que deriva das relações so-

ciais desajustadas das condições da evolução histórica. Aqui, o primeiro lado positivo desta obra: recordar-nos que, ao contrário do que afirmam certos «pensadores» (e entre nós já houve quem o dissesse...) a exploração do homem pelo homem se mantém numa sociedade de «capitalismo avançado»: mantém-se com a mesma dureza, com a maior crueza. Muito sofisticado, nada mais. A classe operária, nas alemãs, nas federais, nas francesas, nas italianas, pode aceder — parte dela, claro — ao automóvel, ao frigo, ao electrodoméstico, etc. Mas em primeiro lugar, o fenómeno deve-se às contradições do próprio sistema capitalista; em segundo lugar, há que referir a exploração suplementar, o arrancar de pele suplementar a que os trabalhadores são forçados para manter o sistema de vida que o «capitalismo avançado» lhes «proporciona». O capitalismo exige dos trabalhadores os máximos sacrificios para lhes permitir os mínimos usufrutos; não lhes concede, porém, a mínima entrega de poder. Uma ficção de poder, sim. Chupeta para enganar bebé...

O *Funeral do Patrão* avança uma regra essencial: não devemos abrandar a vigilância, se não o capitalismo nos esmagará.

OS AUTOS-DE-FÉ

Por muito que se diga não haver entre nós quem pretenda a social-democracia, a verdade é que esse perigo existe em

Portugal neste momento e, com ele, atrelado a ele, o perigo do fascismo. Podemos mesmo avançar, sem a preocupação de dar novidade a ninguém, que em muitos locais a cobertura ao fascismo é prestada muito gentilmente pelos sociais-democratas autênticos e seus sucedâneos de antes de 25 de Abril. O anticomunismo alimentado por certas forças, eis aí o fermento que fez levar a massa fascista remanescente de 50 anos de prática diária.

Neste aspecto, o *Funeral do Patrão* apresenta-se, para o nosso quotidiano, já um tanto desfocado. Um teatro político para hoje, para o *self-service* lusitano, não havia de pôr o capitalismo como o perigo maior a correr pela ausência de vigilância das massas, já que, o que a olho nu se divisa, é a presença do regresso do fascismo (ou do superfascismo, se quisermos aproveitar a terminologia da escalada dos detergentes). Presença iluminada pelos ataques à clara luz do dia, pelas perseguições, pelos incêndios das sedes, pelo fogo das florestas (autos-de-fé que começam pelas árvores...), por toda uma conspiração que encontra pela frente a passividade, a impunidade, apenas porque toma de ponta os co-

munistas. Por enquanto... outros virão a seguir.

Claro que, quando o *Funeral do Patrão* foi construído, estas preocupações não se punham com tanta agudeza — e por aqui podemos ver como a luta de classes se acirrou, por obra e graça das forças dentro e fora do País. Pelo que outras iniciativas, como esta de Eduardo Geada e Artur Semedo, são de continuar. O *Funeral do Patrão* é a prova de que há condições (técnicas, artísticas e de consciência política) para fazer obra valiosa de intervenção política.

Que até nem seja aborrecida, caramba.

Que não seja obrigatoriamente chata, como acontece quase sempre que na televisão se fala de política. Que, ao tempo em que nos faça pensar, nos faça simultaneamente rir ou sorrir. De onde em onde uma pitada de cegada, outra de revista, outra de entremez popular — podem fazer mais, pela compreensão de certos fenómenos, do que uma dúzia de *teleforuns*.

Mas ah, que sorte nós tivemos, caramba! Que sorte nós tivemos em não estar ontem o dr. Raul Rego, intemperato paladino da liberdade de expressão, em ministro da Comunicação Social...

SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA

Avenida Visconde Valmor, 34 - 1.ª — Lisboa-1
Telefone 77 02 74

Alerta cidadãos regressados das ex-colónias!

É do conhecimento deste Sindicato que algumas firmas estão a efectuar a venda de táxis a cidadãos regressados das ex-colónias portuguesas de África.

Considerando que tal facto é simplesmente uma burla, à semelhança do vigésimo premiado, de cujas consequências os respectivos compradores não deram ainda conta, nomeadamente reflectidas nas importâncias de venda de alvarás já não compatíveis com a rentabilidade da indústria, outrora explorada com a obtenção de largos lucros pelos mesmos oportunistas que, agora a troco de elevadas importâncias pretendem subtrair das mãos de quem se debate com a falta de trabalho a exploração que certamente desejariam continuar a arrastar.

E face disto, resta-nos perguntar:

Será que tais vendedores estão de facto preocupados com a falta de trabalho existente, oportunamente criada por estes, ou pretendem unicamente salvar mais umas largas centenas de contos irrealizáveis actualmente na indústria de táxis, visando o fim da exploração?

Não nos deixemos iludir!

É nesta conformidade que alertamos todos os compradores no sentido de se esclarecerem junto do Sindicato dos Transportes Rodoviários de Lisboa, sito na Av. Visconde Valmor, 34 - 1.ª, Lisboa.

SAUDAÇÕES REVOLUCIONARIAS

Lisboa, 1 de Setembro de 1975

PELA DIRECÇÃO
(Assin. ilegível)

Hoje

I PROGRAMA

19.00 Telejornal.
19.05 TV Infantil
19.30 «Regador Mágico» «Que Raça de Cão»
20.00 Magazine do Norte
20.30 Telejornal
21.05 A Gente Que Nós Somos
22.00 «O Capitão Kloss» série filmada de origem polaca
23.00 Telejornal
23.15 Fecho

II PROGRAMA

21.00 Abertura e a série filmada «O Regador Mágico»
21.30 Telejornal
22.00 Eurovisão Jogos Sem Fronteiras
23.30 Fecho

DESTAQUES

I PROGRAMA

A Gente Que Nós Somos (21.05)

II PROGRAMA

Jogos Sem Fronteiras (22.00)

SIEMENS
ESTORIL Richard

Amanhã

I PROGRAMA

19.00: Abertura e Telejornal; 19.05: TV Juvenil; 19.25: «D. Quixote»; 19.55: Com Todas as Letras; 20.20: Vamos Jogar no Totobola; 20.30: Telejornal; 21.05: Histórias da TV Cubana; 21.45: Temas e Problemas; 22.10: Teatro Popular da Beir Baixa; 23.00: Telejornal; 23.15: Fecho.

II PROGRAMA

21.00: Abertura; 21.30: Telejornal; 22.00: Concerto; 22.20: «Callan»; 23.15: Fecho.

A SITUAÇÃO EM PORTUGAL SEGUNDO JORNAIS FRANCESES

Os matutinos parisienses comentam a situação portuguesa depois da nomeação do almirante Pinheiro de Azevedo para o cargo de Primeiro-Ministro e a do general Vasco Gonçalves para chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas.

Na opinião de «L'Aurore» (direita radical), a «promoção» do general Gonçalves «provocou grande alarido, tanto nos meios civis como militares, e a nomeação do almirante Azevedo criou um clima muito pesado dentro de muitas unidades». O jornal considera que «se os socialistas não recusam entabular negociações com os comunistas», é com a finalidade de «evitar uma confratização».

Para o «Figaro» (direita moderada) a mudança na chefia

governamental «não resolveu a crise portuguesa» e «as oposições suscitadas pela linha crypto-comunista do precedente Governo «vão doravante cristalizar em torno do novo chefe do Estado-Maior-General. «O empate é evidente» no plano político, «isto é, toda a gente se encontra, mais uma vez, no ponto de partida», conclui o «Figaro».

Por seu lado, «Le Quotidien de Paris» (dito independente), interroga-se sobre «as artimanhas maquiavélicas» que porventura esconderá o Presidente da República Portuguesa. «Quer acalmar os oficiais antigonçalvistas», mas «parece tê-los convidado a reagir ao pô-los «às ordens de um homem que eles rejeitam». Finalmente, o jornal evoca «o clima de guerra-fria nos quartéis».

O CANCRO NEM SEMPRE MATA

Para muitos de nós, cancro é sinónimo de sofrimento e conduz inevitavelmente à morte.

Mas terá que ser infalivelmente assim?

Não haverá processos médico-cirúrgicos que permitam diagnosticar em tempo oportuno esta doença?

Serão os pacientes capazes de criar eles próprios mecanismos orgânicos e psíquicos que permitam controlar ou criar imunidade contra esta doença?

As respostas a estas e outras perguntas encontrará, no número de Setembro das Seleções do Reader's Digest, onde Roy Rowan, nos descreve num interessante artigo, a sua experiência pessoal — preocupações, dúvidas, desespero e... finalmente a vitória — dum encontro imprevisto com o cancro. Seleções, o prazer de ler.

Teatro
A RTP apresenta todas as noites, às 21.30 h., e aos domingos também, às 16 h., a peça de Miguel Franco

«LEGENDA DO CIDADÃO MIGUEL LINO»

Desc. às 2.ª Feiras
Não acons. a menores de 13 anos
Bilheteira — Tel. 89 70 17
ABEP — Telef. 32 88 23

AGUARDENTE VELHA
Niepoort
a prova está na prova

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
Deslocação e montagem grátis
Telefs. 72 27 86 - 83 42 71
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Desporto

Boletim Boletim Boletim



Manuel Fernandes: grande penalidade falhada tira prémio e rouba mercado espanhol.

SPORTING: "PENALTY" SIM, "PENALTY" NÃO

... Uma história madrilena: um «penalty» derrotou, ontem, o Sporting no encontro que efectuou, na capital espanhola, com o Atlético de Madrid (na festa do profissional Rodri) E, um «penalty» falhado (por Manuel Fernandes), obteve a que o empate surgisse no «placard», no fim do tempo regulamentar.

... Era um jogo de festa: mas, mesmo assim, dois jogadores portugueses viram o cartão amarelo e um deles (Baltasar) foi (mesmo) expulso por ter visto o cartão amarelo por duas vezes. Para que não fossem só os jogadores «leoninos» a sentirem a presença do árbitro, também um «madrileno» foi advertido com o «amarelo»: Jimenez.

O Sporting apresentou a seguinte constituição: Damas; Inácio, Mendes, Amândio e Da Costa; Baltasar, Valter e Fraguito; Manuel Fernandes, Chico e Marinho. Na segunda parte, Fraguito foi substituído por Barão. Por sua vez, o Atlético de Madrid fez alinhar, na segunda parte, uma equipa de reservas...

... Mas o dia desportivo de ontem também forneceu temas para outras notícias. Ora vejam:

ESTRITAMENTE CONFIDENCIAL

Depois de cumpridos os primeiros jogos de preparação, com vista ao «nacional» de bola que «está à porta», o Estoril Praia sente que tem ainda necessidade de um meio-campista que faça também as vezes de avançado. E lembrou-se de um uruguaio que fez figura no Barreirense e ajudou o Vitória sadino a brilhar nas competições europeias: chama-se Câmpora e o negócio está bem encaminhado.

O Nacional da Madeira prepara-se para iniciar o «Nacional» futebolístico da 3.ª Divi-

são com atitudes revolucionárias. Já se disse que está na disposição de não satisfazer a caução de 800 contos exigidos pela Federação: agora, declara-se na firme disposição de não pagar as viagens dos confrontadores à sua ilha. E argumenta: o Olhanense também não paga a viagem do Casa Pia ao Algarve.

No próximo domingo, o «Nacional» estará aqui para cumprir o primeiro jogo determinado pelo sorteio: e, no dia 15, lá espera o seu companheiro para o espectáculo marcado. Se ele não aparecer... será a falta de comparência. A não ser que este recorra, igualmente, para uma solução revolucionária...

António Mendes, que possuiu um dos mais potentes pés

esquerdos do futebol nacional, procura emprego como treinador. Tem uma filha de 16 anos para educar e quer trabalhar. Os interessados podem escrever-lhe para Guimarães.

ONTEM

Como o Vitória de Setúbal informou a Associação de Futebol da cidade sadina que «por motivos imprevistos», desistia de participar na «Taça de Honra», o seu posto na prevista esgrima de bola nas redes passa a pertencer ao União Sport Clube, de Santiago de Cacém, a simpática colectividade que já teve a honra de, nas Antas enfrentar um dos maiores em cotejo oficial. Os que não podem, aos que precisam.

Entretanto, regressado do Médio Oriente, o bloco de profissionais do Benfica aterra em Atenas e, mesmo sem clientela para qualquer actuação paga a dólares, aproveitam para uns chutos: treina hoje, no campo do Olimpiakos, apenas para não perder a forma e com vista ao espectáculo programado para sexta-feira (em Paris) onde terá como «partenários» os novos parceiros de Humberto Coelho.

HOJE

Para hoje o adepto nortenho do chamado desporto-rei tem espectáculo programado: trata-se da última jornada do Torneio Início, da Associação de Futebol do Porto. Jogos marcados: Salgueiros-P. Ferreira (para apuramento dos 5.º e 6.º lugares) e Porto-Boavista (para os 1.º e 2.º lugares). Os jogos disputam-se no Estádio das Antas.

OPINIÃO

... Ontem (em «A Bola») o dr. Nunes dos Santos (Sporting) acusou o dr. Américo de Sá (F. C. Porto) em termos agressivos. Américo:

«É uma tristeza, uma enorme tristeza, poder concluir que o dr. Américo de Sá ainda não percebeu que o Sporting o lamenta, não por cumprir os «preceitos legais», mas por não respeitar os preceitos morais a que se obrigou, para além das disposições da portaria.

«Os preceitos legais que invoca também colocavam o meu clube na posição de tentar a contratação de Gomes e de outros, sem dar satisfação ao Porto; porém, o acordo celebrado, embora verbal, impunha-nos o seu acatamento, porque somos pessoas honestas.

«O dr. Américo de Sá procura agora alegar que se interessaram pelo Dinis porque o Sporting o dispensava. Já expliquei, várias vezes, ao presidente do Porto, a situação: o Sporting, atendendo às dificuldades financeiras com que se debate, encarava a cedência de Dinis; no entanto, não se conseguindo uma transferência compensadora, é óbvio que preferia contar com o jogador do que perdê-lo sem qualquer indemnização.

«Haverá alguém, pelo menos inteligente e honesto que seja, que não tenha compreendido a nossa posição?»

Hoje (em «Record») o dr. Américo de Sá comenta estas e outras palavras do vice-presidente do Sporting. E ameaça:

«Uma entrevista recheada de mentira, ao sabor das conveniências de quem a dá e em que se usam expressões perfeitamente insultuosas que caem sob a alçada do código penal, não tem resposta de

quem se preza de ter uma elegância de linguagem, de comportamento e de atitudes, que ficam à larga distância do dirigente do Sporting. A entrevista que acabo de ler, muito superficialmente, tinha-a já previsto, pois essa era a desculpa que o Sporting teria de dar, para uma actuação, pelo menos, aparentemente, errada. O tom desesperadamente insultuoso em que aparece escrita é que profundamente me surpreende, tão certo é que não tinha o dr. Nunes dos Santos na conta de alguém capaz de usar a linguagem ali utilizada. E que, realmente, o problema é ser sério ou não sério, mas também é ser educado ou mal educado.

E finaliza: «Os termos insultuosos do vice-presidente «leonino» são passíveis de procedimento criminal...»



Dr. Nunes dos Santos: economista «versus» jurista

PERGUNTAS

Falou-se na moralização da cedência de cartões para a nova época futebolística. A cinco dias do início dos campeonatos, o mais provável será tudo continuar na mesma. Quer dizer: todos os cartões em circulação continuam válidos. É caso para perguntar: como não há moralidade, continuam todos a comer?

Ainda futebol: afinal, quantos clubes vão este ano descer da 1.ª Divisão Nacional? Até ao momento nada se sabe. Pergunta-se: será só no final do campeonato, quando a classificação estiver homologada, que esse tal regulamento conhece a luz do dia?

EVENTUALMENTE CHOCANTE

Em devido tempo, o Automóvel Clube de Portugal tentou «montar» entre nós (melhor dizendo: nas escolas primárias cá do País) um curso de ensino da segurança rodoviária. O projecto chegou (mesmo) a ser entregue ao então Ministério da Educação e Cultura, decorria Novembro de 1974.

Depois de muito insistir na tomada de posição dos mais altos dirigentes do Ministério da Educação veio, finalmente, a saber-se (a 7 de Janeiro do corrente ano) que o assunto era útil, estando em estudo algumas propostas de alteração ao projecto apresentado. A 15 de Abril, foi aprovado o programa básico, solicitando-se (então) a presença de um representante da Direcção-Geral do Ensino Básico. Representante que nunca apareceu: e, como

resultado desse «interesse», temos agora o Automóvel Clube de Portugal a anunciar (juntamente com a Prevenção Rodoviária Portuguesa) a sua impossibilidade de iniciar o anunciado curso de ensino de segurança rodoviária no meio escolar.

Também não deve ser importante: que importa um atropelamento ou outro a mais, num país onde a segurança rodoviária é apenas considerada de «útil» por algumas entidades oficiais?

AGENDA

Reunião dos clubes filiados na Associação de Ténis de Mesa do Porto na próxima 5.ª-feira. Abertura, na 6.ª-feira, das classes de ginástica da Associação Académica da Amadora. Abertas as inscrições (no Pavilhão dos Desportos, de Cascais) para os garotos de idade compreendida entre os 5 a 12 anos, que queiram participar no «Torneio de Promoção de Hóquei em Patins», nas categorias de escolas e infantis, sábado, na praia de Santa Cruz (Torres Vedras) torneio de tiro aos pratos. A 11 do corrente, os árbitros e cronometristas de andebol efectuarão um conclave na Comissão Coordenadora do Sul. Finalmente, para os interessados, aqui se dá nota de que, entre 9 e 12 de Outubro, haverá (no Jamor) um curso de aperfeiçoamento para treinadores de rúgbi. Em tempo: regista-se que toda a imprensa de Lisboa foi destacada com um voto de agradecimento pela direcção cessante do Clube Naval de Lisboa.

RARIDADES

A «Liga» ou o «Nacional» de Futebol disputa-se desde 1934-35. Esta temporada, quatro emblemas (Benfica, Sporting, Porto e Belenenses), todos com 970 jogos efectuados, podem atingir os mil espectáculos na categoria.

Apenas em um ano de actividade, a Comissão de Fundos do Vitória de Guimarães já conseguiu obter mais de 600 contos.

No Olhanense (2.ª Divisão) nenhum futebolista cobrará mais de cinco contos mensais. Em dois anos, o passivo do clube atingiu dois mil contos.

Com 14 anos de idade, Pietra treinou no Sporting, a guarda-redes. Mandaram-no logo tomar banho.

O campeão nacional do decatlo (Matos Santos) tem 25 anos, é electricista na Companhia Eléctrica das Beiras (Vila Nova de Ourém) e treina sem mestre.

Três associados do C.A.C.O. foram expulsos da colectividade: Sanches Ferreira, Fábizio de Campos e Henrique Ferreira.

PORTUGAL

O futebol de salão parece apostado em «roubar» ao outro futebol (de 11) o entusiasmo que, durante anos, o classificou como desporto-rei. Primeiro, foi a indústria hoteleira, que levou a Cascais milhares de entusiastas, depois foi a sub-sede do Oriental que fez encher o seu parque de jogos com um público entusiasta; desta feita são os bombeiros que vão organizar um torneio entre si. E, para a sequência

continuar, temos aqui a notícia de que as secções de andebol e ténis de mesa do Clube Desportivo de Paço de Arcos vão organizar um torneio de chuto que será denominado «Torneio de Futebol de Salão da Costa do Sol. Das duas, uma: ou o futebol começa a ter a dimensão exacta que o País merece, ou as outras modalidades estarão particularmente interessadas em roubar ao futebol de onze o tal entusiasmo que o transformou no desporto-rei.

COMENTÁRIO

Joaquim Leite, o homem que chegou a andar vestido de «amarelo» numa «Volta a Portugal» (ao serviço do F. C. do Porto), veio depois para o Benfica e acabou por desiludir neste mini «Grande Prémio Clok», acaba de anunciar que vai abandonar o profissionalismo. Mas, antes, pede «uma mãozinha» ao director-geral dos Desportos:

«Reconheço que o profissionalismo está mal, só que reestruturação não quer dizer extinção como pretendem. Se acabarem com o profissionalismo, assim, de um momento para o outro, vão apanhar desprezados muitos homens que fazem do ciclismo o seu ganha-pão e que, assim, de um pé para a mão, não têm possibilidade de arranjar outro sustento. Ao director-geral peço que dê a maca a esta gente e com ela, discuta qual a melhor forma para reestruturar o ciclismo. É que, quem anda em cima do selim, e que sabe como é...»

O director-geral dos Desportos deve atender a este pedido de Leite: até porque o rapaz é primo de D. António Ribeiro, Cardeal Patriarca de Lisboa.



Joaquim Leite: que vá com Deus

TELEFONEMA

Do outro lado do fio: «Sou um dirigente do Adicense e quero dizer-vos que, no próximo domingo, vamos «recuperar» a doca do Jardim do Tabaco para o nosso clube, para o nosso bairro, que é Alfama. Vamos organizar um festival de natação, para ver se a mudança deste bairro toma o gosto pelas actividades natatórias. A doca do Jardim do Tabaco foi-nos «roubada» há 15 anos: quer dizer que, há 15 anos, ela foi-nos negada para ali efectuarmos provas. Agora, pensamos que era altura de a utilizarmos de novo: e a Administração do Porto de Lisboa abriu-nos as portas. Domingo, vamos festejar. Para isso, convidamos os mais importantes clubes portugueses, que já confirmaram a sua presença. Pode pôr aí a notícia?»

Com toda a franqueza

Por
NEVES
DE SOUSA

MALTEZES: BURGUESES, ÀS VEZES

Silema e dilema. Os confrontadores (maltezes) que estão pela frente do Sporting na primeira eliminatória da Taça das Taças (futebol), andam num virote: e põem a cabeça em água aos «leões», com cartas para cá e telegramas para lá, a mudar datas e palcos para os jogos, com pedidos e solicitações que revelam (à evidência) que os rapazitos (amadores) da martirizada ilha estão pouco calibrados nestas coisas de futebol a nível altamente profissionalizado.

O sorteio da competição, que envolve «verde-brancos» e mocinhos de Malta (colegas, eventuais, da sorte que, há anos e pelo mesmo pé, bateu à porta do Apol) indicou que deveria ser no terreno maltez o embate inicial. Mas, pouco crentes em conseguir receita compensadora, os fleumáticos mediterrânicos correram a pedir ao Sporting para que se efectuassem, cá na nossa casa, os dois jogos da eliminatória. Os donos de Alvalade estudaram o assunto, viram que a perspectiva de duas «goleadas» poderia carilizar público afecto à turma de Damas para o estádio do Lumiar e responderam que, sim senhor, estavam pelos ajustes.

Rodaram os dias e, vai daí, viaja novo telegrama até Lisboa: os maltezes (burgueses, às vezes) tinham sido avisados pela U. E. F. A. de que o seu desejo não era autorizado, pois iria rasgar um precedente dentro da nova orgânica do organismo-mor do futebol europeu. Os tempos em que o Apol fizera coisa igual já estavam sepultados e, agora, a história que envolve estes torneios-niqueis era outra. Portanto, primeiro jogo em Lisboa (a 17 do corrente) e segunda «mão» em Malta (a 1 de Outubro).

Andaram mais umas folhinhas do calendário: e, intranquila, cheinha de medo, aí está nova missiva com selo de La Valeta. Que dizia? Nada mais, nada menos que, *dado o clima de instabilidade que se respirava em Portugal*, etecetra e tal,

mais coisa menos coisa, era melhor eles não virem cá, se calhar por causa do tiro-teio nas ruas...

O Sporting ficou chateado: perdia umas massas e saltava um trampolim sem esforço, de modo nada dignificante para as suas hostes. Daí que, à nova cartinha malteza, os «leões» retorquíssem que, em Portugal, salvo a liberdade de cada um poder dizer o que muito bem lhe está na gana, ainda não se constatou que estivesse a prêmio o cidadão que, incólume, saísse à rua.

Os maltezes fizeram um exame à situação, devem ter recolhido elementos na imprensa mundial e, já em fase de calma, concordaram no passeio: bem vistas as coisas, não era todos os dias que se laureava até um país onde só a versatilidade de letreiros pintados nas paredes dá pano de mangas para regalar o olho.

Tudo parecia certo, combinado, acertadinho nos mínimos pormenores: jogos a 17 deste mês e a 1 de Outubro, passagens marcadas nos transportes aéreos, quartos reservados nos hotéis, passaportes em ordem e bagagem quase preparada. Mas, eis que, de Malta, bruscamente, este cáldo Verão trás outros mandados: não se poderia antecipar, para 24 do duodécimo corrente, o fraldiscanço a Lisboa?

É claro que, desde o Sporting até à U. E. F. A., anda tudo num virote, por causa dos maltezes (inconstantes, às vezes). As secretarias não fazem mais nada: parece que estão às voltas com as «golpadas» do Kissinger, que tão depressa abraça um sujeito como lhe arrefinfa um valentíssimo coice no traseiro. Evidentemente que, salvo as devidas (e lógicas) proporções, os maltezes, o futebol, este negócio do chute na bola, não vale um chave em matéria de preocupações internacionais. Mas, em certa medida, reflectem um pequenino mundo de coisas: que ficam, consoante o critério do leitor, às ordens de cada juiz.



C. U. F.: operários-futebolistas treinam ao cair do dia

PLANO DE ACÇÃO EDUCATIVA

Continuação da pág. 1

ta nova unidade de ensino básico funcionou já, no ano lectivo de 1973-1974, a título experimental designada, na irática, por Faculdade de Medicina de Santana.

«A sua existência não foi todavia, assegurada por qualquer diploma legal, não se tendo em particular definido se não passava de desdobramento da Faculdade de Medicina de Santa Maria ou se constituía estabelecimento autónomo. A institucionalização desse novo estabelecimento tornava-se absolutamente necessária à estruturação dos estudos médicos e paramédicos no nosso país, urgindo por isso definir o seu estatuto legal, bem como a sua coordenação com outros estabelecimentos de ensino universitário no domingo dos estudos biomédicos.

«O Instituto de Ciências Biomédicas de Lisboa gozava de autonomia administrativa, pedagógica e científica nos termos do disposto para outros estabelecimentos de ensino superior integrados na Universidade de Lisboa.

ANALFABETISMO

Aos projectos agora aprovados foram apensos anexos, explicativos do que se pretende quer com a criação da Universidade Aberta, quer com a entrada em vigor de um Conselho Nacional de Alfabetização.

Assim, após um curto preâmbulo em que o projecto considera que «o processo de transformação revolucionária da sociedade portuguesa só terá verdadeiro sentido se apoiado na vontade consciente das

massas trabalhadoras» o anexo que passamos a citar, refere: «Os números oficiais apontam a existência de uma taxa de 30 por cento maiores de 14 anos e 45 por cento de pessoas maiores de 15 anos que não possuem nem frequentaram o ensino primário.

O analfabetismo está entre nós particularmente concentrado nas zonas rurais. (...) Podemos falar em bolsas ou ambientes analfabetos dado que a tónica cultural dessas zonas é dada não pelos letrados mas pela massa iletrada. A sua cultura baseia-se na tradição oral (família, crença, caticues...) e caracteriza-se como fundamentalmente conservadora, fechada, desconfiada face à mudança e dominada pela descrença na capacidade humana para modificar qualitativamente a sua situação. Tal descrença constitui mesmo o pano de fundo da decisão que levou muitos a partirem (migração e emigração) e é o suporte das minorias «cultas» e dos caciques locais que a manobra no sentido dos seus interesses.

A cultura das massas iletradas, «encontra-se, porém, estritamente ligada à prática material das pessoas». Mesmo mantendo-se inalterável durante séculos, a vida rural portuguesa, foi-se constituindo uma cultura, fechada sobre si mesma, é certo, mas que nem por isso, «deixa de ser coerente, rica e impregnada de reais valores».

«Ao processo revolucionário cabe criar as condições para a libertação de todas as suas potencialidades, libertação que implica forçosamente uma

autêntica revolução cultural».

Partindo do pressuposto que não se resolve o problema do analfabetismo reduzindo tão-somente as respectivas taxas, a alfabetização hoje, em Portugal, deverá ser: «peça fundamental do processo de mobilização popular e parte do projecto libertador de todos os medos, passividade, individualismo, da consciência ingénua e fatalista. Tem de ir acompanhada de uma produção literária e artística que, partindo da essência cultural do passado português, seja reflexo das lutas, êxitos e fracassos do povo nesta fase de transição.

O QUE É A UNIABE

A aprovação do decreto que cria a Uniabe (Universidade Aberta) vem dar azo, pela primeira vez, à criação de uma autêntica Universidade nacional popular, através do ensino à distância — mais que uma alternativa, um contraponto ao ensino da Universidade tradicional. A Uniabe que vai utilizar os métodos por correspondência, rádio e televisão, não dispensará no entanto, a existência de monitores que serão extremamente úteis e que poderão funcionar complementarmente nas zonas da província onde exista ou venha a existir ensino superior. A Uniabe que se pretende comece a funcionar já no primeiro mês do próximo ano, vai ministrar cursos a que preferencialmente terão acesso trabalhadores, com jcurrícula» para «alunos» numa escala que vai do ciclo preparatório ao curso superior.

LÁ FORA

Os futebolistas do Benfica foram a Montaine (França) disputar um torneio que acabaram por ganhar... sem terem triunfado em qualquer dos jogos. Contemos: a turma da Luz empatou os dois encontros em uue participou, mas acabou por vencê-los, na marcação de grandes penalidades. Nota saliente (e excepcional): o jovem guarda-linha «encarnado» Mendes defendeu (nada mais, nada menos) do que seis grandes penalidades!

Os turvcos do Fenerbahçe estão com medo de vir a Lisboa: dizem que esse medo não é do Benfica... mas sim, do «clima» que (segundo eles) se

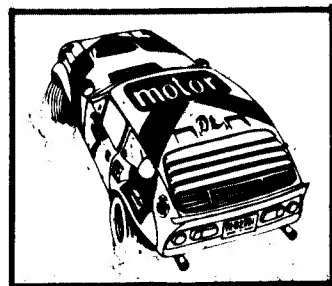
respira em Lisboa. Nesse sentido, solicitaram à UEFA, através da sua Federação, garantias especiais para actuarem no Estádio da Luz. Não sabemos se, da lista de reivindicações, faz parte algum ponto que lhes garanta não saírem derrotados do relvado.

Manaca estreou-se da melhor maneira no Vitória de Setúbal: foi no jogo com o Peñarol em que substituiu Carlos Cardoso, «virando» logo todo o jogo dos sadinos. Entretanto, segundo as últimas notícias vindas de Espanha, Rebelo já não interessa ao Gijon. O próprio jogador desinteressou-se das negociações.

Um jornalista de um diário londrino (Kevin Murphy, de 26 anos) que tentava a tríplice travessia da Mancha, abandonou a empresa esta manhã, estalfado até mais não, quando apenas lhe faltavam dez milhas para atingir a costa francesa e cumprir o seu propósito. Mesmo assim, o colega andou mais de 50 horas nas águas do canal. Parabéns, oh camarada.

Em Milão, o mestre russo Anatoly Karpov (campeão mundial) empatou com o húngaro Lajos Portisch, ficando os dois escaquistas à frente do torneio de xadrez que decorre naquela cidade italiana.

O Brasil (22 medalhas de ouro, 15 de prata e 12 de bronze) foi o grande ganhador do campeonato sul-americano de atletismo, que se desenrolou no Rio de Janeiro. Durante a competição foram derrubados seis máximos continentais.



TOTOBOLA Jogue connosco

Porto - União de Tomar	1
Setúbal - Académico	1
Guimarães - Belenenses	X
Estoril - Farense	X
Atlético - Braga	X
Beira-Mar - CUF	X
Leixões - Sporting	2
Sanjannense - Riopolo	1
Famalicão - Espinho	2
Chaves - Varzim	2
Ohanense - Montijo	1
Lusitano-Oriental	X
Torres Novas - Caldas	X

Em ABRANTES o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na firma Casa Martins, Lda. Praça Visconde de Abrançãlia
Em AGUEDA, o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na Agência Conde — Rua Luis de Camões
Em ALBUFEIRA, o DIÁRIO DE LISBOA encontra-se à venda no Largo Eng.º Duarte Pacheco (António Santos Labisa)

Geral

PONTAPÉ DE CANTO

OLIVANDO DIAS AGUIAR

A BIRRA

...As coisas vão acontecendo, num ritmo tal, que nem sequer temos tempo de as saborear devidamente. A quase anarquia que reina no desporto está tão generalizada que, o anormal, o raro, cedo conquista a vulgaridade, emprestando aos acontecimentos um tom anedótico que nem chega a ser saboreado como merecia.

...Não poucas vezes, são os próprios dirigentes que tomam a iniciativa de criar dificuldades, visando (talvez) o nome escarrapachado no jornal, pouco importando se em notícia elogiosa ou reveladora da pacatez da sua maneira de pensar e agir.

...Hilário pode ter sido a última vítima de um desses (tais) dirigentes que se pretendem promover à custa do desporto: trata-se de uma história invulgar, bastante insólita, que apenas faz vir ao de cima a mediocridade de uma mente, a limitação das possibilidades de compreensão de um homem.

...Como foi noticiado (na altura própria) o ex-treinador do Sporting de Braga, o bem conhecido (e admirado) Hilário, esteve dado ao serviço do Famalicão, como treinador. As negociações chegaram (inclusive) a um ponto tal, que o «internacional» chegou mesmo a entregar à direcção do clube de Famalicão a sua carteira profissional, para que fosse esta a tratar da regularização do contrato. Todavia, Hilário achou por bem aceitar as condições que, entretanto, o Marítimo lhe ofereceu: e, como homem livre de escolher o ambiente de trabalho, não levou por diante as negociações com o clube da terra dos têxteis, preferindo os ares do Funchal.

...Acontece, no entanto, que os dirigentes do Famalicão (ou será apenas um mandatário?) se negam a mandar a carteira profissional a Hilário; nem por correio registado, nem com aviso de recepção. De forma alguma. Só pessoalmente a carteira lhe poderá ser entregue.

...Ora, isto é perfeitamente inconcebível: à força da posse ilegal de um documento alheio, o Famalicão vai obrigar o técnico a viajar do Funchal até ao norte do País, quando com dez escudos a coisa poderia ser resolvida.

...Num tempo de compressão de despesas, não fica mal esta birra dos dirigentes do Famalicão...

Geral

APÓS AS DERROTAS NA ÁSIA DO SUDOESTE

Continuação da pág. 3

baixador dos Estados Unidos em Tóquio, o Japão é a única razão da nossa presença na Coreia do Sul. Washington procura, em colaboração com Tóquio, internacionalizar o problema, com a garantia dos chineses e dos soviéticos». No Japão não se desmente que nos meios militares que um plano está em estudo: os Estados Unidos deixariam somente alguns milhares de homens na Coreia do Sul e assegurariam o essencial da sua defesa, a partir das bases no Japão, apoiando-se nas forças de auto-defesa nipónicas. Aliás, é nesta perspectiva que decorrem importantes obras na base de Kadena, na ilha de Okinawa.

Vista por Tóquio, a segurança da Coreia do Sul constitui, desde o acordo Nixon-Sato de Novembro de 1969, um elemento da segurança do Japão. Uma ameaça sobre a Coreia do Sul, diz substancialmente o texto, apelava da parte de Tóquio uma resposta rápida e positiva. As modalidades desta intervenção, que ainda não estão claramente defini-

das, foram um dos temas das conversações em Washington a 5 e 6 de Agosto entre os senhores Ford e Miki. Os pormenores deveriam ser tratados quando da visita a Tóquio do secretário de Estado da Defesa, senhor Schlesinger. Os japoneses estão prontos a aceitar uma maior integração da sua defesa à dos Estados Unidos, desde que estes últimos reafirmem explicitamente — como o fizeram quando do encontro Ford-Miki — a validade do tratado de segurança durante um longo período e por conseguinte, a garantia nuclear americana. Mesmo se tem alguns buracos, o chapéu nuclear americano não é menos essencial para que o Japão possa continuar a fazer um jogo de «equidistância» entre a China e a U. R. S. S.

A nova política americana na Ásia, não contraria fundamentalmente a diplomacia chinesa, mesmo se no plano dos princípios, ela constitui uma ofensa ao nacionalismo e à independência dos países da Ásia. Ao apoiar as tentativas de fortalecimento da ASEAN, Pequim considera que pertence aos países interessados sa-

ber se eles podem ou não assegurar sozinhos a sua defesa. No caso em que eles não se sintam capazes, é preferível que fiquem temporariamente sob a protecção americana. Além disso, a contribuição que esses países dão ao reforço da presença naval dos Estados Unidos, também não desgosta aos chineses: a sua marinha ainda é fraca e a VII esquadra pode ser um contrapeso à armada soviética na região.

A atitude chinesa constitui para os Estados Unidos a caução mais segura da estabilidade da zona. É por isso que o senhor Kissinger, contra a opinião dos seus conselheiros militares, não deseja contrariar Pequim ao fazer de Taiwan um elo da corrente de defesa dos Estados Unidos. «Washington considera Taiwan como um apêndice à linha dos arquipélagos, e é menos um ponto estratégico do que uma terra chinesa sob uma espécie de protectorado americano provisório diz-nos um observador em Taipei. Aliás, assiste-se a uma retirada progressiva para Okinawa das tropas baseadas em Taiwan. Dentro de um certo prazo, pelo contrário, Washington,

que espera guardar as bases navais na Tailândia, desejaria completar o seu dispositivo a Oeste, em países — Malásia e Singapura — onde os Estados Unidos não têm até agora uma potência dominadora. Parece que o senhor Lee Kwan-yew, primeiro-ministro de Singapura, esteja disposto a admitir proposições, porque está inquieto pela quantidade de armas de fabrico americano, que na Indochina cairam nas mãos dos revolucionários.

Para a maioria dos diplomatas creditados na Ásia, a nova estratégia americana na região, é mais «sã» do que a precedente na medida em que, por agora (este agora pode durar quatro a cinco anos, segundo alguns) nenhum factor que provoque uma subversão, não

ameaça a «linha dos arquipélagos». O único elemento de incerteza é do domínio da política interna dos referidos países. Todos, excepto o Japão, conhecem o jugo de regimes autoritários, sustentados de uma maneira ou de outra, por Washington. Se nenhum parece, de momento, ameaçado por uma sublevação popular, não estão menos expostos a um golpe de Estado. Os Estados Unidos preveem que só poderia tratar-se de uma revolução de palácio, que não poria em causa os seus interesses. Talvez seja fazer uma cruz um pouco rápida, sobre os movimentos democráticos que aparecem e sobre os guerrilheiros que combatem aqui e além.

LE MONDE

A GUERRA ESTÁ EM CADA UM DE NÓS

Continuação da pág. 11

e em nome de muitas pessoas que conheço pessoalmente: o nosso ódio contra a guerra guia os nossos pensamentos e as nossas acções a favor da paz. Por vezes acontece-nos ouvir com espanto a réplica céptica de um observador ocidental: «Por ue é que estes russos lutam tão activamente pela paz, e ainda pela cooperação. Provavelmente porque algo de mal se passa em sua casa» (e aqui os soviétólogos que infelizmente ainda não estão sem trabalho, sugerem: a China, a má colheita, a fome tecnológica, etc., em função do nível de incompetência ou má intenção).

A psicologia das pessoas que possuem o eterno complexo da desconfiança: «O que é que isto pode significar?» mantém esta atmosfera em relação ao nosso amor pela paz. Por vezes vexa-nos, por vezes mes-

mo a cólera apodera-se de nós, mas, apesar de tudo, é a fé no bom sentido que triunfa.

Os que não suportaram os horrores da guerra, como nós, não poderão, provavelmente, compreender a nossa fidelidade à Paz.

NOTAS

- (1) «História da U.R.S.S. A época do socialismo», Moscovo, 1964, p. 518.
- (2) D. Pavlov, Leninegrado durante o bloqueio. Moscovo, 1969, p. 184 e 186.
- (3) D. Pavlov, Leninegrado durante o bloqueio. Moscovo, 1969, p. 185.
- (4) D. Pavlov, Leninegrado durante o bloqueio. Moscovo, 1969, p. 178.
- (5) Directiva do Chefe do Estado-Maior da Direcção da Guerra Naval da Alemanha, Berlim, 29 de Setembro de 1941, n.º 1-A 1601/41. «O Futuro de Petersburgo», traduzido do russo.
- (6) História da U.R.S.S., p. 518.
- (7) História da U.R.S.S., p. 518.
- (8) História da U.R.S.S., p. 519.
- (9) História da U.R.S.S., p. 528.
- (10) História da U.R.S.S., p. 528.
- (11) História da U.R.S.S., p. 528.
- (12) História da U.R.S.S., p. 522.
- (13) História da U.R.S.S., p. 528/529.

BARS BOITES

NINA Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 364859/368197
YUKY STREAP-TEASE JAPONESA
CASINO ESTORIL — Jogo autorizado.

Variedades internacionais. T. 26461/264526/264586/264621/264946
HIPOPOTAMO — Conjunto Hipopotamo. Encerra aos domingos. Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384

RECORD

EMISSION 1.º Programa
17.00 Rádio estudantil
18.00 Música variada
19.00 Informação de trânsito
20.00 Música variada
21.00 Jornal da noite
21.45 Música portuguesa
22.00 Observação de cinema, por Maria Cristina, Damas Nunes e Moreira dos Reis
22.00 A grande música negra, por José Duarte
00.00 Último jornal
00.30 Retrospectiva
01.00 Saída e encerramento dos Regionais e dos MF-1 — música na noite
02.00 Música na noite
2.º Programa
16.00 Músicos célebres
17.14 Curiosidades musicais
17.45 Intercâmbio musical
18.30 Gravações históricas
19.00 Música sinfónica
20.00 Jornal da noite
21.00 Passagem do MF-2 a Estéreo — música ligeira variada
22.00 Ópera
00.28 Música de câmara
01.00 Fecho
Programa em Onda Média 2 — 397 m — 755 KHz
20.30 Música da família Strauss

21.00 Música portuguesa
22.00 Música de piano
22.30 O gosto pela música, pelo dr. João de Freitas Branco
23.00 Uma sonata de Beethoven
23.20 As grandes sinfonias
00.40 Canções
01.00 Fecho
RÁDIO CLUBE
Onda Média
16.04 Programa C.D.C.
18.05 Movimento
20.40 Terça-feira à noite
21.03 Programa do M.F.A.
21.30 Quando o telefone toca
22.30 Quando o telefone toca
23.07 Novas de alegria
23.30 No Mundo aconteceu
00.05 Atavancas
01.00 Madrugada
06.03 Diário rural
07.03 Talismã
Modulação de Frequência
16.04 Programa C.D.C.
18.05 O nosso programa
19.05 Em órbita-1
20.30 Boa noite em FM
22.02 Clube à gô-gô
00.05 Em órbita-2
01.05 Banda sonora Sonipol
02.05 Perspectiva
03.05 Madrugada
07.03 Hora sete

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava em geral pouco nublado o vento era fraco e havia neblina em alguns locais

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	22°
P. DOURADAS	19°
COIMBRA	19°
PORTALEGRE	20°
LISBOA	17°
FARO	23°
FUNCHAL	23°

TEMPERATURAS EXTREMAS

ELVAS	Máxima	33,5°
PENHAS DOURADAS	Mínima	7°

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do Mar	16,8°
Atmosfera	18,5°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
0.58 3,3 m	6.42 1,3 m
13.23 3,6 m	19.17 1,1 m

Dia 3

1.53 3,6 m	7.35 1,0 m
14.15 3,9 m	20.06 0,8 m

Dia 4

2.42 3,9 m	8.22 0,8 m
15.02 4,1 m	20.51 0,5 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado ou limpo; vento fraco moderado de Nordeste; possibilidades de neblina matinal na zona costeira ocidental.

AMANHÃ

NAScer ÀS	7.07
OCASO ÀS	20.05

RECORD

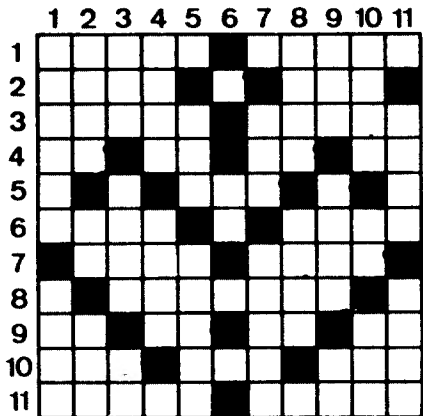
RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média, 233,2 m — 1286 KHz; Modulação de Frequência de Lisboa, 93,2 — EMISSÃO CONTÍNUA
EMISSIONS ASSOCIADOS DE LISBOA
Rádio Voz de Lisboa
Das 06.00 às 10.00 e das 14.30 às 17.00
Rádio Graça
Das 10.00 às 12.00 e das 22.00 às 02.00
Clube Radiofónico de Portugal
Das 12.00 às 14.30 e das 17.00 às 19.30
Rádio Peninsular
Das 19.30 às 22.00

Palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 11 174

HORIZONTAIS:

- 1 Raspar. Cacarecos.
- 2 Vila e concelho do distrito de Portalegre. Filtra.
- 3 Feixe de palhas em que se envolvem os objectos frágeis para que se não partam com o transporte. Nome de mulher.
- 4 Associação ou confraria cristã na Índia. Antes e Cristo. Quinhentos e um em romano. Sufixo que designa estado.
- 5 Agência Telegráfica de Imprensa.
- 6 Fechar as asas para descer mais depressa. Lavras.
- 7 Miado. Goza.
- 8 Ajuizada.
- 9 Prefixo de privação. Quarto. Nome de letra. Cobalto (s. q.).
- 10 Fluido aeriforme. Rio de Portugal. Cidade de França.
- 11 Gorgulhos tropicais. Terceiro estômago das aves.



VERTICAIS:

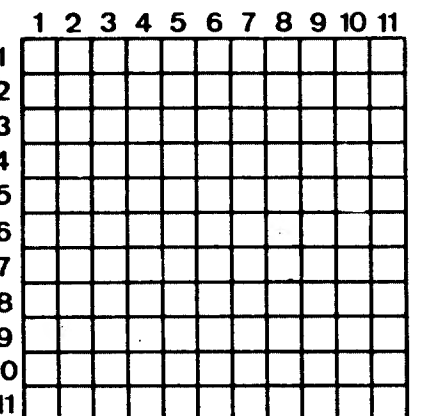
- 1 Gritarias. Bruxa.
- 2 Despacho. Prefixo de negação. Recusa.
- 3 Piedosa. Fronteira. Senhor.
- 4 Aversão. Vénus indiana, deusa da voluptu, esposa de Kama-Deva, deus do Amor.
- 5 Mau cheiro. Vociferas. (fig.)
- 6 Sódio (s. q.).
- 7 Mil quinhentos e um em romano. Executam.
- 8 Pedra-ume. Queima.
- 9 Coragem. Guindaste. Germano (s. q.).
- 10 Rio dos Estados Unidos. Nesse lugar. Óxido de cálcio.
- 11 Pernadas de sobreiro. Coisa encharcada em água.

Resolvi completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 7333

HORIZONTAIS:

- 1 Castrais. Cidade da Polónia.
- 2 Ferro temperado. Animal doméstico. Patrao.
- 3 Ave semelhante à pomba. Lavras.
- 4 Farrapo. Cidade de França.
- 5 Terreiros em frente ou em volta das igrejas. Nome de planeta.
- 6 Nome de astro.
- 7 Mulher chinesa da classe baixa. Pega.
- 8 Vagueias. Defunta.
- 9 Lama. Madres.
- 10 Mil e dois em romano. Pronome possessivo. Cabelos brancos.
- 11 Artigo definido. Miriade. Afia.



VERTICAIS:

- 1 Missiva. Nome de homem.
- 2 Desperta. Ratas.
- 3 Relativo aos polos. Estive em fogo.
- 4 Capa sem mangas (inv.). O sustento.
- 5 Escândio (s. q.). Restos mortais. Basta.
- 6 Ouro (s. q.). Pronome pessoal.
- 7 Isolado. Saltam. Em partes iguais.
- 8 Rio da Suíça. Ruido.
- 9 Tirania (fig.). Bebida alcoólica que se fabrica na Índia e América fermentando arroz.
- 10 Serena. Maquinismo de um relógio.
- 11 Pronome possessivo. Cidade de Itália.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11 173

HORIZONTAIS

- 1 TERRA. Apar.
- 2 Asais. Ralem.
- 3 Tira. Coisa.
- 4 ao. ua. t.
- 5 Er. Barra. As.
- 6 Sós. Anã.
- 7 Ruam. Ava.
- 8 Aal. Lai. Ale.
- 9 Goa. Salier.
- 10 Diabo. Ca. So.
- 11 Atrás. Armas.

VERTICAIS

- 1 Ta. NEGRA. DÁ.
- 2 Estar. a. lt.
- 3 Rir. BOM. Obã.
- 4 Asaras. Laos.
- 5 Ur. Ga.
- 6 Arcada. Iça.
- 7 PÃO. Ana. Aar.
- 8 Alia. Aval.
- 9 Resta. Alisa.
- 10 Ama. Sc. Eros.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7332

HORIZONTAIS

- 1 Abalo. Braga.
- 2 Tolã. Ecam.
- 3 Uri. MMI. Ara.
- 4 Arara. Remói.
- 5 Moral. Impas.
- 6 Ale. AAA.
- 7 Al. Ata. Mm.
- 8 Iás. Ana. Cili.
- 9 Eguas. Serra.
- 10 Taba. Lear.
- 11 Arara. Massa.

VERTICAIS

- 1 Atuam. Aleta.
- 2 Borro. Legar.
- 3 Alira. Suba.
- 4 La. Rala. Aar.
- 5 Maletas.
- 6 Om. An.
- 7 Iria. As.
- 8 Ré. Emas. 1 la.
- 9 Acampa. Crés.
- 10 Garoa. Miras.
- 11 Amais. Miara.

Provérbio: TERRA NEGRA DÁ BOM PÃO

Farmácias de Serviço

LISBOA

**TURNO L-1
TODA A NOITE**

ALCANTARA
Biotifar, Rua D. João de Castro 27-B (tel. 638824)

AMOREIRAS
Amoreiras (das), Praça das Águas Livres, 8-D (tel. 681515)

ARCO DO CEGO
Providência, Rua D. Filipa de Vilhena 9-C (ao Bairro Social) (tel. 770324)

AREIRO
Gasparinho, Rua dr. Gama Barros, 54-A (tel. 710465)

ARRIOIS
Veral, Rua Morais Soares, 109 (tel. 821732)

BAIRRO ALTO
Sanitas, Praça Luís de Camões, 24 (tel. 322798)

BENFICA
Sousa, Estrada de Benfica, 429 (tel. 780027)

CAMPO DE OURIQUE
Ourique, Rua Freitas Gazul, 32-B (cont. a Rua Almeida e Sousa) (tel. 671667)

CONDE DE REDONDO
Capuchos, Rua Luciano Cordeiro 2-A (tel. 52076)

JANELAS VERDES
Reis Garrido, Rua das Janelas Verdes, 90 (tel. 662327)

LUMIAR
São Tomé, Estrada do Desvio, lote 12-C (tel. 790704)

PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B/C (tel. 720703/728395)

POÇO DO BISPO
Barros Gouveia, Rua Vale Formoso de Cima, 19-B (tel. 382180)

**TURNO L-2
TODA A NOITE**

ALCANTARA
Costa, Rua dos Lusíadas, 30 (tel. 636704)

ALFAMA
Pereira, Rua do Paraíso, 98 (tel. 863224)

ALVALADE
Alvalade, Avenida da Igreja, 18-A (tel. 712070); Onilda, Avenida João XXI, 13-A (tel. 726848)

AVENIDAS NOVAS
Dalva, Avenida Duque d'Ávila, 125 (tel. 45225)

BELEM
Bom Sucesso, Rua Bartolomeu Dias, 63-A (tel. 611454)

BENFICA
Progresso, Estrada A-da-Maia, 64-C (tel. 702226)

CAMINHOS DE FERRO
Alves de Carvalho, Rua Vale de Santo António, 7 (tel. 840125)

ENTRE CAMPOS
Alcântara, Avenida da República, 74-A (tel. 771379)

PICHELEIRA

Marluz, C.da Picheleira, 140-B/C (T.720703/728395)

OLIVAIS NORTE
Central, Rua Alferes Barrilero Ruas 7-C (tel. 31539)

REGO
Prates e Moura, Rua da Beneficência, 92 (tel. 773728)

SÃO MAMEDE
São Mamede, Rua de São Marçal, 100 (tel. 325318)

SOCORRO
Tavares, Rua da Palma, 194 (tel. 863350)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Branco, Av. C.G. Guerra, 29 (T.212081)

PAÇO DE ARCOS
Pargana, Av. Eng. Bonneville Franco (T.2435147)

OEIRAS
Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro (T.2430485)

CARCAVELOS
Central

PAREDE
Macau, R.J. Elias Garcia, 60-C (T.2471785)

S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, R.9 de Abril, 24 (T.263052)

MONTE ESTORIL
Godinho da Silveira, Av. Saboia, 29-B (T.260085)

CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (T.280078); A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (T.280214)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Clabel, R. António ASardinha, 23-D (T.938551); Dias, Av. Marquês de Pombal, lote 9 (T.934589); Campos, R. Elias Garcia, 185 (T.930072)

DAMAIA
Confiança, E. Militar, lote D (T.9710231)

VENDA NOVA
Girassol, R. Elias Garcia, 17-C (T.974161)

QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (T.950117); Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (T.950123)

CACÉM
Araújo e Sá, E. de Paco de Arcos, lote 1-B (T.2940781)

MEM MARTINS
Quimia, E. de Mem Martins, 285 (T.2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (T.980456)

SINTRA
Misericórdia, Vila (T.293391)

COLARES
Abreia (T.299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, R. Antónios Santos Jorge, 15 (T.234100)

ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T.204250)

ALMADA
Central, R. de Olivença, 11-B (T.2750504)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, E. Nacional, 244-A (T.3040141)

BARREIRO
Helénica, R.D. Manuel I, 178 (T.2073017)

COVA DA PIEDADE
Morgado, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (T.2767356)

MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T.239025)

MONTUJO
Diogo, R. Almirante Cândido dos Reis, 50 (T.2310032)

SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T.2233028)

SETUBAL
Costa, L.da Misericórdia (T.22760); Brasil, P.do Brasil (T.24788)

SEIXAL
Godinho, L.da Igreja, 51 (T.2218580)

PORTO

TURNO 7
ATE AS 22 HORAS

Martino, Sucrs., Praça Marquês de Pombal, 122; Pombeiro, Campo dos Mártires da Pátria, 152; Prelada, Rua Central de Francos, 316; S. Roque da Lameira, Rua de S. Roque da Lameira, 1111; Sá da Bandeira, Rua Sá da Bandeira, 236; Ameal, Rua do Ameal, 1227; Campo Alegre, Rua do Campo Alegre, 723; Ferreira da Silva, Rua dos Mártires da Liberdade, 150; Peninsular, Rua Chã, 100; S. Lázaro, Avenida Rodrigues de Freitas, 297 e Melo Taveira, Rua Alcaide Faria, 77

A PARTIR DAS 22 HORAS
Prelada, Rua Central de Francos, 316; Martino, Sucrs., Praça Marquês de Pombal, 122; Pombeiro, Campo dos Mártires da Pátria, 152 e S. Lázaro, Avenida Rodrigues de Freitas, 297

COIMBRA

Rodrigues da Silva, R. Ferreira Borges, 32 (T.24348); S. José, Arcos do Jardim (T.24647)

Outros espetáculos

LISBOA/Teatros

CAPITÓLIO
21.15 (18 anos)
«Mostra-Me a Tua Piscina»

VASCO SANTANA
21.30 (13 anos)
«Trapos e Rendas»

MONUMENTAL
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Lisboa Acordou»

A.B.C.
20.45 e 23.00 (18 anos)
«P'ra Trás Mija a Burra»

MARIA MATOS
21.30 (13 anos)
«Legenda do Cidadão Miguel Lino»

VARIEDADES
21.15 (13 anos)
«Adeus Valentina»

LISBOA/Cinemas

OLIMPIA
21.15 (14 anos)
«Gigantes do Mar»

PROMOTORA
21.00 (13 anos)
«Os Caminhos da Liberdade»

JARDIM
21.15 (18 anos)
«Sartana, o Vingador»

MOSCAVIDE
21.15 (14 anos)
«O Quarto Casamento»

PARIS
21.00 (18 anos)
«Onde o Sol Nunca Brilha»

LINHA DE CASCAIS

CASCAIS Oxford
21.15 (13 anos)
«A Culpa Foi de Nero»

Casino
17.00 e 21.15 (10 anos)
«O Capitão Sem Barco»

CASCAIS

S. José
21.15 (13 anos)
«O Santo Patrono»

OEIRAS
Oeiras-Cine
21.15 (18 anos)
«Para Quem não Pode Haver Piedade»

PAREDE
Royal-Cine
21.15 (14 anos)
«O Juiz Roy Bean»

OUTRA BANDA

COVA DA PIEDADE
Clube
21.30 (13 anos)
«Com Jeito Vai de Bacamar-te à Solta»

ALMADA
Incrível
21.15 (14 anos)
«Os Três Super-Homens na Selva»

LINHA DE SINTRA

SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (18 anos)
«Médicos e Mulheres»

PORTO/Cinemas

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Tamanho Natural»

BATALHA
2.15 (18 anos)
«Amar não Mata»

OLIMPIA
21.15 (18 anos)
«Primos Carnais»

TERÇO
21.30 (13 anos)
«O Filho»

RIVOLI
21.15 (18 anos)
«Frankenstein Júnior»

COLISEU

21.15 (18 anos)
«As Sobrinhas»

ÁGUA DE OURO
21.30 (13 anos)
«Os Dois Bombeiros»

S. JOÃO
21.15 (13 anos)
«A Linda Pamela»

VALE FORMOSO
21.15 (18 anos)
«Dillinger»

ESTÚDIO FOCO
21.15 (10 anos)
«Spartacos»

JÚLIO DINIS
21.15 (14 anos)
«Os Três Super-Homens na Selva»

ESTÚDIO
21.15 (13 anos)
«Não Chores com a Boca Cheia»

TRINDADE
21.15 (10 anos)
«My Fair Lady»

COIMBRA

AVENIDA
21.15 (18 anos)
«A Mansão dos Mortos-Vivos»

TIVOLI
21.15 (10 anos)
«Nem Visto nem Achado»

SOUSA BASTOS
21.15 (18 anos)
«O Lago de Drácula»

Cinemas

ESTREIAS DE HOJE

NOS CINEMAS

ESTÚDIO

O PROSTITUTO

ALVALADE

T. 89748 14.15, 16.30, 19.00, 21.15

Para todos

CARROCEL

WALT DISNEY

em 2.ª semana

CALEIDOSCÓPIO

T. 795093 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Não acons. a menores 18 anos

ASFALTO QUENTE

A vida de uma mulher louca de desejo

Com Goldie Hawn e Ben Johnson

BERNA

T. 776098 14.00, 16.30, 19. 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

o filme de Norman Jewison

JESUS CRISTO

SUPERSTAR

35.ª Semana

O mais espectacular filme dos últimos 10 anos

EDEN

T. 320769 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15

Int. a menores 18 anos

em 2.ª Semana

PECADOS EM FAMÍLIA

Colorido

CONDES

T. 322523 14.00, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

BURCH CASSIDY

E O KID

DOIS HOMENS E UM DESTINO
c/ Paul Newman, Robert Redford

APOLLO 70

T. 763319 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

O excepcional filme de Muel Broeks

BALBURDIA NO OESTE

Hoje as 24 h. o filme da meia-noite

Grupo D-18 anos

«A VOLTA DE JESSE JAMES»

TIVOLI

T. 570595 15.15, 18.30, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

Um drama de impacto explosivo

VEREDICTO

Com Sophia Loren e Jean Gabin

ODEON

T. 326283 15.15, 18.15, 21.15

Interd. a menor. 18 anos

4.ª SEM. D. O. OMEGA BEE E R. 15.ª SEMANA DE SENSACAO

DECAMERON

PROIBIDO

com Eva Maria Grubmuller e Pupo de Lucas

ERAM 4 INSACIAVEIS... NA AUSÊNCIA DOS MARIDOS, O AMOR ANDAVA A SOLTA...

ROXY

T. 48560 14.00, 16.30, 18.45 e 21.15

Interdito a menores de 18 anos

Colorido

PECADOS EM FAMÍLIA

2.ª Semana

IMPÉRIO

T. 555134 15.15, 18.30, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

«O TRIPLO ECO»

Amanhã às 18.30

Sessão clássica (M. 12 anos)

ENCANTAMENTO

CASINO ESTORIL

T. 264621 18.15, 21.15

Grupo B (10 anos)

O CAPITÃO SEM BARCO

ROYAL

T. 665037 15.30, 21.15

Interdito a men. de 18 anos

AMAR NÃO MATA

POLITEAMA

T. 326305 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

Interdito a menores de 18 anos

2.ª Semana

KUNG-FU NO OESTE SELVAGEM

CASTIL

T. 530194 15.30, 18.30, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

CONTOS IMORAIS

em 5.ª Semana

VOX

T. 720808 15.15, 18.30, 21.15, 24.00

Não acons. a menores de 18 anos

num filme sem peias nem pudores

SEM QUAISQUER PRECONCEITOS

D. JOÃO V

T. 971794 21.00

Int. a menores de 18 anos

A VIDA ALEGRE DE COLLINOT

SATÉLITE

T. 562632 15.30, 18.30, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

O CIO (HEAT)

ROMA

T. 727778 15.30, 18.30, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

EMMANUELLE

(Este filme contém cenas eventualmente chocantes 37.ª semana)

CINEMA 2000

T. 210055 16.00, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

A BIBLIA

MUNDIAL

T. 538743 15.15, 18.30 e 21.30

Não acons. a menores de 18 anos

ANNA

AQUELE PARTICULAR PRAZER

AVIS

T. 47163 15.30, 21.15

Não acons. menores 13 anos

PARA A FRENTE É QUE É O CAMINHO
c/ Frankie Howard e Zsa Zsa Gabor

CINEBOLSO

T. 573407 14.30, 16.45, 19, 21.30

Interdito a menores de 18 anos

ACIDENTE

CINEARTE

T. 660446 15.30, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

MURRO ASSASSINO

ESTÚDIO

T. 555135 21.15

Interdito a men. de 18 anos

O PROSTITUTO

Colorido!

ESTÚDIO 444

T. 779095 15.30, 18.30, 21.15

Interdito a men. de 18 anos

CONTOS IMORAIS

Este filme contém cenas event. chocantes 5.ª semana

EUROPA

T. 661016 15.15, 21.15

Grupo A.M. 6 anos

MÚSICA NO CORAÇÃO

Colorido!

RESTELO

T. 610375

Hoje não há espectáculo

Amanhã Não acons. a M. 18 anos

RAÇA DOS SENHORES

MONUMENTAL

T. 555131 15.15, 18.15, 21.15

Grupo B - 10 anos em 70 mm

LONGE DA MULTIDÃO

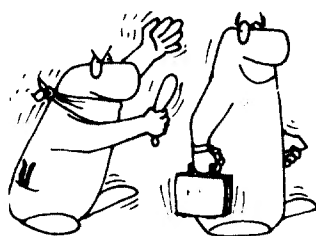
A projecção do filme inicia-se após a abertura da sessão

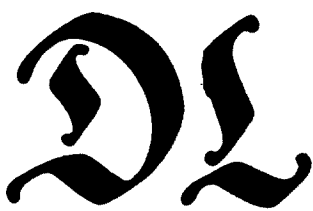
Diário de Lisboa

ASSINATURAS DE FÉRIAS

Aceitam-se assinaturas pelo período mínimo de 10 dias, ao preço de 4\$00 por dia

NÃO SE ENVIAM RECIBOS À COBRANÇA





RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SOBRADO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOIA TELEF. 12363
LISBOA-PORTUGAL

A SITUAÇÃO POLÍTICA

Continuação da pág. 1

que elaborara consistia em «conseguir um Governo de unidade nacional e, o mais possível, independente». Contrariamente ao que foi divulgado o novo Governo não será de coligação, pois, ainda segundo as declarações de Pinheiro de Azevedo, embora seja de prever a entrada de alguns ministros ligados aos partidos maioritários, isso verificar-se-á apenas a título individual. Contudo, acrescentou, «os três principais partidos — P.S., P.P.D. e P.C. — terão que descobrir uma plataforma de apoio ao Governo e de aprovar o seu programa, pois sem essa plataforma comum não será possível governar».

No programa de governação do novo Primeiro-Ministro, que se espera venha a ser divulgado aquando da sua tomada de posse, será considerado como prioritário «dar paz, ordem e tranquilidade a este País, especialmente no Norte».

Pinheiro de Azevedo confirmou ainda que a composição do elenco ministerial será maioritariamente de civis, confirmando os rumores que circulavam quanto à saída de Correia Jesuino do Ministério da Comunicação Social, que passará a ser ocupado por um civil. Quanto ao major Costa Martins, que em certos círculos se diz ir sair do Ministério do Trabalho, o novo Primeiro-Ministro nada disse: nem confirmou nem desmentiu.

Sobre Vasco Gonçalves e a sua nomeação para chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, Pinheiro de Azevedo satisfaz a curiosidade pública afirmando que «seria de aguardar a prática do antigo Primeiro-Ministro no campo de acção, coesão e de unidade militar» e que só no futuro se poderá ter «elementos concretos se foi ou não correcta a decisão tomada».

ESTRANHAS ALTERAÇÕES

Continuação da pág. 1

quele arma e da sua representação na Assembleia do M. F. A.

Segundo apuramos as medidas tomadas implicam o afastamento da Assembleia da Força Aérea da maioria dos oficiais e sargentos progressistas, que vão ser mandados regressar às unidades prevenindo-se a sua substituição por oficiais hierarquicamente superiores. Todavia regista-se já, sobretudo nas classes de sargentos e praças de várias unidades da Força Aérea numero-

A POSIÇÃO DE MORAIS E SILVA

O chefe do Estado-Maior da Força Aérea, general Morais da Silva, emitiu um comunicado em que afirma ter defendido a substituição do general Vasco Gonçalves do cargo de Primeiro-Ministro, logo na primeira reunião dos três chefes do Estado-Maior. Diz ainda ter, de início, concordado com a sua passagem para chefe do Esta-

ACTIVIDADE INTENSA

Depois de no sábado ter recebido Mário Soares e Salgado Zenha, o almirante Pinheiro de Azevedo passou ontem o dia em Belém, onde, juntamente com o general Costa Gomes, teve várias reuniões com representantes de outros partidos. A primeira delegação a ser recebida foi a do P.P.D., cerca das 10 horas da manhã. Presentes o secretário-geral, Emídio Guerreiro, Júlio Castro Caldas, Alfredo Morgado e José Manuel Ramos. A tarde foi a vez do P.C.P., representado por Álvaro Cunhal e Octávio Pato. Os generais Otelo Saraiwa de Carvalho e Morais e Silva, chefe do Estado-Maior da Força Aérea (que ontem divulgou um documento em que manifestava o seu desacordo quanto à nomeação de Vasco Gonçalves para C.E.M.G.F.A., que hoje publicamos noutro local) foram igualmente recebidos em Belém pelo Presidente da República e Primeiro-Ministro. Representantes de alguns partidos da Frente Unida Popular tiveram também reuniões em Belém.

A POSIÇÃO DO P.S.

Entretanto, depois do encontro de Mário Soares e Salgado Zenha com o general Costa Gomes e o Primeiro-Ministro, Pinheiro de Azevedo, o Secretariado Nacional do P.S. emitiu um comunicado revelando ter entregue uma carta ao Presidente da República com as condições que exige para participar no novo Governo. Nessa carta o P.S. considera não ser possível um Governo de Salvação Nacional sem uma prévia clarificação da situação militar a qual, contudo, atingiu o auge da confusão com a cedência da chefia do E.M.G.F.A., que estavam nas mãos do Presidente da República, ao general Vasco Gonçalves.

Receia-se em sectores da Força Aérea que as posições marcadamente progressistas que aquela arma tem assumido desde o 11 de Março possam vir a ser contestadas ou alteradas numa direcção contrária ao avanço da nossa revolução.

do-Maior General das Forças Armadas, posição que nas reuniões seguintes viria a mudar «após um melhor estudo da situação político-militar e das consequências de tal escolha».

O comunicado do general Morais da Silva é do seguinte teor:

1. Por manifesta dificuldade de acesso às fontes oficiais de

ANGOLA

U.N.I.T.A. e M.P.L.A. pouco provável cessar-fogo a curto prazo

LUANDA, 2 — (R., F.P.) — Observadores estacionados nesta cidade manifestam dúvidas sobre se as conversações realizadas este fim-de-semana em Lisboa entre dirigentes do M.P.L.A. e da U.N.I.T.A. poderão conduzir a um cessar-fogo entre os dois movimentos, pelo menos a curto prazo. Cita-se, nomeadamente, um editorial publicado pelo «Jornal de Angola», considerado como reflectindo pontos de vista do M.P.L.A., o qual afirma que a luta de libertação de Angola se transformou num conflito entre o povo angolano e a U.N.I.T.A., aliada à F.N.L.A. Alude-se ainda a um comunicado de Lopo do Nascimento, divulgado após o seu regresso de Lisboa, no qual se não faz qualquer referência ao cessar-fogo e se acrescenta que os resultados das conversações de Lisboa requerem ainda uma confirmação de chefia dos dois movimentos. Por outro lado, afirma-se nos mesmos círculos que são escassas as possibilidades de, mesmo que as direcções dos dois movimentos acordem no termo das hostilidades, se conseguir separar as respectivas forças nas áreas onde a U.N.I.T.A. e a F.N.L.A. combatem em conjunto.

ACTIVIDADES MILITARES

Nas últimas horas, a actividade militar do E.L.N.A. tem sido praticamente nula, não havendo qualquer notícia sobre a sua progressão em direcção a Luanda, conforme ontem se anunciava. Esta situação diz que especialmente respeito à região do Caxito-Barra do Dande.

No sul do território, onde o M.P.L.A. mantém a acção quanto à presença de forças sul-africanas, a parte portuguesa, pronunciando-se pronunciando-se através de fontes próximas do alto-comissário, limita-se a revelar que os con-

Informação, têm os órgãos de Comunicação Social dado, por vezes, notícias menos precisas no que respeita a tomadas de posição político-militares do chefe de Estado-Maior da Força Aérea.

«2. Sobre a actual situação político-militar as tomadas de posição do chefe de Estado-Maior da Força Aérea foram as seguintes:

«a) Concordância com a apresentação de um documento, assinado por nove conselheiros da revolução, considerando que tal apresentação constituiria uma contribuição responsável para auxiliar à resolução da crise actual.

«b) Discordância com a metodologia utilizada, nomeadamente no que respeita à recolha de assinaturas pois, por conversa tinha com S.Ex.ª o Presidente da República, recolheu a informação de que tal não era aconselhável.

«c) Autorização para amplo debate, não só deste documento como do documento feito por um grupo de oficiais do Copcon.

«d) Logo na primeira reunião tida com o Directório e os três

tos armados que se registaram próximo de Pereira d'Eça envolveram apenas elementos do M.P.L.A. e mercenários brancos. Estes mercenários seriam antigos militares portugueses e elementos da ex-P.I.D.E. Contudo, o M.P.L.A., sem negar a presença de mercenários, acrescenta que entre os mesmos se encontram soldados sul-africanos e que o grupo recebe apoio da aviação daquele país.

Entretanto, o alto-comissário interino, general Ferreira de Macedo, teve no domingo, um encontro com o cônsul da África do Sul em Luanda, em que este desmentiu, formalmente, qualquer intervenção armada de tropas do seu país no extremo sul de Angola, bem como qualquer colaboração com qualquer espécie de milícia privada.

Por outro lado, uma delegação portuguesa ter-se-ia dirigido a Windhoek (Namíbia), para negociar a retirada das tropas sul-africanas que protegem a barragem de Ruacana, na província meridional do Cuanene.

TANQUES SOVÉTICOS EM LUANDA?

LUANDA, 1 — (F.P.) — Segundo rumores que circulam com insistência em Luanda, doze tanques russos teriam chegado, no domingo de manhã, por avião, à capital angolana.

Estes tanques teriam mesmo atravessado a cidade de madrugada, para alcançarem um destino desconhecido.

CONTRADIÇÃO FUNDAMENTAL

«A contradição fundamental é a que opõe as massas angolanas à reacção e ao fascismo», disse, em Luanda, o comandante Nito Alves, sublinhando: «É evidente pois que o M.P.L.A. não pode excluir nenhum burguês que queira lutar

chefes de Estado-Maior, defendeu a opinião de que o sr. Primeiro-Ministro, general Vasco Gonçalves, deveria ser substituído.

«e) Nas reuniões que se seguiram manteve sempre essa posição, insistindo sempre que a saída devia ser cuidada, pois a entrega total do general Vasco Gonçalves ao Movimento do «25 de Abril» era merecedora de uma saída digna.

«f) Concordeu de imediato com a escolha do chefe do Estado-Maior da Armada para o lugar de Primeiro-Ministro.

«g) Começou por concordar com a ideia da passagem do general Vasco Gonçalves para chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, na primeira reunião em que esta proposta foi apresentada.

«h) Em todas as reuniões seguintes, após um melhor estudo da situação político-militar

contra a reacção. Não pode excluir nenhum pequeno burguês que queira lutar contra a reacção. O M.P.L.A. não pode dar-se ao luxo, ao romantismo revolucionário, de negar que outras camadas de Angola queiram dar combate ao imperialismo. É pois, por isso, que neste momento é extremamente imperiosa a criação de uma tal frente anti-imperialista que passe pela frente anti-reaccionária.»

O comandante Nito Alves, uma das figuras mais destacadas das F.A.P.L.A., dirigindo-se a uma enorme multidão concentrada num comício popular no estádio de S. Paulo, em Luanda, recordou que o M.P.L.A. poderá ser obrigado a tomar posições que há primeira vista poderão não agradar emotivamente ao povo de Angola. «Só mais tarde o povo de Angola irá compreender, e essas ideias irão agradar».

O EXEMPLO VEM DE MOÇAMBIQUE

«Em Moçambique os camaradas da Frelimo fizeram um combate em que a disciplina foi a pedra de toque, em que a disciplina continua a ser a única possibilidade da vitória do povo moçambicano, sob a direcção da Frelimo, contra as forças da reacção que a atacam», disse ainda o comandante Nito Alves que subordinou o tema do comício à palavra de ordem «Produzir é resistir».

Propondo a criação de uma ampla frente anti-imperialista, Nito Alves chamou a atenção para o facto do povo angolano ter de estar consciente de que, se tem amigos em África, tem também inimigos naquele continente. «A África parece repleta de luta que se fez em Moçambique. O exemplo de Moçambique não agrada à maioria dos países africanos. A África está pois atenta para ver se o exemplo de Moçambique se repete ou não em Angola».

e das consequências de tal escolha, defendeu sempre a opinião de que o chefe de Estado-Maior General das Forças Armadas não deveria ser o general Vasco Gonçalves.

«i) Continua a manter tal posição, pois considera que essa escolha vem provocar um maior aumento de tensão ao nível militar e não contribui, de modo algum, para a união das Forças Armadas.

«j) Uma revolução feita para 80 por cento dos portugueses não pode ser transformada numa ditadura de 20 por cento de portugueses sobre os restantes 80 por cento. A escolha em causa pode estabelecer condições para que tal situação de ditadura de uma minoria se torne possível contrariando frontalmente as razões que levaram ao Movimento de 25 de Abril.»

CIDADE MARGINAL

O VENENO A QUARENTA À HORA

? Entrámos no táxi. E ainda o carro não estava em andamento já o motorista nos atirava: «Então os tipos da esquerda levaram mais uma achega, pois pelo que ouvi, mais tarde ou mais cedo, vão ser expulsos todos da Assembleia Nacional». «Qual esquerda?» — indagámos. «Ora qual esquerda é que havia de ser?» — e sorriume com ar cúmplice. A viagem continuou e passados alguns minutos o homem voltou à carga: «O amigo leu aquela notícia? Então o tipo parece que tem 87 mil contos num banco da Suíça e agora anda armado em revolucionário». E Jprosseguia «que tinha lido num jornal cujo nome esquecira, que o autor da afirmação tinha sido «o senhor Champallimaud, esse grande industrial», que até precisava o número da conta e o nome do banco. E mais isto e mais aquilo. E as fontes apresentadas pelo taxista continuaram a ser: «ouvi ali, lá acolá, disse-me o meu irmão que é aluno do 4.º ano de Economia».

GERADOR PORTUGUÊS

Claro que lhe demos luz, exigindo-lhe dados concretos. O homem titubeou. E acabou por ficar mudo até ao fim do percurso. Mas perguntamos: dos cem ou duzentos passageiros que este motorista jproprietário de dois táxis, segundo nos confessou) transporta diariamente, quantos não ficarão confusos perante a envolvimento do seu palavreado, o veneno da sua argumentação? Quantos não irão ficar mesmo desmobilizados para a revolução?

DIVERSÃO OU SUBVERSÃO...

Surpreendidos a partir as lâmpadas dos candeeiros de iluminação, existentes na estrada de acesso ao Forte do Alto do Duque, foram detidos pelo Copcon, e entregues no Governo Civil, Pedro Veiga, de 34 anos, e Paulo Sanches, de 20, ambos desempregados. As autoridades procuraram agora desvendar se a sua insólita atitude se insere numa simples manobra de diversão ou se, pelo contrário, persegue objectivos subversivos.

Irmãos gémeos

«Um problema de miúdas» motivou uma cena de agressão à navalhada entre jovens do Bairro do Caramão da Ajuda, do que resultaram ferimentos graves nos irmãos gémeos, Raúl Rodrigues e Octávio Rodrigues, mecânicos, de 17 anos, que recolheram em estado grave ao Hospital da Cuf.

Em FARO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ BRASILEIRA